

REVISTA DA SEMANA

N.º 14

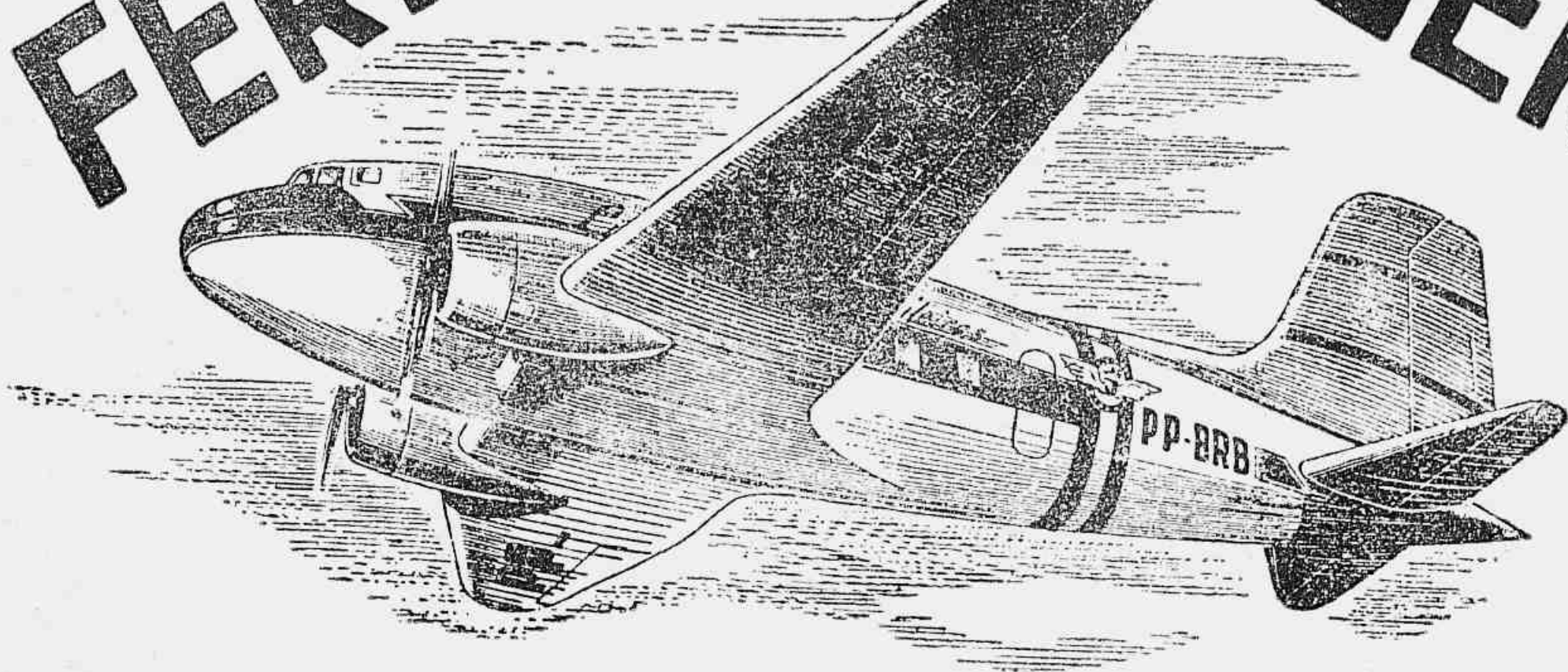
BIBLIOTHECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO
CONT.

CRS 2,00 EM TODO O BRASIL

3-4-48



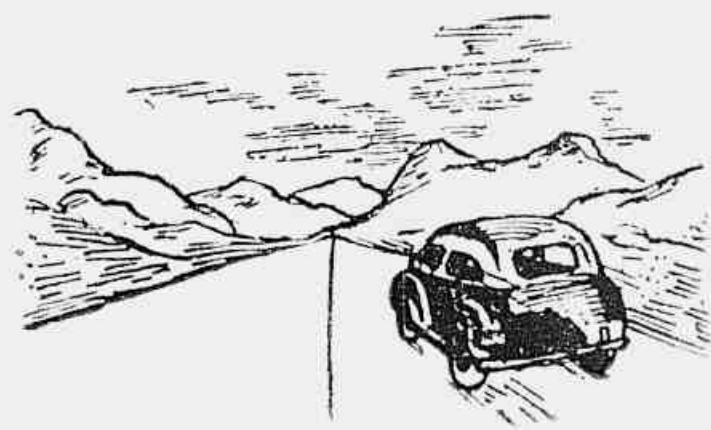
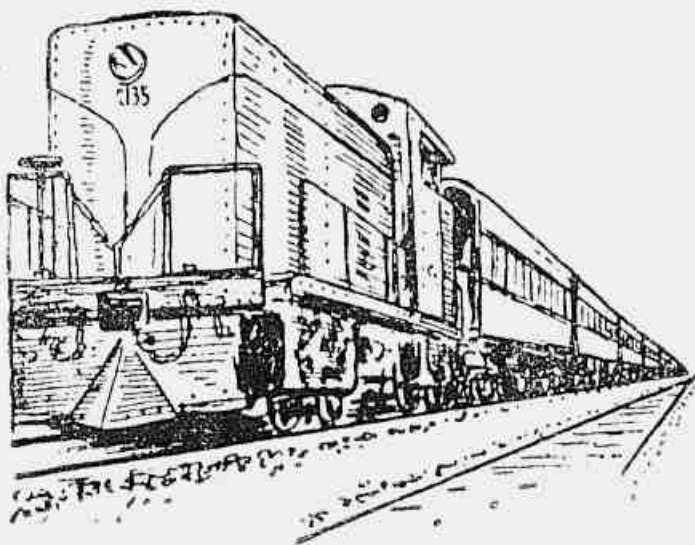
FÉRIAS. VIAGEM.



SE VAI ENTRAR EM FÉRIAS OU VAI VIAJAR
NÃO DEIXE O COMPANHEIRO INESQUECÍVEL

O ALMANAQUE EU SEI TUDO, para
1948, que está à venda em todo o
Brasil.

Por Cr\$ 15,00, — no país inteiro, —
os seus leitores conhecerão o que há
de mais moderno e interessante em
todo o mundo e o que guarda, atra-
vés dos tempos, a eterna beleza do
passado. Ciência, arte, esporte, lite-
ratura, charadas, diversões, aconteci-
mentos palpitantes, e um calendário
completo para 1948.



ATENDE-SE PELO REEMBOLSO
POSTAL SEM AUMENTO DE
PREÇO

Pedidos à COMPANHIA EDITORA
AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape n.º 15
—Rio de Janeiro

**ALMANAQUE
EU SEI TUDO**

SOL SÔBRE A MINHA RUA

SOL, sol gostoso sôbre a rua. Sol que faz vieses claros descendo das árvores e põe certo ar frioleiro no focinho do cachorro sentado junto ao portão. E' um cachorro extrovertido, pertencente à senhora francesa que mora no n.º 5. Passeia livre pela rua, pois tem licença da polícia. Di-lo isso uma placa de metal presa à coleira. Mas o cão — éle próprio — não diz muita coisa. Ou por outra: não late muita coisa. Não é cachorro de se impor e como não possui nenhuma forte característica racial, como está tudo diluído entre ancestralidades remotas da Pomerânia, com interferências de caniches, de foxes e até (faz pensar a longitude daquele baixo lombo dourado) de bassés, a dona não teme que alguém o roube.

Ele olha bem de frente, no momento, mas é claro que o olhar incisivo não chega a nenhuma conclusão. Fixa-se sôbre a sáia xadrezinho da colegial postada junto à árvore, a sábia sob um braço, o caderno aberto na mão livre. A menina parou ali para repetir o ponto de geografia. Fecha os olhos. Aterrorizada, percebe que os nomes dos rios lhe fugiram à memória. Nada a fazer! Não adianta procurar relações com outras coisas para fixar os nomes dos rios... Eles se dispersam. E' impossível retê-los. A manhã será clara demais através das janelas da escola. Mesmo a professora estará diluída na brancura da calça. Não existirão mais do que as flores vermelhas estampadas no vestido e a voz veemente com inflexões ásperas. Não terá rosto para a colegial que não sabe decorar o nome dos rios. E é impossível dizer razoavelmente as lições para uma professora sem rosto, desmanchada na claridade. A colegial suspira, mete o caderno de geografia na maleta e pensa no vasto mundo que se põe, com tanta dificuldade naqueles pontos copiados do quadro negro. Mundo cheio de rótulos, de remotas coisas indistintas. Se ela houvesse visto as águas daqueles rios todos, se ela se tivesse postado nas margens, atirado cascalhos às correntes, visto o correr das nuvens por cima, então ela seria, de certo modo, dona dos nomes e dos corpos dos rios. Eles caberiam em pílulas de idéias em sua cabeça, não seriam coisas áridas e sem sentido.

De um segundo andar sacodem um tapete. Espessa caudal de pó desce para a rua. À sacada, a mulher vigorosa parece cheia de braços tal a divindade oriental. Ferece-se na lucidez do ar. E' um desassossêgo intermimo, uma associação vertiginosa de gestos. Pleque pleque pleque. Comigo é assim. Não sei como há gente que não gosta de limpeza. Deus me livre! Pleque pleque pleque. Poeirama! A casa está tôda perfumada com o cheiro da cera espalhada. Depois lustro com o escovão. Pleque pleque pleque. Isto fica limpo num átimo...

A menina de cachos, de sáia xadrezinho foi para o meio da rua. Desculpe linda! Tomou pó em cima? Pontas de cigarros lá vão indo pelo ar. E partículas de poeira boiam nos vieses do sol. Poeira que os pés dos homens trouxeram de caminhadas. Um pedaço de linha de bordar... E' da cesta de costura da moça que prepara o enxoval. Um pouco do sonho da jovem vai para o meio da rua. Ela não sabe. Está dormindo no quarto que dá para o quintalejo de couves e de chuchús. E' uma ausência aprisionada no leito. E um pouquinho do seu sonho. (Ele casa comigo!) está flutuando no ar. Caiu, agora, o fiapo azul. O pé do homem o pisou. E nada aconteceu. Como é que o homem podia saber que pisava um fiozinho de sonho? O homem caminha devagar. A gente vê que éle anda pesado de mortos. Carrega os seus mortos todos. Não tem gestos. Um homem que carrega mortos não tem gestos. E' denso. Todo éle é feito de frações de outras vidas. Vidas que terminaram e continuam nele. O dia em que éle morrer morre muita gente. Tôda a gente que está atrás da sua testa. A mãe está embaixo de todos. Talvez nem o homem saiba. Ela está ordenada, olhando a casa, mexendo nas caçarolas, passando pito no menino que chegou da escola. Tem óculos de aros de prata. E os cabelos são pretos. Depois, a mãe ia continuar, o corpo murchava, os cabelos ganhavam fios brancos. Mas, para o homem, ela ficou naqueles gestos de lidar com as caçarolas. Ficou na severidade da repreensão. Reterrou-se nas linhas com que era feita naquele dia longinquo de infância, quando éle chegou da escola com a calça nova esburacada. Outro morto que éle carrega é o avô. O avô, que dizia depois do jantar: — "Pois é isso mesmol Nem só do pão vive o homem." O avô metaculoso, fazendo anotações num caderninho. Marcado de rugas. Vai com éle, também, a mulher de cabelos desenrolados que conduzia no flanco uma eterna lassidão. O "peignoir" róseo roçava pelas cadeiras da casa. A pele cheirava a creme de violetas. A canilena ia com ela como os cabelos lhe iam.

"Reviens, veux-tu? Ton absence a briséééé ma vieeee..."
E o amigo de chopadas, de gravatas violentas? E a tia de passinho de feltro? E o cachorro, amigo de quinze anos, que cresceu com éle e acabou em baixo de um automóvel? E o irmão sempre rival que, morto, se transformou em gestos e palavras bonitas?
O homem pesado de mortos, não vê o sol da manhã, mas o vê a francesa do n.º 5 que saiu para buscar o cachorro. Farellos de luz boiaram nos cabelos pintados de henné.
— "Viens Joujou! Viens!"

A meça da linha azul acordou. Foi para a sacada. Os átomos de pó de tapete sacudido se acalmaram. Ela abriu os braços brancos com preguiça e os braços se desmancharam no ar, se diluíram na luz, se incorporaram ao dia, à rua, ao inconsciente universal...

HELENA SILVEIRA

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

LEIAM

COLABORAÇÃO:

Sol sôbre minha rua (Helena Silveira) 3

BIOGRAFIA:

A vida de Inácio de Loyola (Henry Thomas e Dana Lee Thomas) 29

CARICATURA:

Bom humor 18/19

REPORTAGENS:

Um trono abandonado há vinte anos (Jorge Menezes) 6/9

Esplendor e decadência do "Mártir do Calvário" (Ney Machado) 10/15

Os melhores de 1947 no cinema americano 16/17

Jean Paul Sartre, pregoeiro moderno do existencialismo (Romain Lesage) 22/23

Artistas anônimos produzem maravilhas artísticas (Dan Carter) 26/28

CONTOS:

Estação d'águas (Fran Martins) 20/21

Olga (José Carlos Ávila Machado) 24/25

O catalisador (Carlindo Cerqueira) 40/41

O sítio da casa branca (Lausimar Laus Gomes) 43

SEÇÕES PERMANENTES:

A Semana em Revista 4

O Mundo Marcha 5

Gente de Rádio 30

Música 46

Cancioneiro Internacional 49

Caixa de ressonância (Michel B. Kamenka) 37

SUPLEMENTO DA MULHER:

Nos bastidores femininos (Kitty) 31

A nova lei da suntuosidade (Olga Obry) 32/33

Mães e filhos (Zóia de Laet) 34

Muro das lamentações 35

O espírito feminino através dos tempos 36

"Week-end" na cozinha (Marie Cook) 38

ILUSTRAÇÕES:

Armando Pacheco, Ana Zagorska, Armando Moura e Abelardo Zaluar

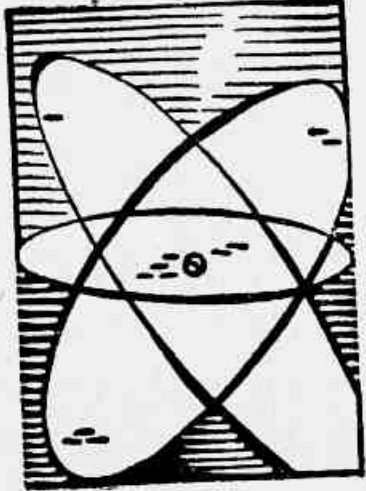
NOSSA CAPA



Aparece em nossa capa a suave e simpática Merle Oberon, que acaba de firmar contrato para estreiar uma série de grandes filmes para a RKO-Rádio. Dois deles já estão prontos e se chamam "Melodia da noite", no qual aparece ao lado de Dana Andrews, Ethel Barrymore e co-estrelando com Arthur Rubinstein, o famoso pianista. O outro filme é "Expresso para Berlim", de Robert Ryan e Paul Lukas. Como se vê, a veterana Merle Oberon continua ativa na cidade do cinema.

a Semana em Revista

CESAR LATTES, UMA GLÓRIA JOVEM DO BRASIL



temporâneo, queimam as pestanas no estudo desse momentoso e palpitante assunto. Um dos problemas a resolver era o da desintegração de elementos outros que não o urânio e o plutônio, — os chamados corpos simples, como o ferro, por

Da noite para o dia, um jovem brasileiro se fez célebre, comentado, discutido no mundo inteiro. Esse jovem é Cesar Lattes, natural do Estado do Paraná, com uma sólida cultura científica, iniciada em nosso país e desenvolvida na Inglaterra e, posteriormente, na Universidade de Berkeley, na Califórnia. Associado às pesquisas atômicas, fez observações valiosas e essas observações o levaram a descobrir como se pode produzir o "meson sub-atômico artificial". Nós, os leigos, não podemos penetrar nessa linguagem quase hermética, que exige conhecimentos especializados. A vulgarização que, em geral, acompanha essas descobertas, no trôco miúdo dos telegramas de jornais, nos deixa convencidos de que o jovem brasileiro deu um passo à frente das notabilidades que, no mundo con-

temporâneo, queimam as pestanas no estudo desse momentoso e palpitante assunto. Um dos problemas a resolver era o da desintegração de elementos outros que não o urânio e o plutônio, — os chamados corpos simples, como o ferro, por exemplo. Isso abre um campo de possibilidades ilimitadas à utilização da energia atômica, segundo acrescentam os telegramas. E o fato de já estarem sendo realizadas conferências científicas em Paris, por autoridades como o professor André Labarthe, que exaltou a importância da contribuição do jovem brasileiro, André Labarthe, que exaltou a importância da contribuição do jovem brasileiro, colocando-o ao lado de Lord Rutherford, — que primeiro levou a efeito a desintegração do átomo, — é altamente significativo. O que é mais curioso em tudo isso é que Cesar Lattes sempre foi avesso à evidência, nunca procurou de qual-quer forma atrair a atenção de quem quer que fosse para o seu trabalho, para as pesquisas em que vinha se empenhando na Universidade de Berkeley. Com os brasileiros, de quem se acercou, na Califórnia, sempre foi de extrema modéstia, nunca se declarando um "cientista", um "pesquisador", mas simplesmente um "estudante". Tal a conduta desse rapaz hoje célebre, aos vinte e pouco anos de idade, sem nenhum esforço aparente, senão o de sua aplicação ao estudo, e o de sua constância ao trabalho. Fala-se no seu nome, e até, como o de um provável laureado do prêmio Nobel de física, — láurea que, no caso de lhe ser concedida, valerá como a consagração mundial e permanente de seu esforço de servidor da ciência e do progresso humano.

★ MEDIDA QUE SE FAZ NECESSÁRIA



candidatura a cargos políticos de elementos que exerçam funções nas suas diretorias. Em verdade, de há muito se vem sentindo o efeito desastroso da políti-

Uma das emendas a ser feita ao Projeto de Lei Eleitoral é a de que os sindicatos de classe fiquem fora da política partidária, evitando-se, assim, que elementos responsáveis pela vida desses órgãos classistas lancem mão de seu prestígio em favor de interesses de caráter puramente pessoal, em prejuízo da massa de trabalhadores. Ao que parece, essa medida moralizadora será vitoriosa, uma vez que a maioria dos membros do Senado está propensa a aprová-la. Os senadores Atilio Vivacqua e Ferreira e Souza, respectivamente, presidente e membro da Comissão de Constituição e Justiça do Senado, em palestra com elementos da imprensa, foram francamente favoráveis à aceitação da emenda em apreço, considerando de véras prejudicial às finalidades dos sindicatos a

cagem dentro dos sindicatos, mormente em se tratando de casos em que haja interesse imediato dos dirigentes, os quais, pelo prestígio de que quase sempre gozam, chegam até ao ponto de forçar os operários e trabalhadores, sob ameaça, a dar-lhes o seu voto, o que não está nada de acordo com a livre escolha de candidatos que a Lei Eleitoral preceitua. Sendo, pois, os sindicatos corporações que lutam pela ampliação da justiça do trabalho e pela defesa dos direitos inalienáveis dos trabalhadores, com finalidade própria, da qual não se devem desviar, é justo que sejam defendidos contra os exploradores de nossos operários, que deles se vêm aproveitando em favor de seus interesses pessoais e causando enorme dano aos destinos democráticos do nosso povo. Pelas razões acima, achamos ser nosso dever de sentinelas indormidas da Pátria, aplaudir a medida a ser aprovada pelo Senado e externar nosso desejo de vê-la fielmente cumprida. Para que tenhamos uma verdadeira democracia, é necessário que não haja "máquinas eleitorais", de qualquer espécie, quer do governo, quer dos sindicatos. O voto popular deve ser decisivo e respeitado, — e o será quanto mais pura e límpida for a sua fonte.

★ O JOGO ACABOU... POIS SIM!



mente no noticiário dos jornais. Ainda sexta-feira, o noticiário policial do "Cor-

Foi esse o título de uma das mais sensacionais reportagens escritas por Ney Machado para a REVISTA DA SEMANA. Nessa corajosa denúncia sobre a corrupção dos nossos costumes, havia veementes libelos contra a jogatina que se alastra na cidade, como no resto do Brasil. Como resultado dessa denúncia, estão sendo levados a efeito "comandos policiais contra o jogo", tendo sido varejadas várias "fortalezas de bicheiros". Por que não é reprimido, igualmente, o jogo de cartas? Hoje, em antros elegantes e sob o disfarce de clubes disto ou daquilo, joga-se mais do que antes, — e sem nenhuma contribuição ao fisco. O "jogo do bicho", esse, nunca contribuiu com coisa alguma... Provas da veracidade da reportagem que estampamos podem ser encontradas diáriamente no noticiário dos jornais. Ainda sexta-feira, o noticiário policial do "Cor-

relo da Manhã" estampou esta nota assombrosa, na qual aparece nada mais nada menos que um general reformado como contraventor: "Por investigadores da Delegacia de Costumes e Diversões foram detidos, ontem, na rua Urugualana, próximo à rua do Rosario, o contraventor do jogo denominado "do bicho" Alcides Gomes Sobral e o general reformado do Exército Adolfo Luiz de Carvalho. O primeiro acusado de vender o jogo e o segundo de receber as apostas e conduzi-las aos banqueiros. Para ludibriar a Polícia, usavam do seguinte estratagemma: Alcides, simulando oferecer bilhetes de loteria vendia o jogo "do bicho" e, à proporção que recebia as listas de apostas, as colocava em envelopes, que, mais tarde, usando do mesmo truque, entregava a Adolfo Luiz de Carvalho, que fingindo escolher um dos bilhetes, guardava os envelopes numa pasta de couro que trazia nas mãos. Conduzidos à Delegacia, Adolfo Luiz de Carvalho, alegando a condição de general reformado do Exército, recusou-se a dar sua qualificação. Na pasta apreendida em seu poder foram encontrados seis envelopes com um total de 70 listas de apostas. Ambos foram autuados."

REVISTA DA SEMANA

Diretor-Secretário: R. MAGALHAES JUNIOR

ANO XLVII — N.º 14 — 3-4-48

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A décana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 90,00; Seis meses Cr\$ 45,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 110,00; Seis meses — Cr\$ 55,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 200,00; Seis meses — Cr\$ 100,00
O número avulso custa 2,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 2,50
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro
Tels. — Gerência: 22-2550; Secretaria: 22-4447;

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602
Corres. na Bahia: J. Machado Cunha, Av. 7 de Setembro, 149, Cid. do Salvador, Bahia.
EM SÃO PAULO — Vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Cap. Salomão, 67 — Tel. 4-1569 — Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, à rua Brigadeiro Tobias, 813 — 2.º andar, sala 217. Telefone 6-8718

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Agular Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyentes, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299. Tel. 32. Avenida 9109, Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-Presidente: GRATULIANO BRITO

Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos auto:rs

ESTE NUMERO CONSTA DE 52 PAGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.



No Rio de Janeiro a Semana Santa foi enlutada pelo sinistro da Escola Militar de Rezende, onde vários cadetes foram vítimas da explosão de uma mina, durante as manobras de campo realizadas pelos alunos do terceiro ano de engenharia. Vinte e oito alunos ficaram feridos, alguns gravemente, vindo a falecer momentos após a explosão os cadetes Valter Rocha e Clodoveu Roney... O embaixador soviético em Washington declarou, angelicamente, que a Rússia está sendo vítima de uma campanha de calúnias e que «a cortina de ferro é uma invenção dos seus inimigos»... Apesar disso, ou por esse motivo, o Congresso norte-americano se apressa em assinar o «misterioso projeto XX», destinado a financiar as campanhas anti-comunistas de «underground» nos países dominados pelos russos. Aham os políticos norte-americanos que se o Plano Marshall falhar, o Projeto XX garantirá o enfraquecimento da expansão soviética... William Tomaszek, adolescente de Chicago, resolveu bancar o Robin Hood moderno e iniciou uma guerra de flechas e balas de brinquedo contra os moradores do seu apartamento. Feriu seu irmão e pôs na rua o resto da família. A polícia teve que usar quatro bombas lacrimogêneas para dominá-lo, encontrando-o entrincheirado atrás de uma pilha de móveis. Seu pai declarou que ultimamente o juvenzinho andava um tanto nervoso... A Divisão do Imposto de Renda avisa ao público que vários espertalhões se têm apresentado em casas comerciais como fiscais do Imposto de Renda. Quando receber visita semelhante telefone para o Departamento legal... Os médicos franceses Lecoq e Bruel anunciam ter descoberto um preparado, à base de álcool, soro fisiológico e extrato hepático, capaz de curar os mais inveterados bebedores em sete dias. O resultado é tão positivo que os descobridores estão embriagados com o triunfo... A Casa da Moeda anuncia que iremos fabricar o nosso dinheiro-papel. Vários detentos, especialistas no assunto, irão por certo oferecer os seus longos conhecimentos... Nos domínios da política, a última notícia, até sábado de Aleluia, era o provável afastamento do sr. Ademar de Barros do governo paulista... Uma professora de Juiz de Fora trouxe ao Rio e expôs na Casa Carvalho um bolo cujo preço fixado pela doceira foi de dois mil e seiscentos cruzeiros. «Esse não é um bolo de Páscoa — dizia o Balbis, da A.B.I. — é um bolo de «reis»... A nossa reportagem sobre a franquia dos jogos proibidos parece que deu resultado. Mais de duzentos bicheiros foram presos. O mafuá-cassino da rua do Catete foi fechado. Bravos! E' preciso que a campanha continue... O judeu norte-americano Samuel Price propôs em um comício que se criasse «a semana do ódio». Amar é a nossa ruína, disse o rabino... Perón declarou aos jornalistas que nenhum soldado argentino sairá do hemisfério para travar guerra de conquista... No Rio, a Associação dos Cronistas Cinematográficos, em sessão especial, premiou os melhores filmes, atores e atrizes brasileiros no ano de 1947. O resultado do julgamento foi o seguinte: o melhor celulóide brasileiro: «Uma aventura aos quarenta»; o melhor «astro»: Flávio Cordeiro (do filme citado), vencendo na competição Grande Otelo, Anselmo Duarte e Celso Guimarães; a melhor «estréla»: Aída Carney (ainda daquele filme); em segundo lugar Cacilda Becker, no filme «Luz dos meus olhos»; o melhor diretor: Silveira Sampaio (ainda no filme «Uma aventura aos quarenta»); o melhor fotógrafo: Rui Santos, em «O malandro e a granfina»; a melhor partitura musical: Walter Schultz Pôrto Alegre, em «Querida Suzana»; a melhor história: a de Silveira Sampaio («Uma aventura aos quarenta»), e, por fim, o melhor cenarista: Silveira Sampaio, idem, idem. O resultado, como se vê, não representou a opinião dos fãs. Foi decepcionante e aventureiro em excesso... Um vespertino, noticiando a apreensão de um contrabando de jóias no valor de seiscentos mil cruzeiros, realizado no «Sampa Pinto» pelo funcionário aduaneiro Henrique Fernandes da Silva, louva-o declarando que o mesmo tem «vinte e dois anos de serviço e sete filhos». Por aficamos sabendo que procriar aumenta a capacidade profissional dos empregados das aduanas... O Centro Matogrossense, fechado pela Polícia porque ali se bancava jogo proibido, anuncia nos jornais que «sua sede já está funcionando normalmente». Como assim, senhor diretor, continuam bancando o campista?... No teatro, o acontecimento dominante da semana foi a ressurreição de «O Mártir do Calvário» (vide reportagem desenvolvida neste número). No Serrador, Bibi Ferreira continuou batendo «records» de bilheteria e comicidade, em «A pequena Catarina», o maior sucesso de 1948. Agora, o público aguarda, com crescente interesse, a estréia de Dulcina e Odilon, com a grande peça de Jean Cocteau, «A água de duas cabeças». Outra estréia da semana será «Anjo negro», de Nelson Rodrigues, no Fênix, com Itália Fausta... O Departamento de Geografia e Estatística da Prefeitura informou que o Rio possui cento e dezenove favelas, habitadas por 283.390 pessoas. Está aí um problema real, alitivo, vergonhoso para o governo resolver. Por hoje é só... até sábado...



No dia seguinte...

É muito comum, no dia seguinte ao de reuniões infantis, as crianças amanhecerem indispostas, sem apetite, com vontade de vomitar, dôres no ventre e outros desarranjos do estômago e intestinos.

As vezes, os efeitos das gulodices (que, não raro, já encontram um estômagozinho sujo, mal preparado para recebê-las) se fazem sentir até no mesmo dia, ou durante a noite. De qualquer modo que isto aconteça, a pobre criança pagará caro alguns breves momentos de prazer, se o seu mal não fôr prontamente atalhado com um remédio de confiança, que lhe proporcione rápido alívio. Quem tiver ocasião de constatar os resultados surpreendentes do **Ventre-Livre** certamente não deixará mais de empregá-lo em tais casos.

As mães cuidadosas não devem, entretanto, esperar que as crianças tenham uma perturbação forte para recorrer ao **Ventre-Livre**. Compete-lhes impedir que as horas felizes de seus filhos se convertam em sofrimento. Serão evitadas as intoxicações se, além de uma alimentação sadia, o estômago e intestinos dos pequenitos fôrem mantidos sempre bem limpos e bem tonificados com o uso frequente de **Ventre-Livre**.

De ação suave e gosto agradável, **Ventre-Livre** evita e trata as indigestões e todos os distúrbios causados pela prisão de ventre, sendo muito aconselhável o emprêgo desse remédio antes e depois das festas infantis.

Não esquecer nunca:
Ventre-Livre não é purgante

Cartas á redação

A PROPÓSITO DO "POETA MACACO"

Escreve-nos, de Campos, o jornalista Claudinier Martins:

«Senhor redator da REVISTA DA SEMANA. — A escritora Lucia Benedetti, com uma ternura quase divina, traçou algumas linhas comovidas sobre o «Poeta Macaco» na REVISTA DA SEMANA. Jamais, em vida, o tresloucado vate imaginaria que os seus bizarros versos iriam tocar a sensibilidade de uma escritora, que e consagraria numa página da mais antiga revista do Brasil. Lucia Benedetti, cujo talento tanto aprecio, compreendeu o poeta estranho, que inventava vocábulos, na elaboração da sua poesia, em que há ritmo e, às vezes, lirismo, como na quadrinha:

«Vem cá, Belinha,
Meu lindo chá,
O' tramelinha
De cambucá.»

Vê-se que o vate catarrineo tinha sensibilidade. O lindo chá é uma expressão de galanteio, e o vocativo «ó tramelinha de cambucá» leva-nos a pensar que ela era um cofre raro em que êle trancou o seu coração. Xavier, nos versos — «na Rua da Constituição tem um piano que faz dão... dão...» é um precursor da escola futurista onomatopaica. O trabalho da sra. Lúcia é bom; é pena que a autora desconheça a obra in-totum. O livro «Nuvens do Oceano» foi prefaciado por João Barreto, grande conhecedor do vernáculo. Do poeta Macaco há grande cópia de trabalhos nos jornais de Campos. Revela-se-nos helenista sui-generis: — «Nas trompas do hierofante, cobertas de avestruz, o hidromedario geme na Grécia dos paus».

Os últimos versos do trabalho da sra. Lucia são de Santana Pinto, poeta macaéense, e não de Theofilo Xavier. — Claudinier Martins — Campos, março de 1948.»

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam



A
A
C
S
G

R
J

C
tan
lin
da
Ra
cid
no
lat
ta
les
con
me
con
e c
—
ap
Ca
an
pai
cio

Nes
rain
ren

UM TRONO ABANDONADO HÁ VINTE ANOS

ARLETE BRAGA SALES REINICIA A TRADIÇÃO DA "MICARÊME" — ELEITA A MAIS BELA DA CIDADE ENTRE SESENTA E QUATRO CONCORRENTES — O MAIOR SEGRÉDO DA RAINHA — UM VESTIDO QUE CUSTOU OITO MIL CRUZEIROS — A FESTA DA COROAÇÃO

Reportagem de
JORGE MENEZES



Fotos de
ARNALDO VIEIRA

CAPITAL da República dos Estados Unidos do Brasil, o Rio de Janeiro é, no entanto, um verdadeiro celeiro de lindas rainhas. Aimée, a Rainha das Atrizes; Dircinha Batista, a Rainha do Rádio; Maria Aparecida, prêmio de beleza mestiça no concurso da Rainha das Mulatas. Agora, por último, foi eleita a lindíssima Arlete Braga Sales, que é a Rainha da Cidade, coroada na festa de "Mi-Carême". Arlete Braga Sales mora com a família — pai, mãe, irmã e outra jovem criada pelos pais — num modesto mas confortável apartamento da rua Sacadura Cabral. Tem apenas dezessete anos mas já luta pela vida. Seu pai é gerente do Cinema Estácio, à rua Haddock Lobo, e ele

nos garantiu durante a conversa:

— Todas duas trabalham, é verdade, mas todo o dinheiro que recebem é apenas para vestidos e coisas de seu uso.

Aliás, as duas não precisariam ajuar nas despesas, pois o ordenado do "velho" é bastante, e sua esposa, dona Amélia, é uma dona de casa eficiente, que resolve por si mesma a maioria dos problemas domésticos. Foi com certo orgulho que ela nos confessou:

— Nunca mandamos fazer um vestido fora. Mesmo os vestidos de baile das meninas são feitos por mim, com a ajuda delas.

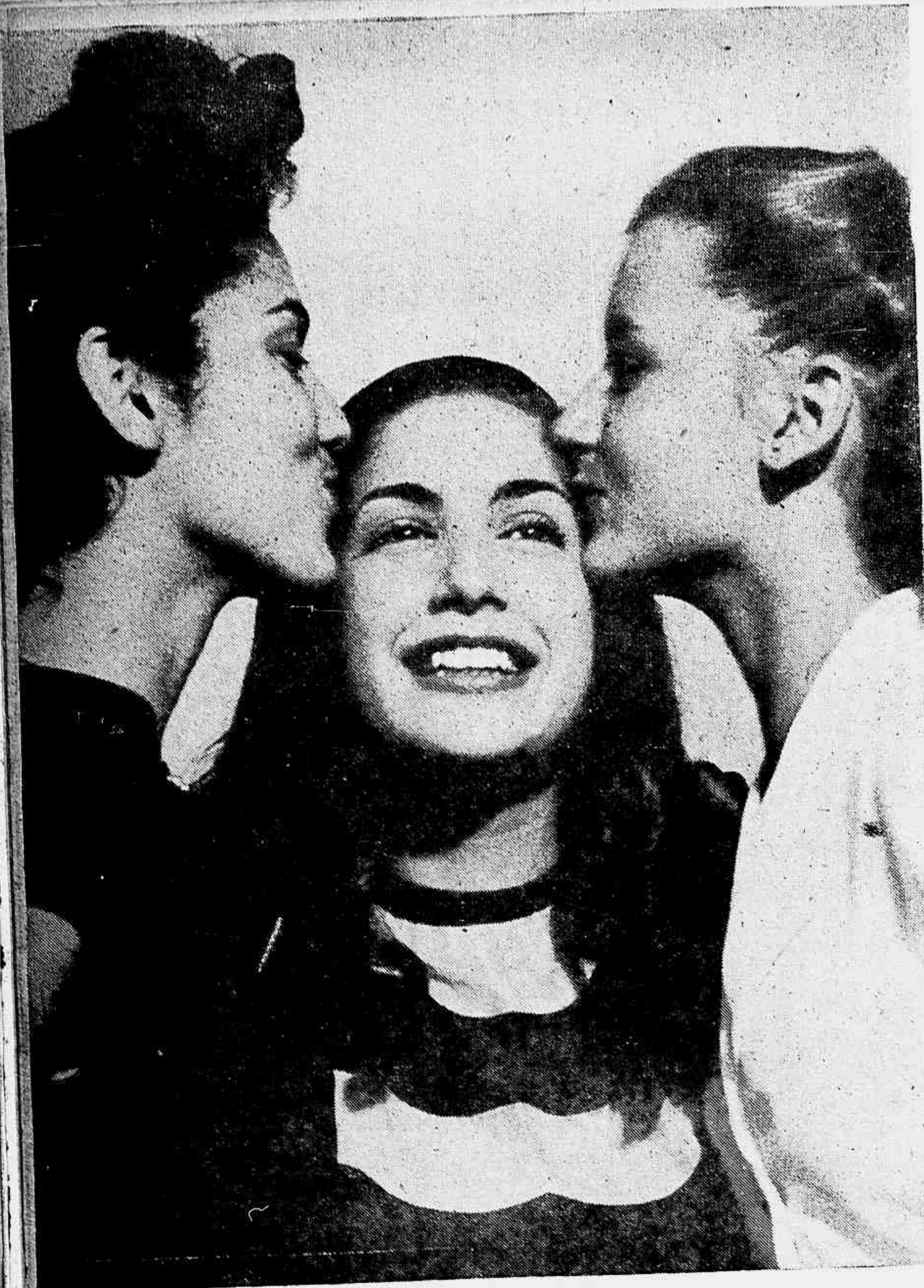
Como nasce a popularidade

Arlete era uma desconhecida



Nesta página, em cima: a "Rainha da Cidade" momentos depois de receber a coroa pelo seu reinado, que durará até o próximo Sábado de Aleluia. Em baixo: um aspecto da rainha e de suas princesas durante o baile da coroação. Na página ao lado: um "close-up" de Arlete Braga Sales. Nunca um júri escolheu tão bem em meio a tantas concorrentes, bonitas e graciosas, a perfeita vencedora. Arlete, além de bonita, é uma das pequenas mais fotogênicas do Rio. Nenhuma fotografia sua lhe compromete, qualquer que seja o ângulo escolhido pelo fotógrafo. Parabens aos dez membros da comissão julgadora pela acertada escolha...





comerciária da cidade. Desconhecida não é bem o termo, pois quem a vê uma vez não a esquece mais. Além de bonita, é graciosa e esufiante de vida. Não é orgulhosa. Pinta-se menos que sua irmã (outra garota lindíssima) e não se cansa de dizer aos jornalistas:

— O senhor não acha que minha irmã Mary era quem merecia o título de rainha? E' muito mais bonita, não acha?...

Mas o fato é que sua irmã não poderia concorrer. E' funcionária pública, e o concurso foi aberto apenas às comerciárias do Rio. Arlete ia levando a sua vidinha de garota bonita e bem comportada. Não perdia um lançamento cinematográfico e dificilmente deixava de comparecer a um baile dos nossos clubes esportivos. Dona Amélia, porém, acha que Mary é mais entusiasmada para festas do que Arlete. Mary explicou-nos a razão:

— Mamãe acha que eu sou um pouco mais frívola que Arlete, mas não tem razão. Gostamos ambas das mesmas coisas.

Arlete, a rainha, confirma:

— Basta dizer que estamos juntas em todos os lugares e que não há, nem nunca houve, segredos entre nós duas.

Essa mocinha encantadora foi a escolhida entre sessenta e quatro candidatas num concurso seríssimo, em que não houve "mar-

meladas" nem reclamações. E da noite para o dia seu retrato, que até então só figurava no album da família e, talvez, na carteira de seu namorado, passou a aparecer em todos os jornais do Rio e em alguns dos Estados. Revistas disputam horas para reportagens, e cinegrafistas fazem fila para obterem "close-up" e "long-shots". Arlete satisfaz a todos. Compareceu a um sem número de reuniões oficiais, sempre com o mesmo sorriso e bom humor.

— Meu reinado é curto (ela já considerava terminado o seu reinado no sábado de Aleluia). E eu preciso chegar para todas as encomendas.

Os segredos da rainha

Ninguém da família do sr. Silvino Braga Sales faz questão de guardar segredos dos hábitos da rainha. Dona Amélia contou-nos toda a sua vida, desde o tempo em que Arlete era uma garota travessa da cidade de Campos, terra natal de todos eles. Arlete educou-se em colégio de freiras. Perguntamos qual era o santo de sua devoção. Arlete levantou a cabecinha para cima e pensou, pensou, semicerrando os seus grandes olhos castanhos. Depois de muito parafusar, ela nos disse:

(Continua na página 47)

Em cima: a "Rainha da Cidade" recebe os beijos de felicitações das princesas Aracy Silveira, à esquerda, e Maria Jacobina. Em baixo: a família real reunida lê os telegramas, as cartas e jornais que falam da vitória da "Rainha". Aparecem na foto: o papai Silvino Azevedo Sales, Mary, irmã da "Rainha", dona Amélia, elevada ao posto de "Rainha-mãe" e Arlete. Na página ao lado: Arlete experimenta o vestido que usará na coroação. A sãia tem quase dez metros de roda e a fazenda custou cinco mil cruzeiros. Parece bem a história da Gata Borracheira...



E
o,
o
a
s-
r-
s-
as
as
e-
is-
m
is,
e

já
eu
a).
las

Sil-
de
da
nos
apo
ota
os,
lete
ras.
anto
ntou
pen-
os
hos.
ela

47)

amas,
-mãe"
em a



INRI





Na página ao lado: Jesus Ruas, já consagrado como protagonista do drama sacro de Eduardo Garrido "O Mártir do Calvário" ensala a cena da crucificação, Jesus Ruas vive o papel do Messias há vinte anos consecutivos e sabe toda a peça de cor. Comparece aos ensaios apenas, para ajudar o trabalho do conjunto. O soldado com a lança à esquerda é Humberto Miranda, ensaiador da peça e um dos que interpretaram o drama sacro pela primeira vez, no mesmo palco do Teatro Recreio, há quarenta e quatro anos passados. Em cima: Jesus Ruas explica a Aurea Palva, — a Samaritana, — como se deve carregar uma cruz.

ESPLENDOR E DECADÊNCIA DO "MÁRTIR DO CALVÁRIO"

O drama sacro «O Mártir do Calvário», de Eduardo Garrido, tem obtido «records» teatrais interessantes. Apesar de ser representado apenas duas noites em cada ano, na Quinta e Sexta-Feira da Paixão, já foi levado à cena duzentas e vinte mil vezes, desde a sua estréia, na Quarta-Feira da Paixão de 1904, até hoje, isto em noventa dias, tantas foram as Quintas e Sextas-Feiras Santas passadas até 1948. Esta cifra está calculada com excesso de zelo, pois não computamos as representações por teatros de amadores, por associações religiosas, das quais a Sociedade Brasileira de Autores Teatrais não tem conheci-

DUZENTAS E VINTE MIL REPRESENTAÇÕES EM NOVENTA DIAS DE FUNÇÃO — "O MÁRTIR DO CALVÁRIO" NASCEU EM PARÍS — O GRANDE MEDO DE EDUARDO GARRIDO — CEM CIRCOS REPRESENTAM NA SEMANA SANTA A FAMOSA PEÇA — UM PALHAÇO E DOIS CÔMICOS JÁ VIVERAM O PAPEL DE "JESUS CRISTO" — O ANEDOTÁRIO DO DRAMA — OS ATORES QUE RESISTIRAM ATÉ HOJE COM A PEÇA

Reportagem de
NEY MACHADO



Fotos de
ARNALDO VIEIRA

mento oficial e não pode contar em sua estatística. Por outro lado o nosso cálculo baseou-se em cinco representações durante os dois dias — duas sessões na quinta, a «matinée» e duas sessões na sexta-feira. Antigamente o drama era estreado na quarta-feira da Semana Santa e obtinha duas «matinées». Este decréscimo de encenações é um indício de que a peça já não está contando nos dias de hoje com a mesma quantidade de público de algumas dezenas de anos atrás. Esta foi a opinião de alguns atores com quem conversamos, inclusive de Artur Sanches, que vem trabalhando na peça desde 1929. É da mesma opinião o

Três personagens destacados do drama de Eduardo Garrido: a Virgem Maria (Itálla Fausta, o sinistro Judas (Manuel Vieira) e a arrependida Madalena. Nesta peça os personagens são interpretados todos os anos pelo mesmo artista, que se torna o "dono da posição", como se diz em gíria esportiva. Manuel Vieira, por exemplo, está convencido que é um Judas perfeito, e tem razão.





O Cristo que vimos em mangas de camisa na página anterior, ensalando o seu difícil papel, aparece aqui com o semblante cheio de dor de Jesus crucificado da história cristã. Enquanto ele sofre na cruz armada no palco, na platéia, senhoras religiosas e impressionáveis derramam copioso pranto.

sr. Djalma Bittencourt, superintendente da S.E.A.T., que vem acompanhando pelos «bordereaux» recebidos anualmente pela sociedade o êxito da peça. Segundo Djalma Bittencourt, a peça de Eduardo Garrido não resistirá como força de bilheteria mais de seis anos. Quando perguntamos o por que êsse declínio rápido da peça quase semi-centenária, ele nos respondeu:

— Creio que o principal motivo será o aparecimento de novas peças sacras que concorrerão com a antiga. A peça de Artur Rocha «Deus e a Natureza» — representada no Rio pela Companhia de Vicente Celestino — tem roubado muito público de «O Mártir do Calvário». Também em Porto Alegre a peça de Artur Rocha é muito representada. Se novas peças surgirem, o público preferirá, talvez, as versões modernas, desde que, é claro, elas sejam bem escritas e realizadas como o drama do falecido Eduardo Garrido.

COMO NASCEU «O MÁRTIR DO CALVÁRIO»

Eduardo Vitorino, no seu livro «Atores e Atrizes», nos conta como nasceu a peça consagrada. Estava Vitorino em Paris começando a escrever uma peça, em prosa, sobre a vida de Jesus. Vamos deixar que conte com suas próprias palavras. Diz êle:

— U'a manhã, Garrido foi visitar-me e, à vista das folhas de papel, perguntou-me o que estava escrevendo. Diss-lho.

— Oh! Diabo! Eu estava, precisamente, a pensar num mistério sobre êsse assunto, mas em verso.

Achei a idéia de Garrido ótima, rasguei o que havia feito e combinamos ali mesmo o corte da peça. Eduardo Garrido escreveu a peça em dois ou três meses. Em uma das suas cartas que me dirigiu para Lisboa, — escreveu-me dezenas sobre o assunto, — dizia assim: «Acho que a peça deve dividir-se em cinco partes, tendo cada uma três quadros. O último terá quatro com a apoteose, o que não quer dizer nada: não é quadro falado».

Assim termina Vitorino a notícia do nascimento da peça. Peça que foi planejada em Paris, escrita em Portugal e que veio causar sucesso no Brasil. Eduardo Garrido desejava que Artur Azevedo lesse e modificasse os originais e isso êle mandou dizer muitas vezes a Vitorino, que já se encontrava no Rio. Mas não foi possível, quando êste recebeu a primeira carta do autor a peça já se encontrava inteiramente pronta para ser levada à cena. O medo de Garrido era que os intelectuais não se agradassem do estilo. E êle diz certa vez ao seu amigo: — «Estou cheio de medo. Valhano o público do «Santo Antônio», que foi para quem eu escrevi a peça. Se lhe agrada está salva a pátria. Mas não terá morrido êsse público? Deus queira que não. Em todo o caso, de pancadaria da imprensa é que eu não me livro: a literatura há de querer Rostand em versos de Braz Martins (Olavo Braz Martins dos Guimarães Bilac), mas eu só quis fazer uma coisa com a forma ingênua dos velhos autos, por destinar a peça ao Zé Povinho»...

Os receios de Eduardo Garrido não se

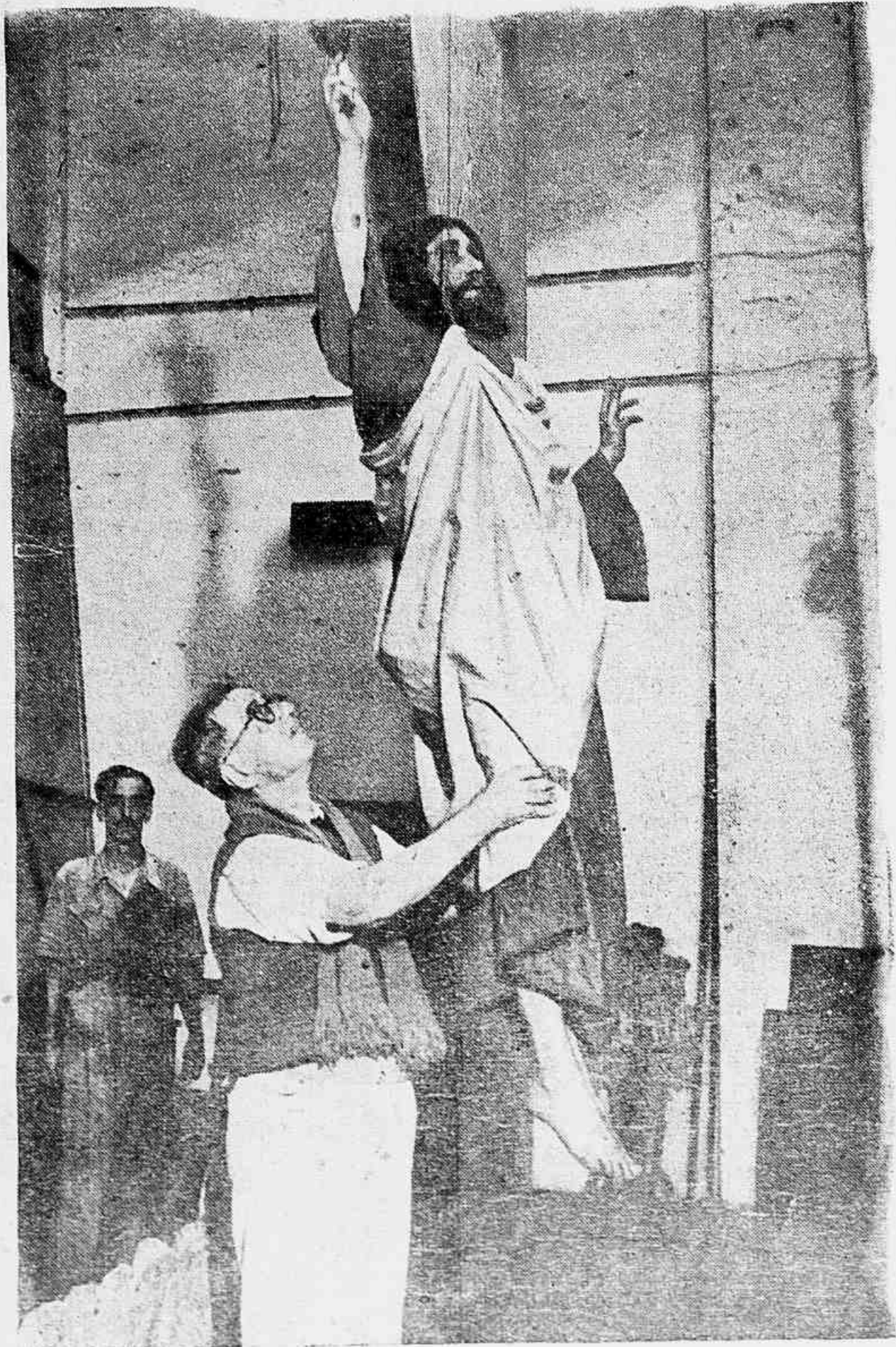
concretizaram. Quando a peça foi estreada no Teatro Recreio, em 1904, tanto o público como o Zé Povinho renderam-lhe os mais calorosos aplausos. Eduardo Garrido nunca poderia ter imaginado que a sua peça tivesse uma vida tão longa e rendosa.

«O MÁRTIR DO CALVÁRIO» FAZ SUCESSO NOS CIRCOS

A grande força da peça é o público dos subúrbios, das classes mais humildes, onde o espírito religioso ainda é idêntico ao de há vinte e trinta anos atrás. Nisso não há nenhum desdouro à peça ou aos artistas que a representam, porque o teatro é assim mesmo: tem que contentar às elites e às massas com peças adequadas a cada uma dessas camadas. Para se avaliar a força do público modesto em «O Mártir do Calvário» temos o seguinte: nos dias da Semana Santa em que vai à cena, é representado ao mesmo tempo no território nacional em cem circos e pavilhões e em perto de trinta teatros. O Estado em que a peça é mais representada e paga mais direitos autorais é São Paulo, justamente por possuir na capital e no interior grandes circos permanentes. Folheando jornais paulistanos, vimos grandes anúncios dos circos Piolim e Seyssel, ambos anunciando a mesma peça. O Circo Seyssel — no qual trabalha o palhaço Arrelia, atualmente nesta capital — garante que centenas de figurantes tomarão parte no espetáculo. Os direitos autorais da peça, arrecadados pela S.E.A.T., são de propriedade do Retiro da Casa dos Artistas, e figura como uma das grandes fontes de renda do asilo. Desde 1917, quando a Sociedade Brasileira de Autores Teatrais começou a controlar o recebimento dos direitos autorais, a peça nunca rendeu menos de cem mil cruzeiros. Aliás, deve ser uma arrecadação falha, escapando muito dinheiro. Dizemos isso porque temos em mão o «bordereaux» das duas sessões realizadas no ano passado no Teatro Recreio. Somente naquele dia, Sexta-Feira Santa, as bilheteiras acusaram um recebimento de sessenta e quatro mil setecentos e sessenta e oito cruzeiros, em duas sessões noturnas e uma vespéral, estando já excluída dêsse total a parte referente aos selos sobre as entradas.

OS «CRISTOS» BRASILEIROS

Desde a estréia em 1904, nada menos de quatorze grandes atores interpretaram o papel de Jesus Cristo. E' um papel difícil que exige não somente talento dramático, como também bastante semelhança física com o personagem. Todos os espectadores conhecem, de gravuras e imagens, a figura alta e esguia do Nazareno, e é necessário que o intérprete seja também alto e magro. Quando o artista começa a engordar, é obrigado a abandonar o papel. Muitos, quando se aproxima a Semana Santa, entram num regime rigoroso a fim de perder as banhas. O primeiro a interpretar o papel, o seu criador, foi Olimpio Nogueira, na Companhia Dias Braga, no mesmo Teatro Recreio, onde fazemos hoje a nossa reportagem. Citam-se depois dele alguns que ficaram famosos na interpretação.



Nesta página, em baixo e em cima, aparecem duas fases da subida do Nazareno para a cruz, feita com o pano de boca fechado. O auxiliar que o ajuda (na foto em baixo) é o carpinteiro Antonio Novellino que trabalhou na primeira montagem da peça, há 44 anos atrás.

INRI





Uma expressão curiosa de um dos intérpretes principais da peça que reúne, quando completa, cem pessoas, entre figurantes e artistas. No original de Eduardo Garrido são descritos sessenta e oito personagens de maior e menor relevo.



A direita: Um "close-up" do melgo Nazareno, quando foi interpretado por Armando Rosas, que substituiu eventualmente, há alguns anos, o ator Jesus Ruas. Armando Rosas saiu-se bem do compromisso e soube dar à figura de Jesus a suavidade de que nos falam as lendas.

como Teixeira Pinto, J. Sampalo (na cidade do Recife), Luis Médicis e Rodolfo Arena, em São Paulo. Dizem que Rodolfo Arena é o que mais se assemelha às estampas do mártir da cristandade. O seu rosto, mesmo sem maquiagem, lembra imediatamente a imagem de Cristo. Viveram ainda o mesmo papel: Franklin de Almeida, hoje aposentado do teatro e vivendo de rendimentos; João Fernandes, trabalhando atualmente na Rádio Nacional; Pedro Celestino e Vicente Celestino. Este, há alguns anos, passou a encenar, nessa época, «Deus e a Natureza», peça mais fácil de ser apresentada, devido ao pequeno número de participantes. E ainda, como originalidade, o palhaço Benjamin de Oliveira, o único preto que interpretou esse personagem, tendo aparecido — segundo dizem — todo pintado de branco. Também constituíram exceção as interpretações de J. Figueiredo e José Loureiro, por terem sido os únicos cômicos que se aventuraram a viver o papel. A partir de 1925 Jesus Ruas tem se consagrado nessa interpretação, e a partir daquela data tem aparecido todos os anos no papel. Somente em 1946, em virtude de ter sofrido um acidente dias antes da estréia, foi obrigado a ceder o seu lugar a Armando Rosas. E pela primeira vez Jesus Ruas surgiu na peça em um papel diferente, na figura de Herodes, com um braço enfaixado debaixo da longa túnica.

«O MÁRTIR DO CALVÁRIO» E AS ANEDOTAS

Uma peça que vem se mantendo há tantos anos no cartaz tem, forçosamente, um longo anedotário, criado e vivido pelos seus intérpretes durante as cenas. Uma das mais célebres e espirituosas passou-se há muitos anos, quando o popular cômico Chaby fazia o papel de Caifaz. O seu amigo de drama, Anaz, tinha que lhe dizer, em certo momento, referindo-se ao Cristo:

— Que o enforcamos é mister, Caifaz!...

Ao que responderia Caifaz:

— Estou de acôrdo, estou de acôrdo...

O rapaz, querendo brincar com Chaby, mudou a tônica de uma palavra e trocou de posição a vírgula e disse assim:

— Que o enforcamos, mister Caifaz!

Chaby, repentista como poucos, não perdeu a oportunidade e lhe respondeu em puro americano:

— All right, all right...

Está visto que esta americanização do diálogo, dita entre os cenários do ano 33, provocou uma estrondosa gargalhada da assistência.

Jesus Ruas conta, também, uma muito boa, passada com o elenco em que trabalhava. Faltando personagens para todos os papéis, pegaram, à última hora, um tenor italiano da companhia, muito chucro, que só sabia cantar, nada mais. No papel de judeu errante, teria que dizer somente o seguinte: «Passagem dai-me! Passagem dai-me!». No momento em que se encontra sentado num tócco banco de pedra, preparando-se para dizer a meia dúzia de palavras, o contra-regra começou a chamar, aflito: «Caifaz! Caifaz! Entra!...». O tenor (Luis Valperga) pro-

cupa-se com aquilo e grita, forte, com sua voz abaritonada:

— Caifasso! Vene que já te chiamano!

Com a sua «ajuda» todo mundo riu. Até o Cristo, preparando-se para carregar a cruz, atrás dos bastidores, teve que soltar uma bruta gargalhada, nada de acôrdo com o seu semblante de sofredor.

Se a reportagem não estivesse restrita a um determinado espaço, poderíamos contar meia dúzia de piadas acontecidas durante a representação, inclusive aquela dos soldados romanos. Como sabem, eles ficam flagelando o Cristo, que está crucificado. Um ator, inimigo ferrenho do companheiro que estava representando o Nazareno, aproveita a oportunidade para enfiar de verdade a lança de madeira no corpo nu do Mártir. Nesse instante, o «Cristo», vendo que aquilo não era da peça, diz entre dentes, raivoso, para o soldado romano:

— Se me machucares de novo, pego-te lá fora, vagabundo!

Felizmente ninguém da platéia ouviu a heresia...

OS VETERANOS

Poucos dos que trabalharam no espetáculo de estréia na Companhia Dias Braga vivem ainda. E dos que vivem só encontramos dois que ainda trabalham em teatro. São eles o atual ensaiador de revistas Humberto Miranda, que em 1904 fazia o papel de José de Arimatéia. Agora em 1948 esteve firme, ensaiando o elenco que representou «O Mártir do Calvário», no Teatro Recreio, o mesmo teatro que há quarenta e quatro anos o viu, jovem e elegante, num papel diferente. Outro é o carpinteiro Antônio Novelino, que trabalhou na montagem do primeiro espetáculo e depois continuou armando e desarmando os mesmos cenários em todas as representações até agora. Já construiu mais de quarenta cruzeiros. Dissemos-lhe a respeito:

— O senhor é um homem de sorte, Novelino: constrói as cruzeiros mas não as carrega.

E ele, num desabafo:

— Carrego, sim, mas é lá em casa. E que cruz pesada!...

Esta peça, mesmo quando dada por elencos de profissionais, inclui dezenas de amadores. Alguns vêm, todos os anos, ao teatro, trabalhar quase de graça, fazendo parte do povo ou dos soldados. É uma espécie de ato de penitência...

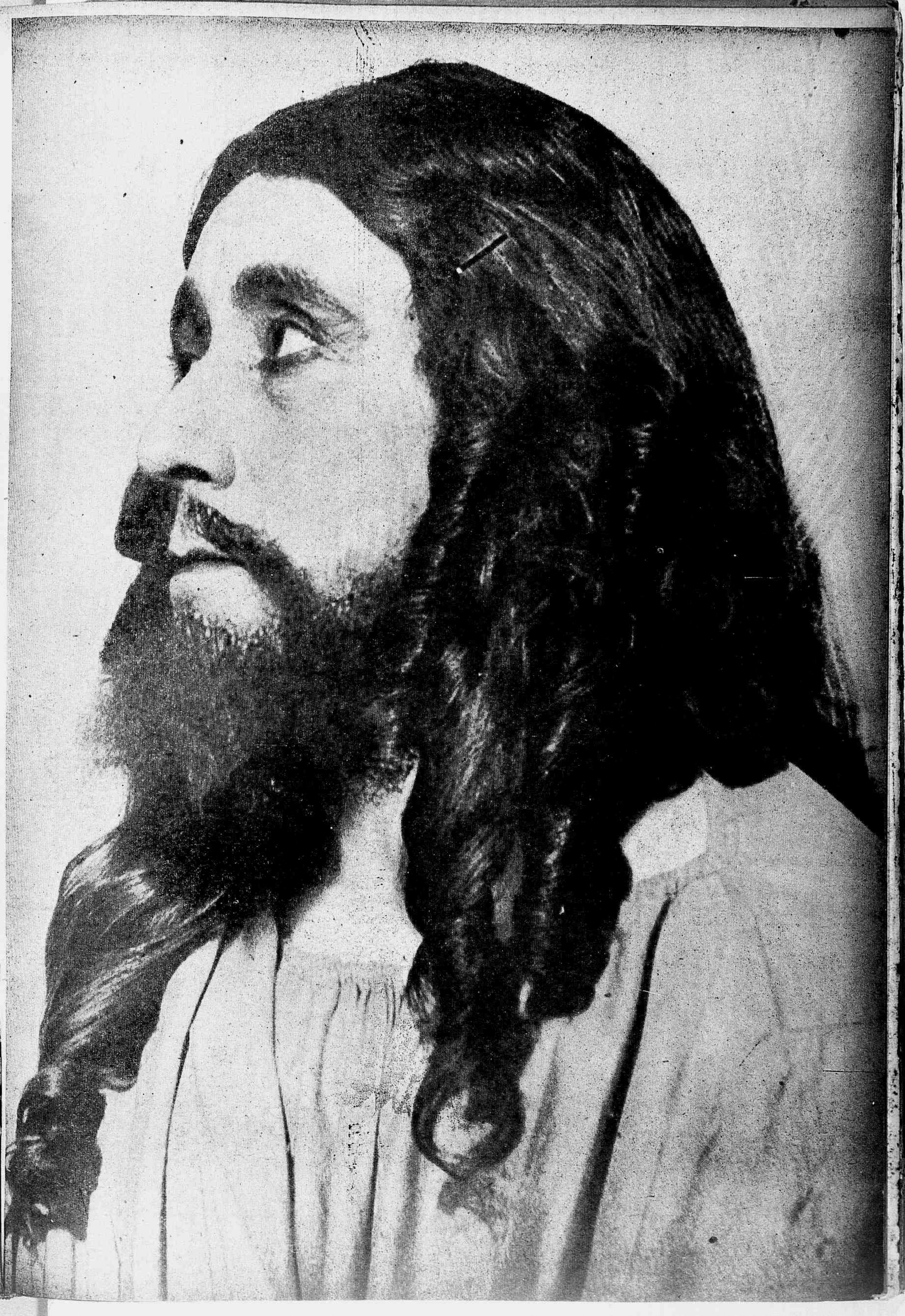
NOVENTA E SEIS MIL CRUZEIROS DE RECEITA EM DOIS DIAS

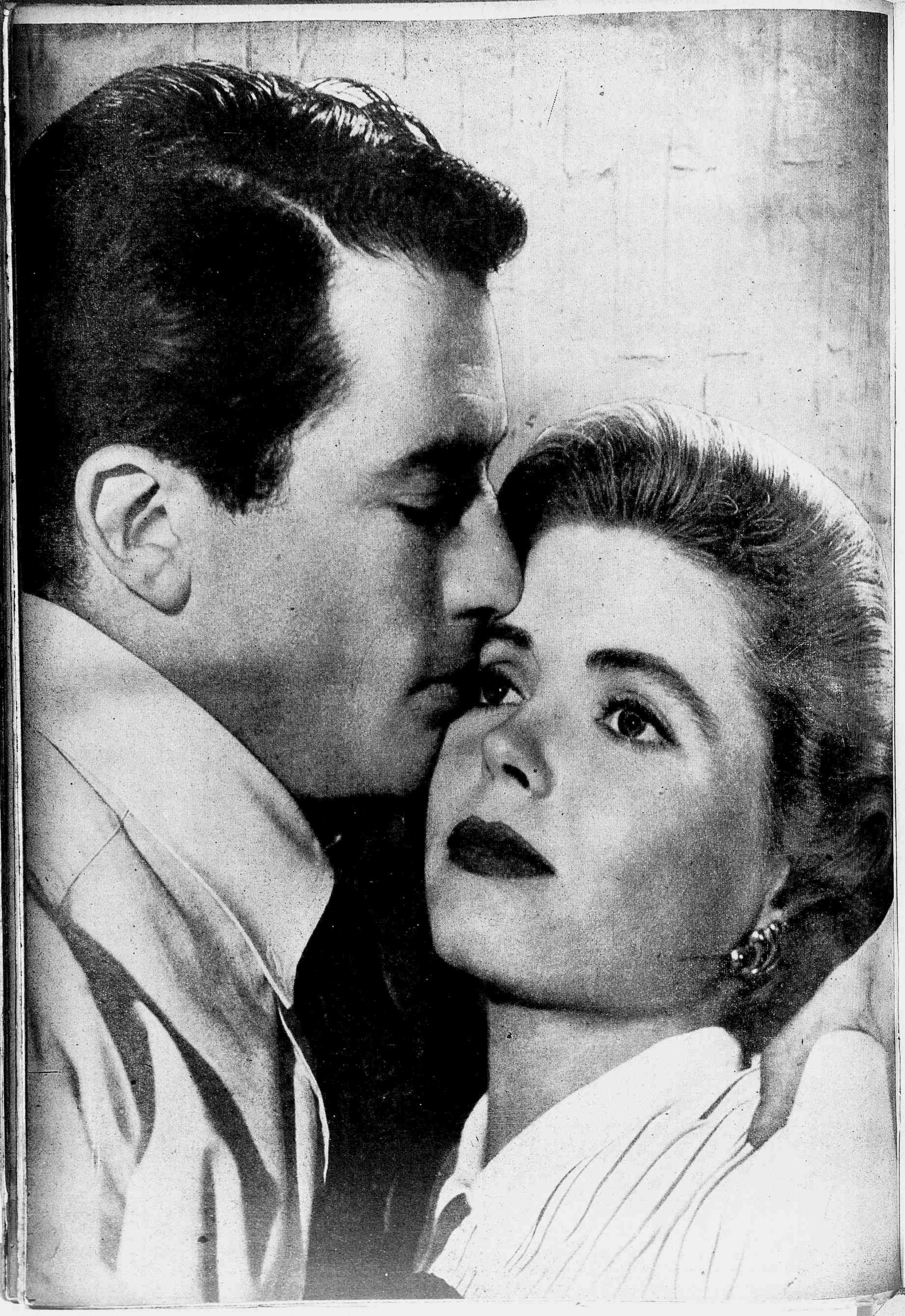
Quinta e sexta-feira passadas, o movimento de bilheteria de «O Mártir do Calvário» em dois teatros do Rio, — o Recreio e o João Caetano, — foi de 96.917 cruzeiros e 70 centavos. No Recreio, a renda foi: quinta-feira, Cr\$ 15.041,10; sexta-feira, Cr\$ 40.974,10.

No João Caetano, foi de: quinta-feira, Cr\$ 8.959,00; sexta-feira, Cr\$ 31.943,50.

As receitas do Recreio, bastante superiores, derivam sobretudo do fato de ter sido mais anunciado esse teatro do que o outro, que nada ou quase nada, gastou em publicidade. O Retiro dos Artistas recebeu 10%, ou seja 9.691 cruzeiros e 77 centavos. Assim, já pode melhorar a sopa dos seus assalados, isto sem contar com os circos do Rio e São Paulo.

O apóstolo São Pedro, representado quase todos os anos pelo ator Pedro Dias, atento a uma conversa nos bastidores, num entre-ato da peça. Pedro Dias vem aparecendo no drama desde 1911 e já representou todos os papéis importantes de «O Mártir do Calvário», com exclusão do papel de Jesus Cristo.







Na página à esquerda: Gregory Peck e Dorothy McGuire, em uma cena de "A luz é paratodos", considerado o melhor filme de 1947 pelo júri da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood. Em cima: Ronald Colman, o melhor ator ("Tenho direito ao amor", "Fatalidade", etc.) e a melhor atriz Loretta Young ("Ambiciosa").

OS MELHORES DE 1947 NO CINEMA AMERICANO

E' já uma tradição, no meio cinematográfico dos Estados Unidos, o julgamento anual dos atores, atrizes, diretores, técnicos de fotografia e de som, músicos e autores de argumentos, pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas. Esse julgamento, — que tem como finalidade a entrega de estatuetas que são um símbolo de mérito artístico ou de perfeição técnica, tornou-se conhecido mundialmente pelo nome de "Oscar". Na semana passada divulgou-se o resultado do último julgamento, — sendo o público surpreendido com a notícia de que o prêmio à maior atriz de 1947 fôra conferido à comedianta Loretta Young e o prêmio ao melhor ator fôra dado ao veterano Ronald Colman.

LAUREADOS LORETTA YOUNG, RONALD COLMAN E O FILME "A LUZ E' PARA TODOS" (GENTLEMAN'S AGREEMENT)

Loretta Young foi premiada pelo seu trabalho em "Ambiciosa" (The farmer's daughter), no qual apareceu ao lado de Ethel Barrymore, Joseph Cotten e outros brilhantes artistas. E' uma atriz que consegue o "Oscar" dos seus sonhos depois de vinte cinco anos de cinema, — ela começou ainda meninota, — tendo feito algumas centenas de filmes, alguns dos quais deixaram forte impressão no espírito público. Um desses filmes divertidos e interessantes foi "Eternamente

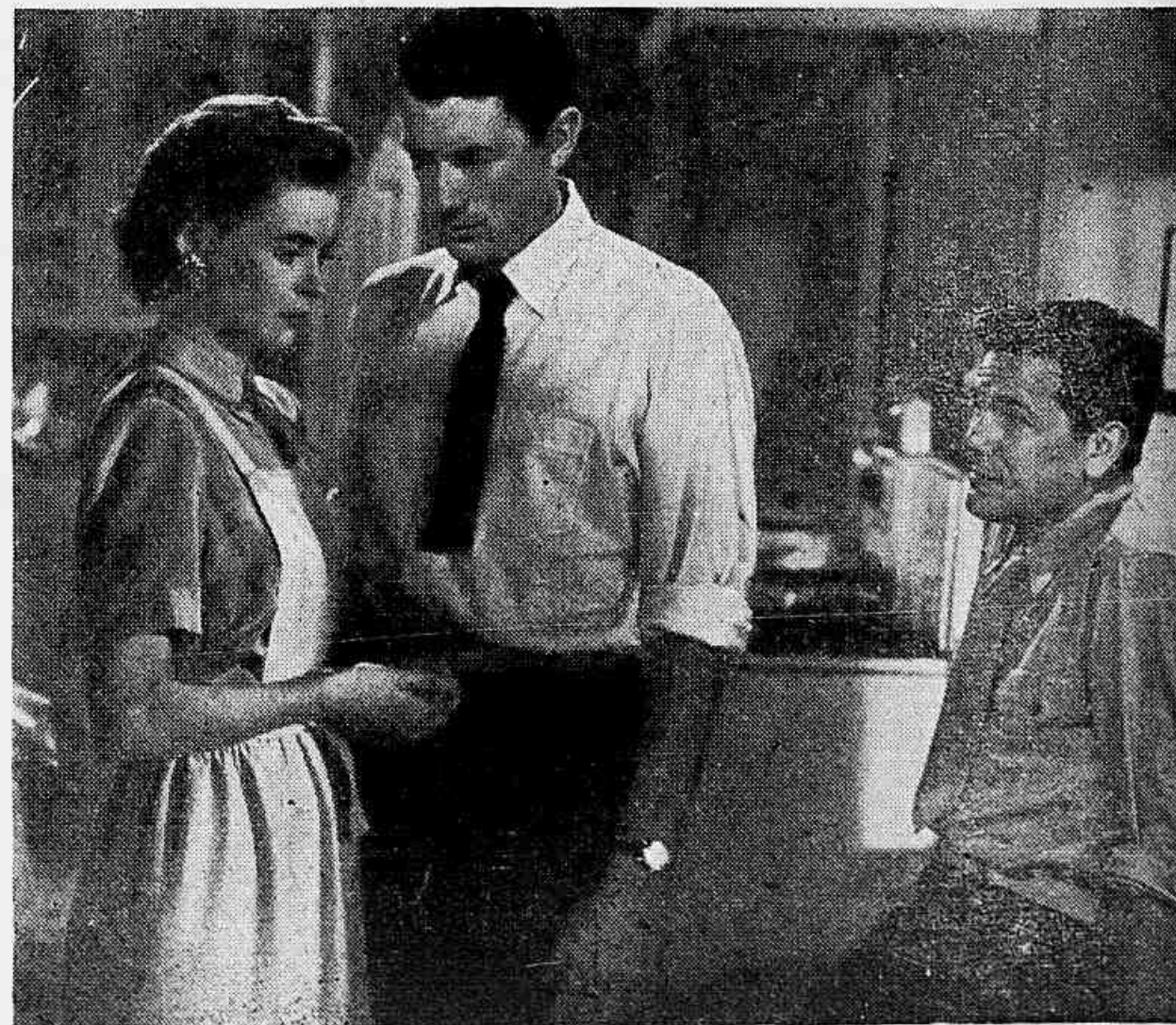
tua", com David Niven, baseado na comédia de Sacha Guitry intitulada "L'illusioniste". Outro dos seus bons trabalhos foi "O Paraíso de um homem", filme da Columbia em que apareceu com Spencer Tracy. Merece especial menção, ainda, "Ramona", na mais recente versão, que fez ao lado de Don Ameche.

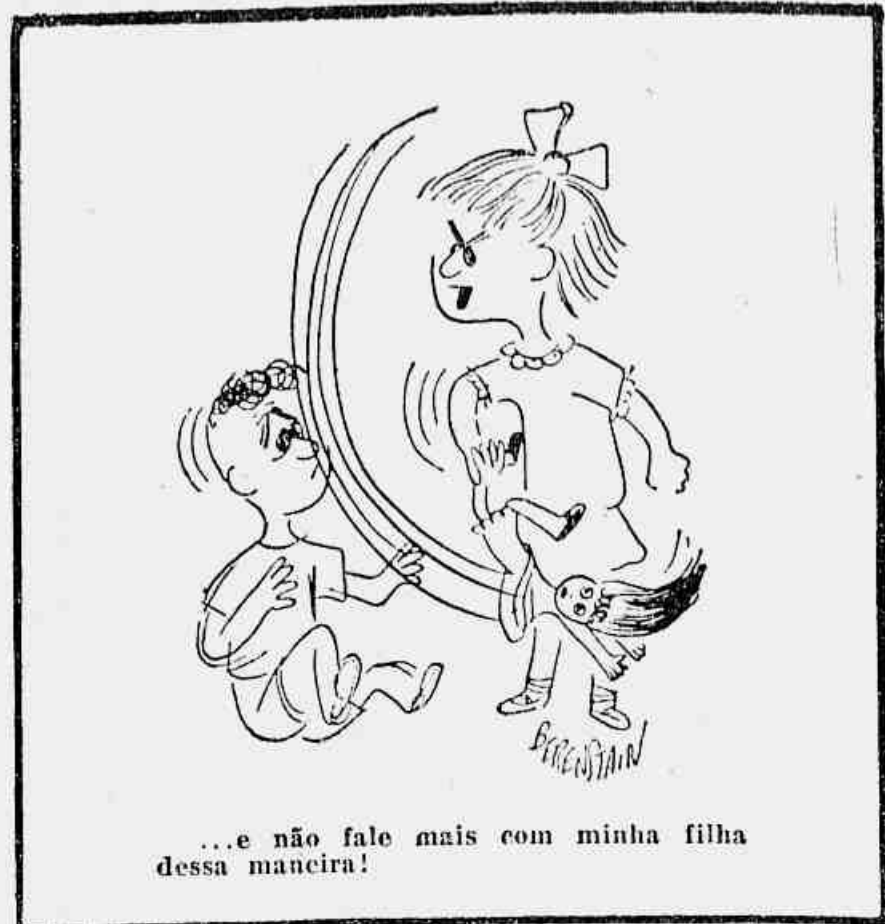
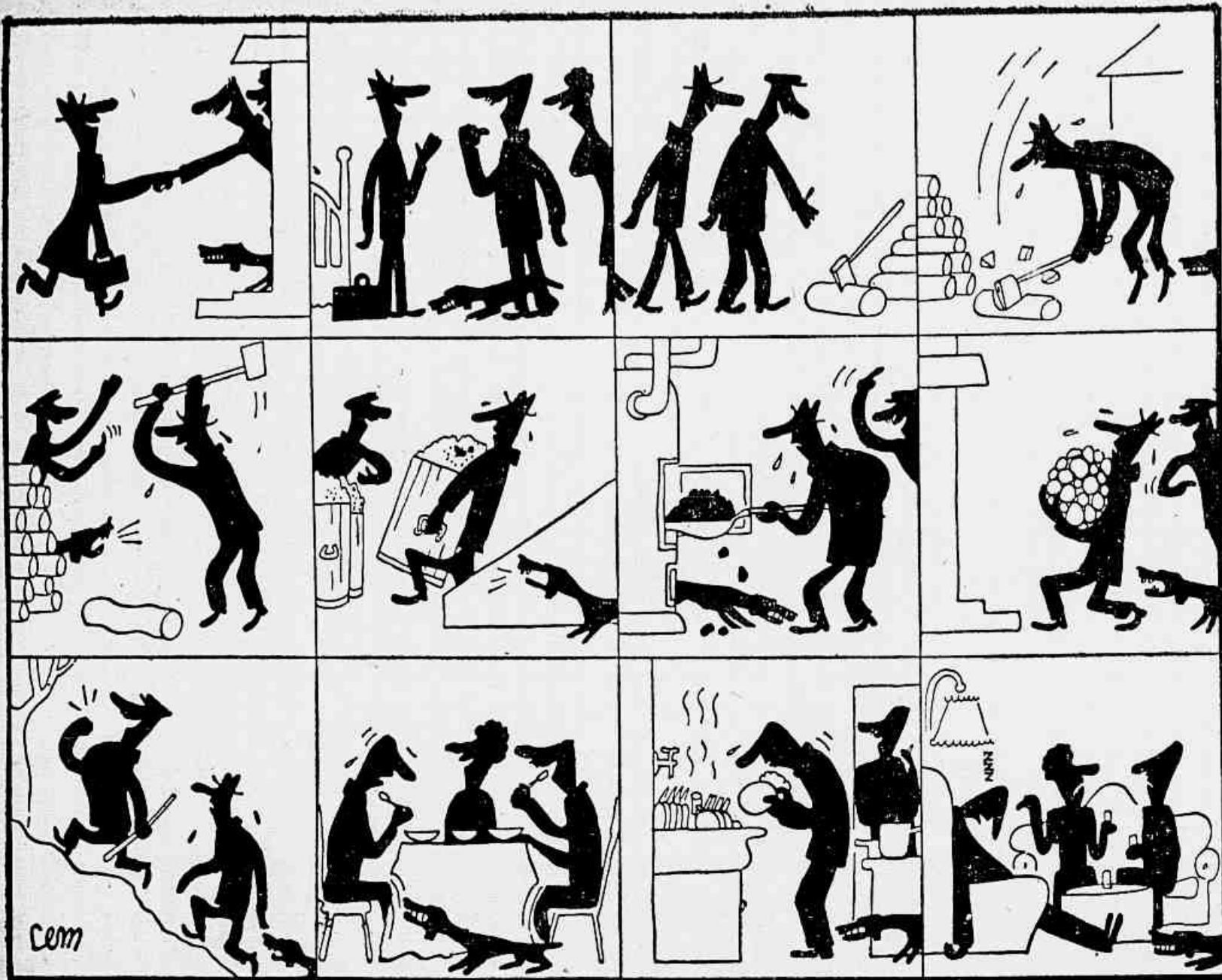
Ronald Colman também tem vinte e cinco anos de cinema, pelo menos. Fez também uma centena de filmes em Hollywood, desde "Irmã Branca", com Lil-

lian Gish, a "Tenho direito ao amor", com Peggy Cummins. O fato de terem sido laureados dois veteranos (ao contrário de outros anos, em que os laureados são caras novas, como Teresa Wright e Jennifer Jones), faz com que se pense que a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas está dando um sentido novo às suas laúreas, convertendo-as em uma espécie de prêmio à persistência, ao esforço constante, — e de galardão a aposentadoria próxima...

Quanto ao filme laureado foi a película da Twentieth Century Fox, "A luz é para todos" (Gentleman's Agreement), dirigido por Elia Kazan, — o diretor de "Laços Humanos" e de "Mar Verde", — com Gregory Peck, John Garfield e Dorothy McGuire.

Em baixo: duas cenas do filme laureado, "A luz é para todos" (Gentleman's Agreement), vigorosa produção de combate ao anti-semitismo, dirigida para a Twentieth Century Fox, por Elia Kazan — o diretor de "Laços humanos", — com Gregory Peck, John Garfield e Dorothy McGuire.





...e não fale mais com minha filha dessa maneira!

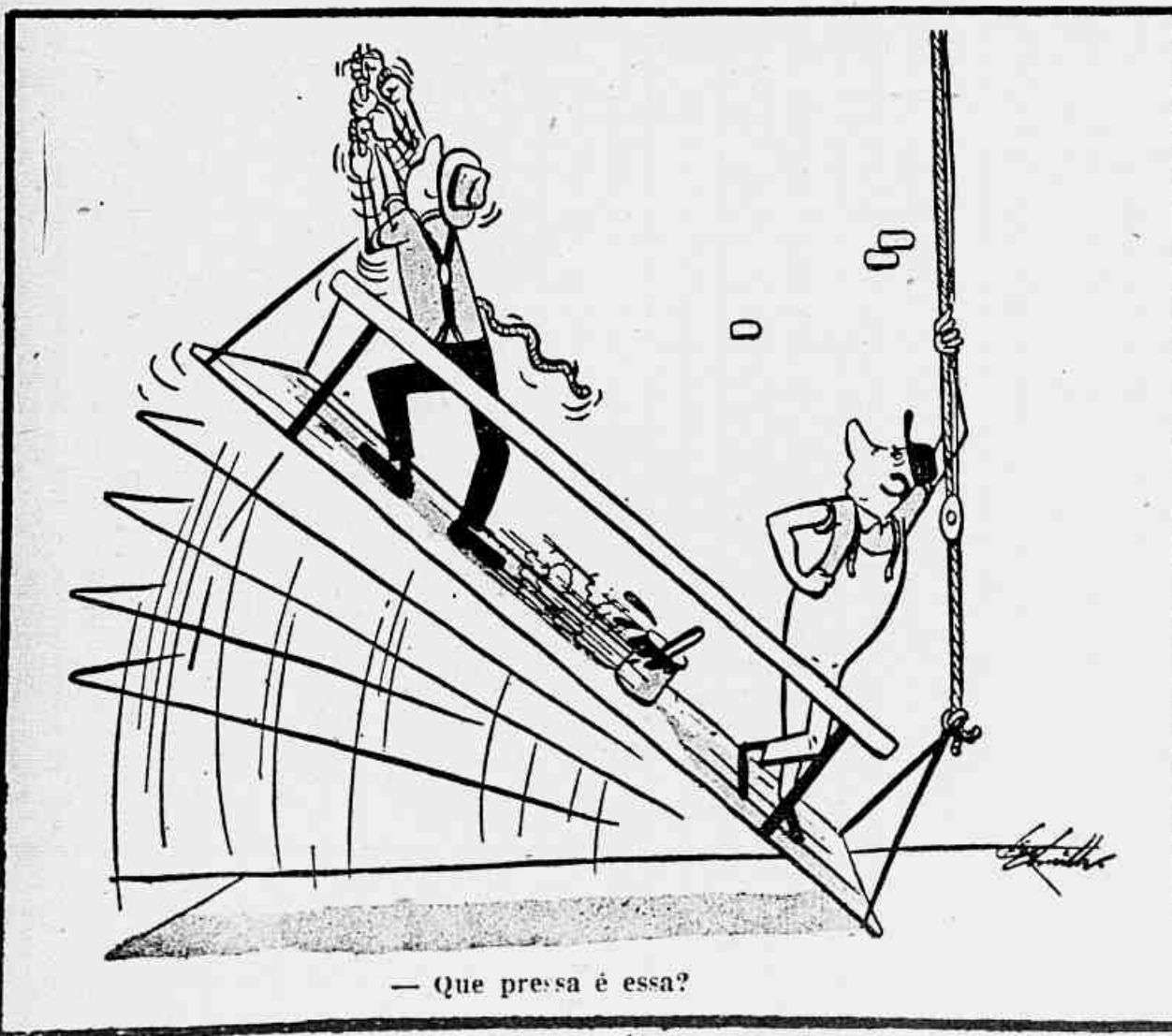
BOM HUMOR



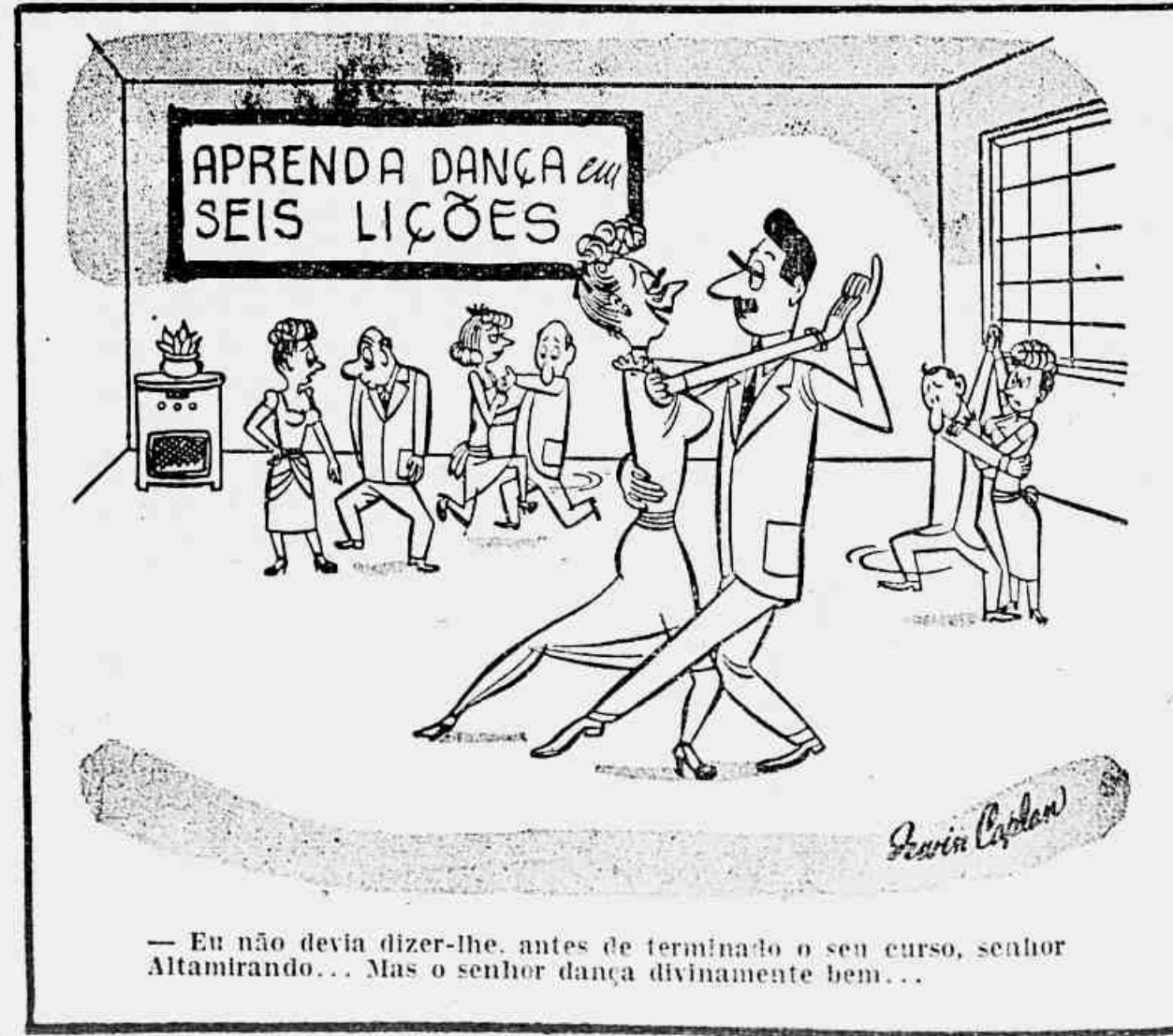
— HE-RI-BER-TO!!!
— Que é?



— Querido, dê à visita essa cadeira mais confortável...



— Que pressa é essa?



— Eu não devia dizer-lhe, antes de terminá-lo o seu curso, senhor Altamirando... Mas o senhor dança divinamente bem...



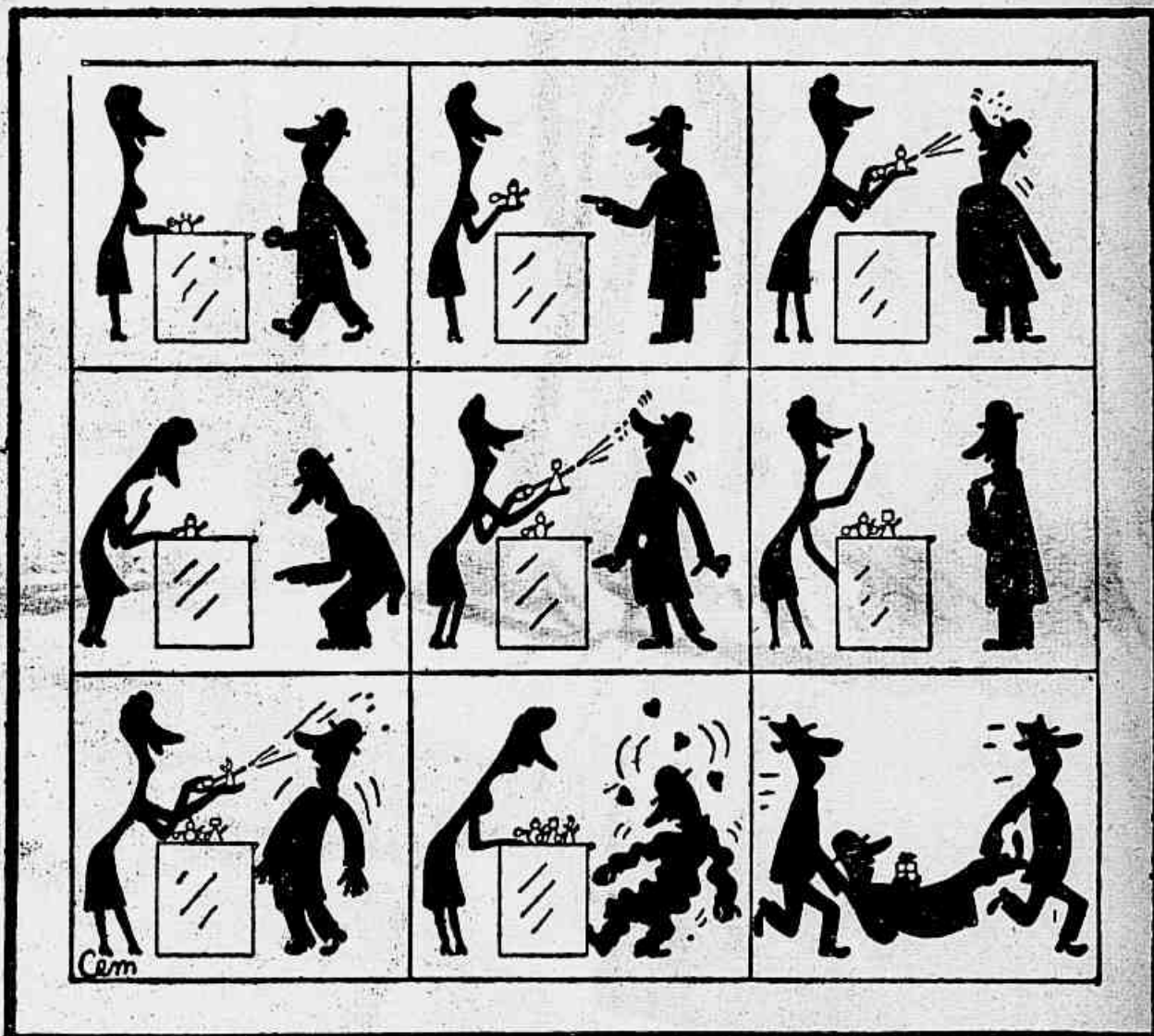
— Fazendo-se linda, ein?



— Vamos, deixe-se de gracinhas e mostre-me a língua.



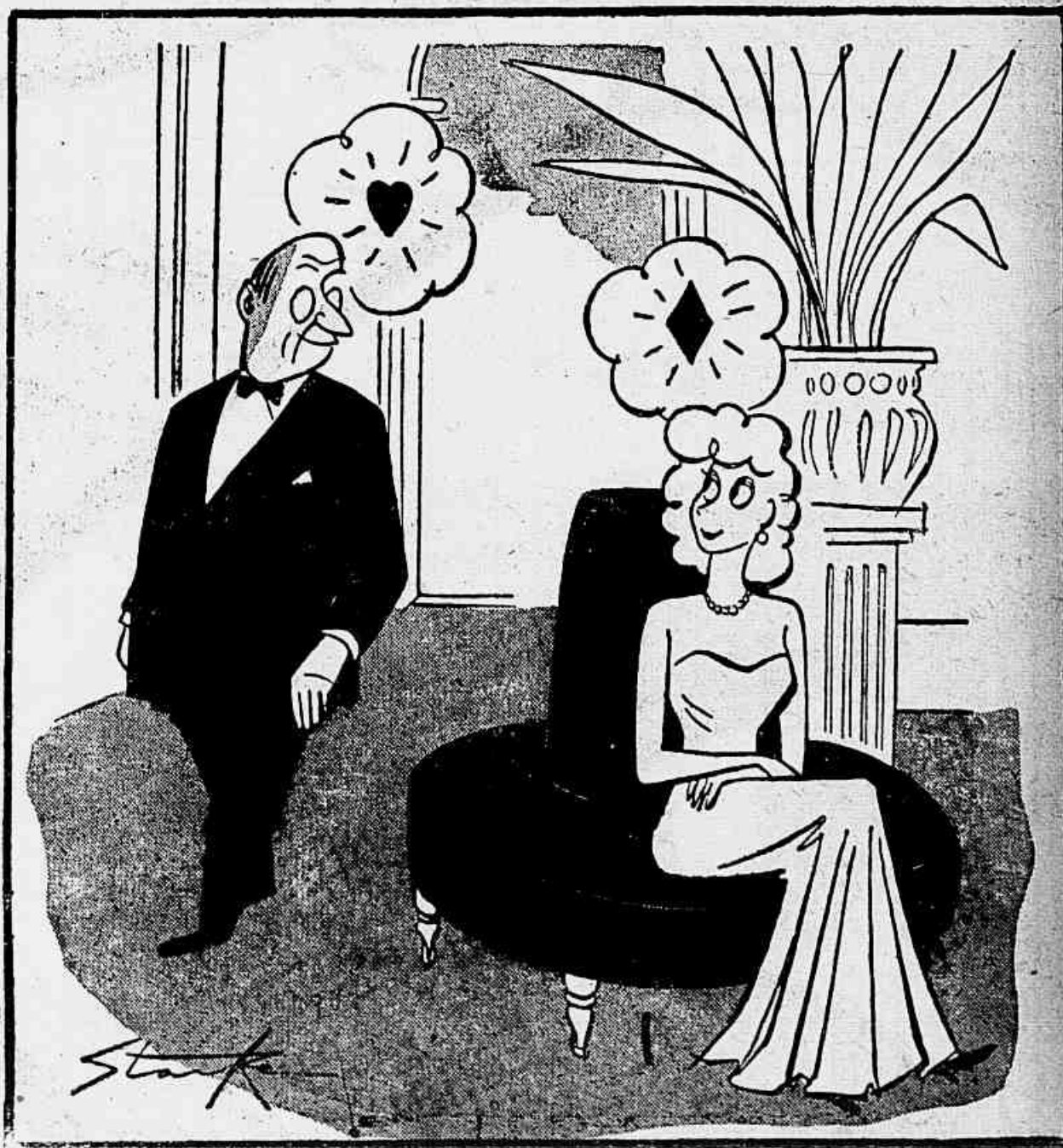
— Hoje não há nada para o senhor, seu Altamirando!



Cem



— Puxa! Como é pau a gente mudar de cidade com estas greves de trens!





-- O melhor para o sr. é tirar as passagens para Freitas. De lá o sr. faz baldeação e apanha o trem para as águas.

-- E esse Freitas, onde é? O trem chega muito tarde?

-- Bem, isso ninguém pode garantir. Geralmente atrasa um pouco. Mas amanhã à noite o sr. estará nas águas.

-- Comprei as passagens na esperança de, amanhã, à noite, estar nas águas. O trem partiu no horário e tentei desviar a atenção do que tinha deixado na cidade para o livro policial em que um crime de sensação e mistério desafiava a minha curiosidade.

O sr. de lado, porém, não consentiu na realização do nobre intento. Depois de pigarrear e acender um cigarro, estirou o pescoço:

-- O sr. vem de Rio Casca?

-- Não, sr., ainda não fui lá.

-- Pois devia ir -- sentenciou, convencido. Eu fui e estou muito satisfeito. Querendo Deus ainda hei de voltar.

Margarida voltou-se para o homem:

-- O sr. viu muitos milagres?

-- Muitos, muitos. Aleijados, cegos, uma louca que estava acorrentada e depois da benção ficou mansa, parecia outra. Muitos, muitos milagres.

Graças a Deus a conversa se localizou entre Margarida e o homem que tinha visto milagres. Voltou ao livro policial com o firme propósito de concentrar toda a minha atenção naquele crime, naquele mistério que dificilmente seria resolvido pelo grande detetive.

Mas surgiram as montanhas, o verde das matas, o frio-sinho gostoso. Quando dei em mim estava com um cigarro entre os dedos, o olhar caído na paisagem, o livro aberto sobre a perna cruzada. A voz de Margarida acordou-me:

-- Meu bem, feche a janela. Esse vento frio vai é lhe resfriar.

Dalva

ESTAÇÃO D'ÁGUAS

Conto de FRAN MARTINS

Não, o vento frio não me resfriaria, o vento frio estava me fazendo bem, combinava com aqueles morros, aquele verde das matas. Mas que adiantaria dizer isso a Margarida se eu ia para as águas, isto é, se eu reconhecia que o meu fígado estava ruim, o meu gênio era mau, necessitava de repouso? Certamente Margarida não ia rir de mim, mas que significava aquele sorriso senão uma advertência, uma prova silenciosa de que eu precisava de repouso e de uma ducha no fígado? Levantei o vidro do carro.

— Devagar, Fernando. Assim você quebra o vidro. Não precisa se zangar só porque pedi para fechar a janela.

Volttei ao livro, procurei o parágrafo onde interrompera a leitura. Eu sabia que Margarida havia de reclamar qualquer coisa. O meu fígado estava doente, o corpo cansado, os nervos tensos. Tudo o que fizesse seria culpa do meu estado geral — Margarida se imbuira disso e não adiantava mostrar-lhe que ela estava enganada.

— Bem, se quiser baixar o vidro pode baixar. Eu falei para o seu próprio bem.

Fechei o livro com um repelão. Porque diabo inventara de fazer aquela estação d'águas? Na cidade pelo menos iria para as ruas, me libertaria desses cuidados de Margarida que me afligiam tanto como se ela estivesse me recriminando. Encostei a cabeça na poltrona e fechei os olhos, tentando dormir.

— Quer que baixe ou deixo assim mesmo? Eu só falei por sua causa.

Abri os olhos, fechei-os de novo. Não, não adiantava discutir. Margarida se convencera que o meu fígado era mesmo ruim, qualquer coisa que eu dissesse...

E ouvi o baque do vidro baixando. Uma rajada de ar frio me envolveu o pescoço, o peito, a cabeça. Encolhi-me, cruzei os braços em atitude de defesa, recuei na poltrona ao contacto com a corrente. E Margarida sentenciou:

— Eu bem que preveni, não preveni? Se se resfriar não diga que foi por minha culpa.

Levantei-me, subi novamente o vidro, fiquei parado, olhando a paisagem, olhando sem ver, sem notar o arredondado dos morros, o verde da mata. E quando acordei dessa fuga foi com a voz do homem que voltava de Rio Casca:

— Pois eu acho que o sr. devia era ir a Urucânia. Lá tem havido milagres todos os dias. Quem sabe se o sr. também não se curava?

— Não, sr., vou primeiro às águas. Agora tenho que ir às águas e acabar de vez com o diabo desse fígado.

Notei o olhar frio que Margarida me deitava. E a sua voz veio baixinho mas firme:

— Fernando, não seja indelicado. Guarde suas indelicadezas só para mim.

Mas antes que eu dissesse alguma coisa já o romeiro estava falando de novo:

— E', as águas também servem. Quer dizer que o sr. vai a Ibatuba?

— Não, sr., vou a Freitas. Pelo menos na estação o agente disse que eu devia saltar em Freitas, de onde tomaria uma outra condução para as águas.

— E para onde o sr. vai? — indagou o homem.

— Cambuquira. Foi Cambuquira que minha mulher escolheu com o médico.

O romeiro pensou, pensou, pigarreou, pensou. Depois esclareceu:

— Bom, se o sr. vai a Cambuquira não precisa andar até Freitas. Descendo em Três Corações o sr. toma uma jardineira e em vinte minutos está em Cambuquira. Ganha um dia de viagem.

Margarida me olhou admirada:

— Fernando, você não se informou direito não? Porque você não indagou tudo, Fernando?

— Meu bem, você não viu quando eu falei com o agente da estação? Não viu o homem me dizer que eu devia descer em Freitas? Eu não conheço nada aqui, tinha que me fiar no que o agente dissesse. Agora, se é ele é burro...

— Está bem, meu filho, está bem. Mas o sr. aqui está dizendo que se a gente descer em Três Corações...

— E', — ajuntou o romeiro — Se descer em Três Corações o sr. ganha um dia de viagem. E são apenas vinte minutos de jardineira — uma jardineira muito confortável, nova, eu conheço. A passagem à quinze cruzeiros.

Descemos em Três Corações mas a jardineira nova, confortável, que o homem conhecia, não estava lá. Era domingo e o horário tinha sido mudado. O jeito que se tinha era ir de automóvel. Cem cruzeiros em vez de trinta.

— Pelo menos, meu bem, se ganha um dia. Hoje mesmo você começa a tomar a água e em breve já está melhor do fígado.

E meia hora depois (o romeiro dissera vinte minutos) davamos entrada no hotel. Quando me vi no apartamento joguei-me na cama, aliviado. O corpo estava molhado da viagem, o estômago vazio, o rosto e as mãos cobertos de poeira. Ia enfim descansar — isolar-me do mundo por trinta dias, longe das atribuições, do trabalho, das filas.

— Fernando, as bagagens. Me ajude a desarrumar as malas, meu bem.

Eu sou um sujeito pacífico. Em criança quis ser padre e, se hoje não tenho a tonsura na cabeça, sei que guardo um pouco de bondade em meu coração. Mas confesso que, naquele momento, estive prestes a arruinar esse passado e o presente de minha vida. Deu-me ganas de estrangular Margarida.

— Minha filha, você não vê como estou cansado? Você não se lembra de que eu sou de carne e osso, Margarida?

— Está certo, Fernando, descanse. Quem é que não sabe que só você é que pode descansar? Eu que me esborrache, me acabe de trabalhar. Você é doentinho, fraquinho, não pode fazer nada...

Sem saber como me vi em frente a Margarida, o corpo retezado, os olhos esbugalhados, o rosto vermelho, gesticulando. Todo eu tremia de ódio, de raiva, de exaltação. E minha voz trovejava como voz de orador de comício:

— Cale-se, cale-se! Para que diabo você me trouxe para esta estação d'águas? Eu não lhe disse que não podia vir? Que era melhor você vir só?

Notei meu dedo erguido bem junto ao nariz de Margarida, como se estivesse apontando alguma coisa. E imediatamente compreendi o ridículo daquela posição; para que o dedo duro se eu não estava apontando nada? Margarida chorava e encolhi o dedo, arrependido.

Mas, já que começara a cena, precisava levá-la até o fim. Se eu dissesse a Margarida que estava arrependido nunca mais ela deixaria de falar nisso. Agora, que armara o escândalo, era arcar com as consequências. Sai, batendo a porta com força, pisando forte no corredor deserto.

Mal dei alguns passos, porém, o anjo da guarda me dominou. Porque molestara Margarida, se ela estava tão satisfeita com aquela viagem? Era impertinente, é verdade, mas qual a mulher que não é? Além do mais, o seu fígado não regulava bem, ela pensava que era o meu mas estava-se logo vendo que ela é que era a doente. E os meus passos deixaram de ressoar no corredor, um arrependimento bem grande me doendo no coração.

Volttei, abri a porta de mansinho, vi as malas ainda jogadas no soalho, Margarida chorando na cama. Quis falar-lhe mas não tive coragem: comecei a arrumar as roupas nos armários. Margarida parecia não notar a minha presença, soluçando, assoando-se, a cabeça enterrada nos travesseiros.

— Está bem, não precisa berrar mais não. As malas já foram desfeitas, a roupa está toda nos armários.

Ela ainda chorou algum tempo e depois parou. E o resto do dia passámos em paz, conversando com tanta intimidade que julguei que a minha exaltação houvesse mudado o espírito de Margarida.

Fomos dormir assim cordatos mas ainda não eram seis horas da manhã seguinte e já Margarida me puxava pelo braço:

— Meu bem, vamos à fonte. Acorde, Fernando, que se não formos cedo as águas não servem.

Eu costume dormir tarde e tenho verdadeiro ódio a quem me acordava antes das oito horas. Margarida sabe disso mas naquele instante estava inexorável:

— Vamos, meu filho, levante-se. São quase seis horas — se formos mais tarde as águas não servem.

E como eu não atendesse de pronto às suas palavras, puxou-me o cobertor de um repelão. Chovia lá fora e fazia um frio danado. Pulei da cama, estonteado, dizendo intimamente mil imprecações contra aquela maldita estação d'águas. Acordar às seis horas. — e chovendo!

Pois foi em plena chuva que marchámos para a fonte. Havia poças d'água nas calçadas, o frio entrava nos ossos, mas mesmo assim Margarida não desanimava. No caminho ainda achava motivos para doutrinar:

— O médico diz que a água deve ser bebida bem cedo, quando o estômago está vazio. E só serve na própria fonte, para não perder a radioatividade.

E na própria fonte bebemos dois copinhos de cem gramas d'água, com o intervalo de dez minutos. De volta ao hotel, o corpo tremendo de frio, eu amaldiçoava todos os médicos que acreditavam naquilo e obrigavam a gente andar dias e dias para beber duzentas gramas d'água em jejum.

— Ah, Fernando, mas você vai ver como o seu fígado melhora. Porque o que serve é a radioatividade.

Ilustração de A. ZALUAR

Tive vontade de mandar Margarida para o inferno, com águas, radioatividade e tudo. Mas controlei-me e convidei-a para o café.

— Agora não, meu bem. Só decorridos trinta minutos da primeira dose.

Meia hora ainda! Então eu não podia sequer tomar o meu café sossegado, eu que sentia fome, que há mais de uma hora estava acordado, tremendo de frio, que já andara uma boa estrada, na chuva, só para beber duzentas gramas d'água?

— Você querendo pode ir, Fernando. Mas eu lhe previno que dêse jeito as águas não adiantam nada.

Estirei-me, vencido, numa cadeira, esperando que decorressem os amaldiçoados minutos do prazo. E observando Margarida notei como ela estava contente de me ver obedecer às suas ordens — ordens que se escondiam atrás daquele regime infame. Seria mesmo possível que Margarida acreditasse naquilo? Seria possível que ela, preguiçosa por natureza, habituada a acordar tarde, a tomar café na cama, a agasalhar-se toda contra o frio — estivesse satisfeita com aquela humidade, com a deinoira para o café, com a chavinha fina que cala lá fora?

— Você vai ver, Fernando, como o seu fígado melhora aum instante. Dentro de alguns dias é você mesmo quem está acordando cedo e enfrentando o frio para tomar as águas.

— Passaram-se, enfim, os trinta minutos e descemos para o café. Mal me vi sentado à mesa apanhei uma fatia de pão e lambuzei-a de manteiga.

— Manteiga, Fernando? Não, meu filho, assim a estação não serve. Desculpe-me, mas manteiga você não come. Antes da gulodice você tem que se lembrar de seu fígado.

E Margarida me tomou a fatia, saboreando-a gostosamente. Miséria! Seria eu uma criança obrigada a seguir direitinho um regime absurdo como aquele? Afinal, quando é que eu manifestara desejo de curar o fígado privando-me de algumas poucas coisas de que gosto?

— Pode se zangar, mas manteiga não, meu filho. Ou você faz a estação bem feita ou não valeu a pena o sacrifício de vir.

Tomel, pois, o meu café de leite com pão sem manteiga. A vontade que eu tinha era de arrumar a mala, jogar aquilo tudo às favas e voltar para a minha cidade e o meu trabalho. Só não fazia isso em atenção a Margarida: ela realmente merecia umas férias, estava esgotada da luta da casa... Mas era um grande sacrifício que eu fazia e isso me arrebatava os nervos.

Acendi o cigarro e Margarida não se conteve:

— Você não sabe, meu bem, que fumo lhe faz mal? Domine esse vício ao menos por trinta dias, Fernando!

Levantei-me da mesa com um repelão. Vício! Que diabo Margarida estava pensando de mim? Atrasava-me o café, tirava-me a manteiga do pão e por cima de tudo ainda queria me proibir de fumar! Afinal, qual era o homem de nós dois? Qual era o meu papel naquela comédia que de momento a momento ia me arrasando os nervos?

— E' preciso você ter força de vontade, Fernando. Sei que você gosta do seu cigarrinho mas para a estação ser bem feita você tem que deixar de fumar.

Atirei o cigarro fora, na iminência de dar uma série de gritos com Margarida. Estávamos, porém, num hotel e não convinha fazer escândalo. Mas quem sabe até onde eu aturaria aquela tortura? A qualquer minuto vinham à baila o meu fígado, as recomendações do médico, o horário das águas, a radioatividade...

Joguei-me numa cadeira, a cabeça em brasa. Mas Margarida aproximou-se, passou-me o braço pelo ombro:

— Não se zangue, não, meu amor, eu só digo isso para o seu bem. Vamos, vamos andar um pouco para fazer a digestão do café...

E começámos a andar, da sala para o corredor, do corredor para a sala, da sala para o corredor. Eu estava inteiramente vencido — faria agora tudo o que Margarida mandasse. De que servia zangar-me, dar escândalo no hotel, mostrar aos outros que os meus nervos andavam esgotados? Na certa os hóspedes haviam de pensar que eu tinha, realmente um fígado muito estragado...

Estava, assim, já quase sem suportar mais aquele passeio interminável, quando Margarida falou de novo:

— Que tal, Fernando, se fossemos ao Parque agora? A chuva passou, o tempo está melhor e nós precisamos de respirar ar puro, meu filho. Foi aquela vida agitada, aquele ar contaminado da cidade que estragou mais ainda o seu fígado.

E fomos ao Parque. Senhoras pálidas e homens de cabelos já grisalhos conversavam pelas fontes, contando suas doenças, seus achaques. Todos tinham alguma coi-

JEAN PAUL SARTRE, PREGOEIRO MODERNO DO EXISTENCIALISMO

VIRA' AO BRASIL O FAMOSO DRAMATURGO E CONTISTA FRANCÊS — UM
POUCO DA HISTÓRIA DO AUTOR DE "O MURO", "LES MOUCHES" E "HUIS-
CLOS" — NEGAÇÃO TOTAL DOS VALORES MORAIS DO CATOLICISMO

Reportagem de ROMAIN LESAGE (Especial para REVISTA DA SEMANA)

JEAN Paul Sartre virá próximamente ao Brasil. O papa do existencialismo está continuando sua volta ao mundo em busca de novas verdades, de dogmas que se adaptem melhor à nossa época que os princípios caducos da maioria das filosofias.

O existencialismo de Sartre, aparecido em Paris nas horas difíceis da ocupação, foi acolhido, a princípio, como uma moda, e depois, como um gracejo de mau gosto. Uma juventude nevrosada, mas também experimentada pelos mais dramáticos acontecimentos, acendeu-se do modesto professor e fez dele, a contra-gosto, um herói desabusado de todas as alegrias humanas.

Saint Germain des Prés, bairro preferido de todos os artistas avançados com que conta Paris, tomou um aspecto curioso. O "Flora" e "Deux Magots", célebres cafés literários, foram invadidos pelos adeptos do novo credo que, para melhor ressaltar sua adesão, adotaram roupas, uma atitude e um emprego do tempo extravagantes, a fim de ilustrar com estardalhaço o desespero, a náusea pela existência, bem como a certeza de que tudo no mundo é inútil. Esses "cadáveres ambulantes", que contribuíram para a glória nascente do mestre e para o sucesso fulminante do novo café, "Tabu", Sartre os ignorou sempre. Uma única vez, confessou ele, foi ao "Tabu", experimentando profunda repugnância.

Hoje, o existencialismo de Sartre, projetado para fora das capelinhas literárias, fez a volta ao mundo, criando grande celeuma em todas as universidades. Suas peças de teatro são representadas em quase todas as capitais. Sua obra exerce já importante influência sobre todos os escritores, seja por adesão, seja por simples reação.

Sua influência mais marcante se manifesta em todos os meios católicos. Uma vez que nega todos os valores morais do catolicismo e de qualquer outra religião, essa atitude tem constituído objeto de discussões apaixonadas e, frequentemente, de novas adesões. Os alunos da Universidade Católica do Rio de Janeiro estão atualmente divididos em duas facções marcadamente opostas: por Sartre ou contra Sartre.

Dessa maneira, aos 41 anos de idade, Sartre possui o máximo de notoriedade, de prosélitos, de dinheiro e de inimigos que um escritor vivo possa pensar em obter. Sua obra, impregnada de todos os seus complexos, muitas vezes dominada pelo secreto desejo que tem o autor

de se singularizar, sua atitude desconcertante para com seus amigos, o próprio homem — podem explicar-se em parte pelo passado do autor. O existencialismo sartriano é, antes de tudo, a procura de liberdade absoluta; da liberdade no absoluto. Eis por que ele rejeita a família, o passado, o futuro, com tudo o que comportam de obstáculos intransponíveis, de armadilhas contra a expressão total da liberdade do homem.

Só o presente conta o exato minuto em que o homem pode dizer: "Faço isto, sou consciente do que faço, eu o quero". A consciência, a liberdade e a responsabilidade de cada ato são imediatos. O homem está engajado no instante pelo que faz, pelo que diz e que pensa. Essa fórmula espantou muitos escritores pouco preocupados de se mostrarem "interessados" pelo que escrevem, quando Sartre a lançou como acusação, por ocasião de uma memorável conferência patrocinada pela UNESCO, na Sorbonne.

Sartre não pertence a nenhum partido. Por isso, é censurado. Suas simpatias, porém, parecem voltar-se para o marxismo de Lenine. Os degaulistas acusam-no de cripto-comunista. Os comunistas, por sua vez, apontam-no como degaulista. Em duas transmissões da rádio francesa, ele pôs todo mundo de acordo, atacando pesadamente De Gaulle e, depois, ridicularizando Thorez e os comunistas. Graças a isso, esteve ameaçado de morte pelos fanáticos das duas correntes, durante várias semanas. O governo atual, vendo-se atacado por sua vez, suspendeu a transmissão da dita "tribuna livre".

Jean Paul Sartre detesta os jornalistas e odia os fotógrafos. A feiura física o fez sofrer muito tempo. Foi, sem dúvida, essa fealdade que mais influenciou a sua carreira. Na França, ele não concede nunca uma entrevista e foge de toda manifestação oficial. Batisaram-no como "o homem que recusa debruçar-se sobre o passado".

Sartre nasceu em Paris em 1906. Seu avô materno, da Lorena, professor, foi o inovador do método Berlitz para o ensino das línguas. Seu pai, oficial de marinha, morreu na China, com malária, alguns meses após o nascimento de seu filho único, que não chegou a ver. No mesmo dia, Jean Paul escapou à morte, salvo de uma crise de enterite. A doença localizou-se na vista, razão por que ele tem um olho cego. De resto, toda a sua infância passou entre doenças. Atualmente, Sartre habi-

Ao alto: Jean Paul quando mobilizado como meteorologista... Em baixo: o verso do cartão postal que Sartre soldado enviava a seus pais. E' o único texto de seu punho atualmente em circulação: "Queridos pais: Envio-lhes minha cara no 2.º ano. "Fremente e calma", como diz o "Paris Soir". Um pouco gordo, contra a minha vontade, o que não será para descontentar mamãe. Vocês notarão como os cabelos são curtos. Aquil, tudo vai muito bem. Tomei um banho de ducha esta manhã", etc.

Chers parents
Je vous envoie ma grande et 2^{me} classe
'Fremissant et Calme', comme dit le Paris-Soir.
Un peu gras, bien malgré moi, ce qui ne va pas
pour déflorer à Maman. Vous remarquerez la
brièveté du cheveu. Ici tout va fort bien. J'ai
pris un bain ce matin aux grandes eaux
à la fois pour moi le propre du corps et la

T-ALENTO real ou mistificador? Cabotino ou profeta de um novo credo? Explorador de idéias alheias ou filósofo empenhado em estabelecer uma nova interpretação da vida? Combatido por uns, glorificado por outros, Jean Paul Sartre é um verdadeiro "caso" literário, vivamente discutido nos dias de hoje, como Flaubert, Zola, Jarry e outros o foram, em sua época. Da Itália, um escritor católico de treze não é senão um industrioso explorador e falsificador de princípios filosóficos para cujo estabelecimento em nada contribuiu. Acusa-o de contradições e de cabotinismo. Isso coincide com o aparecimento do primeiro livro de Sartre em nosso idioma, "O Muro", em que há contos interessantes, mas não é seu melhor livro. Quanto ao seu teatro, permanece ainda ignorado no Brasil. Mas, agora, anuncia-se que Sartre vem fazer conferências no Brasil, — e daí a oportunidade desta reportagem.

ta La Rochelle, juntamente com sua mãe, casada pela segunda vez.

Com seis anos lia perfeitamente, mas não sabia escrever. Devora então Nick Carter, Buffalo Bill, imagina histórias, que dita à secretária de seu avô, e as faz representar por seus companheiros de férias. A primeira obra se chama "O mercador de bananas". Com 11 anos, seus pais se instalam em Paris. Durante dois anos, ele é o pior aluno do Liceu Henrique IV. Volta então a La Rochelle por cinco anos, quando dissensões com a família tornam-lhe a vida particularmente difícil. Fecha-se sobre si mesmo e torna-se, daí por diante, taciturno.

Em 1923, de novo em Paris, Sartre entra para Louis le Grand, sendo reprovado a primeira vez. Todavia, foi logo bem sucedido em seu exame vestibular para a École Normale. Em 1929 recebeu o título de adjunto, tendo sido nomeado, como professor, para Leon, depois para o Havre, para ensinar filosofia.

Foi no Havre que escreveu o seu primeiro romance, "A Náusea", que é uma caricatura virulenta contra os burgueses da cidade, que deixou em 1934 pelo Instituto Francês de Berlim, onde se encontrava quando Hitler tomou o poder. Sua impressão a respeito dos alemães não variou: "Temo este povo onde só se pensa a cinco".

Em 1937, de volta à França, foi nomeado assistente no Liceu Condorcet. Em completa desinteligência com sua família, leva uma vida muito difícil. Ridicularizado por seus alunos, vestido quase como um miserável, considerado inferior por seus confrades, renegado pelas mulheres — eis toda a sua vida de então. Nessa época, escreve "O Muro", livro de contos, cuja virulência e erotismo ultrapassam "A Náusea". Gallimard, o grande editor francês, decide-se a publicar seus livros em 1939. "La Nausée" sai na véspera da guerra. Sartre, inapto para o combate, faz a guerra nos serviços meteorológicos. Durante a "drôle de guerre" começa sua obra principal, "L'âge de raison". Prisioneiro dos alemães durante um ano, em Colônia, encena espetáculos para seus companheiros e escreve um "mistério" sobre o nascimento do Cristo, que ele próprio representa com sucesso. O manuscrito, deu-o a um capelão. A peça foi representada recentemente com grande êxito num colégio de jesuítas próximo de Paris.

Em 1941 Sartre consegue fugir com o auxílio de falsos certificados médicos, e chega a Paris, indo para a casa de sua mãe, que não o via há cinco anos. Apresentar-se, alguns dias mais tarde ao diretor do Liceu Condorcet, que o nomeia professor.

Começa então a ascensão de Sartre. Seus primeiros romances provocam escândalo. Os grandes críticos atacam o insignificante professor, pervertido e sujo. Outros críticos, porém, celebram o advento de um gênio. Saint Germain des Prés agita-se, os primeiros existencialistas começam a aparecer. Em 1943, sua primeira peça, "Les

Mouches", encenada por Charles Dullin no Teatro Sarah-Bernhardt, alcança um grande sucesso. Seus alunos o adotaram. Simone de Beauvoir, igualmente professora, a mulher realmente bela, torna-se sua companheira oficial. Pode-se vê-los, toda noite, no terraço do "Dôme", em Montparnasse, corrigindo os exercícios de seus alunos. Em 1944, "Huis-Clos" consagra o talento de Sartre, senão ao menos suas idéias. Com facilidade, deixa então o magistério para se consagrar à sua obra. O tranquilo hotel da Luisiânia, na rua do Sena, onde reside, se povoa de toda a fauna dos filósofos e autores em projeto, que possui Saint Germain des Prés.

Durante a libertação, Sartre, enfermeiro, cuida dos mortos e dos feridos nas ruas de Paris. Em 1945, faz uma viagem aos Estados Unidos e é recebido com interesse. Todavia, "Huis-Clos", montado em Nova York, obtém um excepcional sucesso de riso e deixa o cartaz antes de um mês. Dos Estados Unidos leva uma peça violenta sobre a atitude dos americanos a respeito do problema negro. É "A respeitável barregã", que, representada com "Morts sans sépultures", sua última peça, saiu do monólogo do inconsciente e cujo sucesso teatral foi mediocre.

Livre das preocupações de dinheiro, respeitado, detestado e amado, Sartre parece ter atingido sua plena consciência de homem não apenas igual, mas superior aos outros. Facilmente, liberta-se do quadro dos princípios da vida de seus anos difíceis. Acaba de deixar o hotel da Luisiânia para voltar à casa familiar, à rua Bonaparte, 42, em Paris. Casado no civil com Simone de Beauvoir, encontrá-los na ilha de Capri, ternamente enlaçados como jovens noivos, andando a pequenos passos, uma rior na mão, nas alamedas perfumadas da ilha dos amantes. Quantos nevrosados do "Tabu" não teriam feito uma confissão pública do delito.

Com efeito, Sartre possui a vitalidade, o poder de trabalho, a inteligência de um capitão de indústria. Seus adjetivos preferidos são: viscoso, pegajoso, mal cheiroso, nauseante, repulsivo, etc... Essa linguagem grosseira, vulgar, sempre é a domina, fazendo-a vergar sob a força de seu estilo sem descaldas.

Atualmente, encontra-se Sartre num momento decisivo de sua carreira. Depois de ter extravasado todos os seus complexos, os seus rancores, acha-se vazio de substância. Seu filme "Les jeux sont faits" é uma obra-prima glacial de que ele se diz muito decepcionado. Sartre prepara novos filmes, mas hesita em confiá-los aos "metteurs-en-scène" que falsificam seu pensamento. Finalmente, uma última palavra sobre o chamado "papa do existencialismo": Sartre é de uma excepcional bondade. Quantos jovens boêmios, com ou sem talento, não lhe devem um auxílio discreto, mas eficaz, uns para se tornarem conhecidos, outros, simplesmente, para comer...



Jean Paul Sartre, professor de filosofia, dramaturgo e contista, por alguns considerado um mistificador e por outros um gênio...



Ao alto: J. P. Sartre, com quatro anos; o futuro "papa do existencialismo" é então um belo bebê, róseo, cacheado e com um olho cego. Querem fazer dele um oficial de marinha, e já lhe fizeram um pequeno uniforme. Em baixo: Todo o encanto passado e agora fora de uso do outro ante-guerra. Jean Paul, com 7 anos, está nos joelhos de seu avô, Monsieur Maucy. Nessa época, ele não repudiava ainda a família.



UM vento sem poesia castigava todas as coisas. Atravessou a janela aberta do ônibus, espalhando alguns fios do cabelo louro da menina ao meu lado. Nove anos; duas tranças grossas, amarradas com fita azul, se apoiando preguiçosamente no vestido de bolas brancas. Ela chupava desajeitadamente o último pedaço do sorvete de palito, lambuzando as mãos, sujando a boca.

— Empréste-me o lenço?

— Não.

— Empréste-me que depois eu lhe dou um beijo.

— Não. Você sabe que eu não gosto disso.

Sempre fui tímido. Desde criança. Naquele tempo eu ainda não tinha doze anos: a calça curta, a gravata incômoda apertando o pescoço, o cabelo rebelde dominado pela brilhantina. Lá atrás, no último banco, iam os pais dela. Nossas famílias eram vizinhas há anos. Na casa de janelas verdes nasceu Olga. Eu tinha então três anos. Pela primeira vez me contaram a história da cegonha. Olga era um bebezinho risonho e avermelhado, inquieto e gordinho. Crescemos juntos; a diferença de idade era como se não existisse. Havia entre nós uma amizade sem malícia e cheia de briguinhas de cinco minutos:

— Se você não me der o lápis eu fico de mal.

— Grande coisa. Vamos ficar, então.

Logo depois buscávamos outra vez a aproximação:

— Sua mãe está lhe chamando.

— Não tem vergonha de falar comigo?

— Eu vim dar o recado que ela mandou.

— Já sei.

— E você não vai?

— Vou, sim. Você comprou ontem aquele livro que a sua mãe lhe prometeu?

— Comprei...

— Depois você deixa eu ler...

Tínhamos ido a uma festa. Olga começou a se mostrar amorosa. Puxou-

Olga





me violentamente pela mão quando eu conversava com outra menina.

— Venha cá, quero mostrar-lhe uma coisa.

— Que é?

— Venha ver; o bolo da noiva tem cada ameixa deste tamanho.

O convite apaixonou-me; esqueci a minha companheira (discutia com ela os gestos e hábitos do nosso professor de História) e fui até a sala grande, levado pela mão perfumada de Olga.

— Olga, você parece meio louquinha!

★

Vimos o bolo, todo recoberto de branco. Os noivos, em cima, feitos de papelão, sorrindo, os braços dados, pisando sem cerimônia sobre aquele açucarado ainda todo regular.

— Vamos até o terraço?

— Fazer o quê, lá, Olga?

— Vamos. Lá deve estar bom.

Fomos. Um céu completamente nu, despido de todas as estrelas, apenas ornado por uma lua inútil, disforme, monstruosa. As luzes do parque lá em baixo, o ritmo brutal de um "swing" transformaram Olga. A noite e a música reclamaram no coração de Olga um pouco de amor.

— Você é capaz de me dar um beijo igual àquele que o noivo deu na noiva?

Sua voz era outra: dava-me a impressão de querer acompanhar as notas vindas dos instrumentos brilhantes.

— Você tem cada uma, Olga!

— Você é que não tem coragem para me beijar.

— Imagine se não.

Os lábios dela aproximando-se do meu rosto.

— Se você não me beijar eu lhe beijo.

— Olga!

Empurrei-a; seu corpo vacilou; quis tombar para trás mas ela conseguiu manter o equilíbrio. Abandonei-a no terraço e escondi-me entre os convidados. Agora, no ônibus, sem medo e vergonha, ela queria me beijar outra vez. Eu dissera não. Fôra um idiota. A vida ia voltar à sua monotonia de sempre; apenas aquela transformação inesperada de ambiente levava Olga àqueles extremos de coragem. Nunca mais. De repente a voz macia de Olga abafada pelo ronco do motor:

— Você está zangado comigo?

— Eu não...

— Vamos, meninos, esqueceram-se da vida?

O pai dela nos chamava; era o nosso ponto.

★

O domingo amanheceu com ar de ressaca. A cidade sem movimento, as casas comerciais fechadas, os namorados procurando as igrejas. De volta da missa, Olga e eu conversávamos:

— Eu achei um revólver.

— Onde, Olga?

— Na gaveta da mesa do papai.

— Eu quero ver, sim?

— Quando nós chegarmos em casa eu lhe mostro.

★

Subimos a escada em silêncio. As tranças grossas de Olga corriam pelos meus dedos.

— Não brinca.

Da direção da cozinha chegava até nós um ruído confuso de vozes. Nossas mães conversavam: algum passeio combinado ou um prato novo para o almoço. O quarto de Olga: a colcha creme em harmonia com a pintura da parede, o quadro da primeira comunhão ao lado da porta, o guarda-roupa fe-

chado, escondendo os outros vestidos da menina; o criado-mudo ingenuamente fechando o ângulo reto formado pelas paredes.

— Onde está o revólver?

— Aqui.

Abriu a gaveta do criado-mudo. O revólver apareceu, seguro pelas suas mãos ágeis de criança.

— Dê-mo aqui, Olga. Não tem bala?

— Imagine, não tem nada.

A janela aberta permitia a entrada de alguns raios de sol. Os ponteiros de um pequeno despertador cochilavam sobre o número 10; de repente o maior dos dois despertou e continuou lentamente o seu caminho. Uma idéia besta assaltou-me. E a idéia quis ter vida própria:

— Olga, fuja senão eu lhe dou um tiro.

— Não tem bala, bobo.

— Quer ver?

— Quero.

Puxei o gatilho. Um ruído definido. Até hoje, tantos anos depois, me lembro da expressão dos olhos de Olga, olhos verdes; de um verde medroso. A bala atingiu o coração. Uma voz lá de baixo: "Que foi isso?". As pálpebras de Olga se separaram ao extremo; seus olhos verdes percorreram todo o meu corpo, e depois, num último esforço físico, tentaram dizer adeus para mim. Ela não resistiu mais. Tombou sobre a colcha bem esticada da sua cama de menina.

— Olga!

Julguei tudo uma farsa. Pensando ser ainda continuação da nossa brincadeira, ergui a cabeça de Olga e beijei, assustado, seus lábios, seus cabelos, seu rosto. Encontraram-me agarado ao corpo de Olga, beijando desesperadamente os olhos dela...

★



ARTISTAS A PRODUZEM MARAVILHOSAS

A RUA DOS FABRICANTES DE ÍDOLOS DE
SURPREENDENTES DE TALENTO A SERVIÇO
ÍNDIA — OBRAS DE SINGULAR EXPRESSÃO
MIRAÇÃO DOS TRANSEUNTES, EMPILHA
CUAMENT

Por DAN CARTER

CALCUTA', fevereiro — Kumartooli é um recanto típico da velha Índia nativa. É uma estreita rua de Calcutá, estreita e mal calçada, onde vivem e trabalham os "khumbakars", os fazedores de ídolos, de todos os ídolos que são carregados nas muitas procissões religiosas que desfilam pela tortuosa cidade. A época do ano mais trabalhosa para os "khumbakars" é a imediatamente anterior à "Durga Puja", cerimônia em honra da deusa Durga, que tem três dias de duração, depois dos quais os inúmeros ídolos usados vão para o fundo do rio.

Os fregueses dos "khumbakars" escolhem os seus ídolos de um tabuleiro de amostras, onde são expostas miniaturas da deusa modeladas em barro. Uma vez feita a escolha, o artífice lança-se ao trabalho. Constrói em primeiro lugar uma estrutura de madeira, que forra depois com palha e cordões. Aplica então uma camada de barro sobre o arcabouço, esperando então que ela seque. Vem depois nova camada de barro, formando a superfície, no qual são modeladas as feições e a formação muscular do ídolo em elaboração. Após a secagem vem uma aplicação de tinta branca, à base de cal, sobre

A esquerda: um artista Índio executa, de memória, um busto e pela expressão do retratado. A figura de Gandhi está de t...
tistas podem trabalhar sem recorrer a retratos ou desenhos. O
óculos mesmo. Em baixo: belos trabalhos de arte popular dos fa
tista anônimo trabalha laboriosamente em uma grande escultura

Exito, o patrono do sucesso, — produzindo uma obra d



ANÔNIMOS

ILHAS ARTÍSTICAS

OS DE CALCUTÁ — MANIFESTAÇÕES
RVIÇO DAS VELHAS RELIGIÕES DA
ESSÃO ESTÉTICA DESPERTAM A AD-
LHADAS MAIS OU MENOS PROMIS-
ENTE

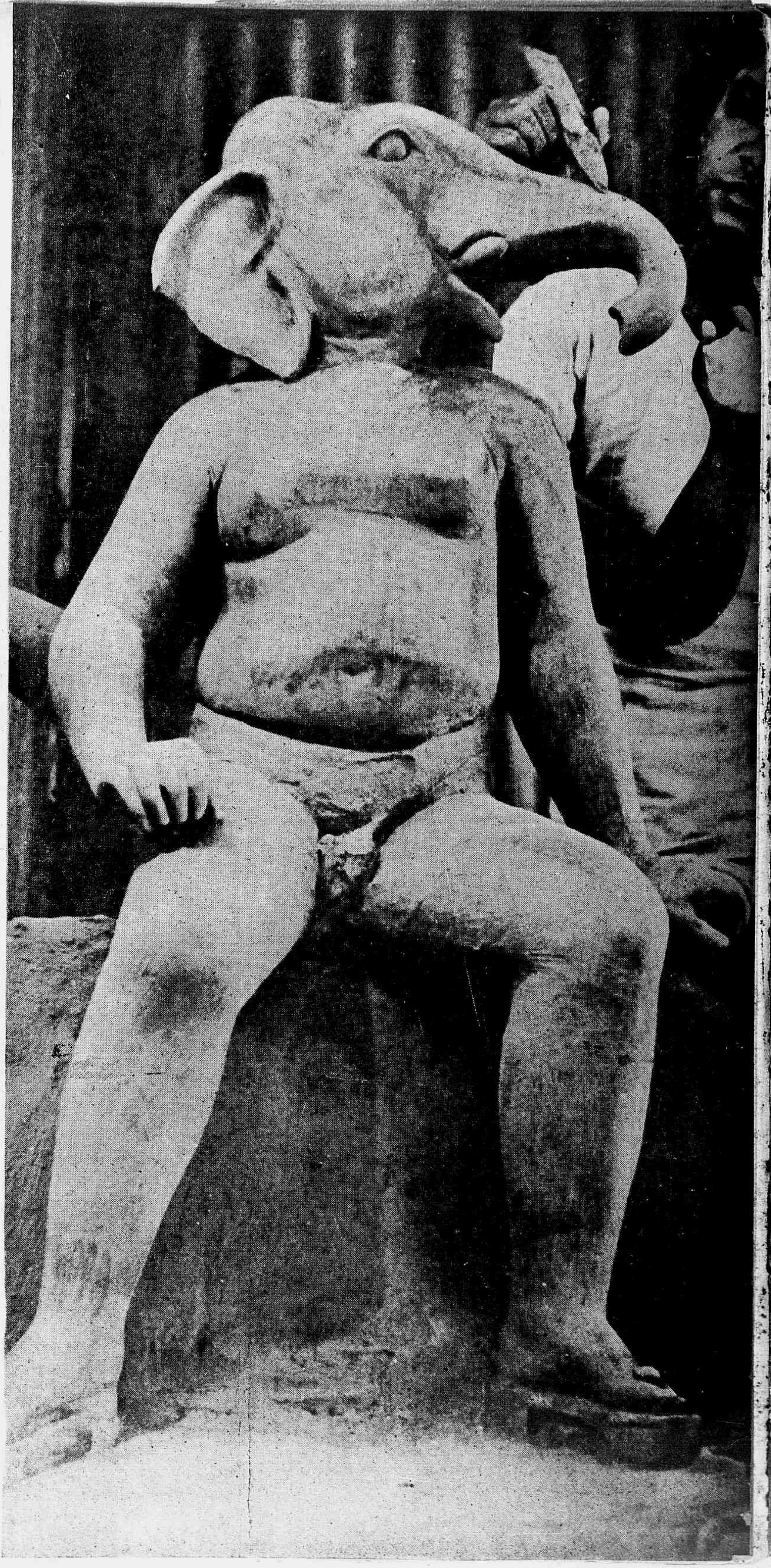
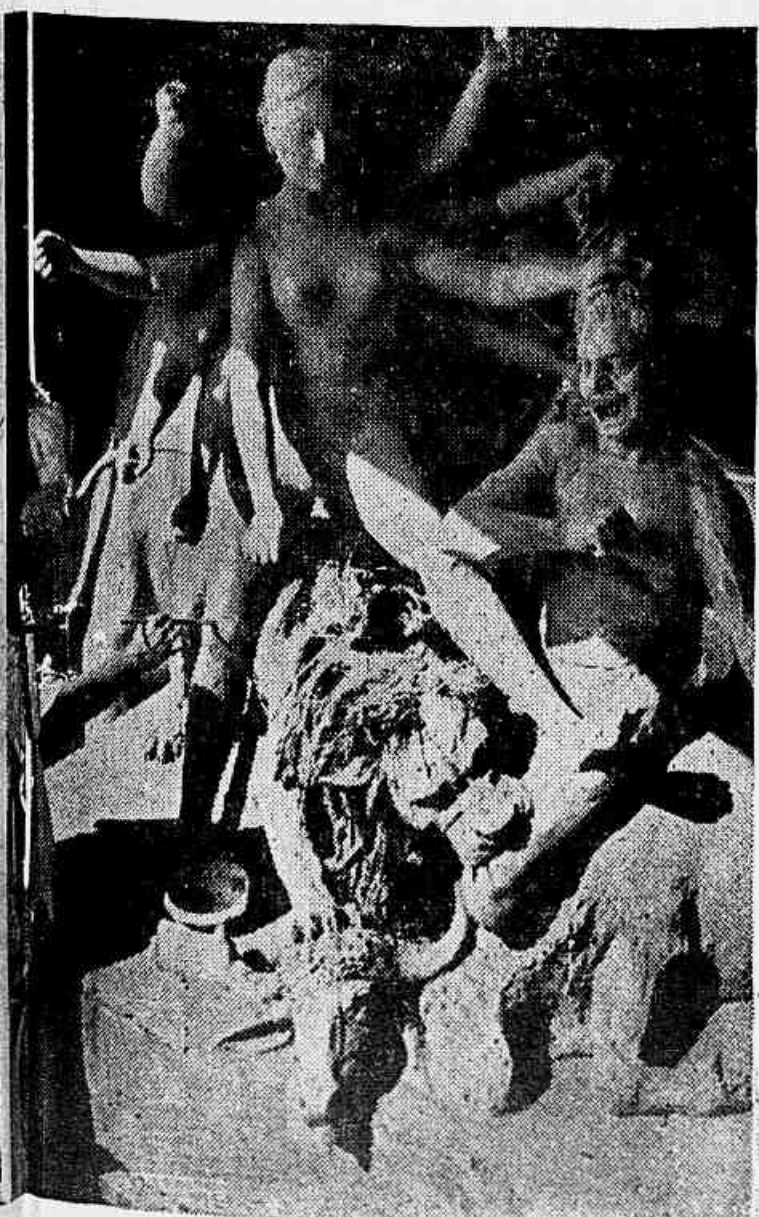
(Fotos da Keystone Press Agency — Exclusividade de
REVISTA DA SEMANA)

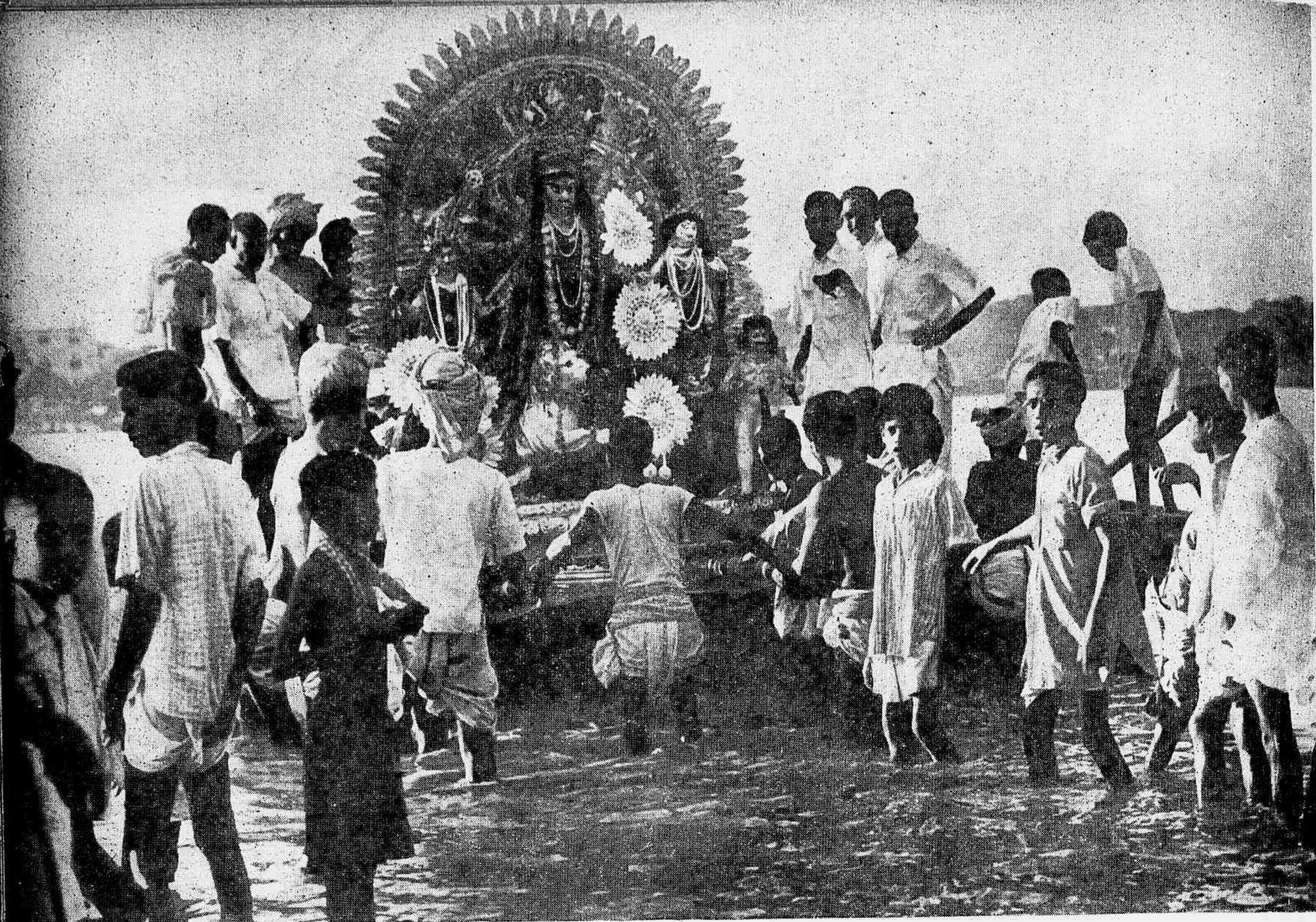
a qual é feita a pintura da imagem em belas côres bri-
lhantes. E aqui começam os retoques finais: cabeleira
de juta, tinta de negro e oleada, vestimentas em tons
alugres e jóias de imitação. Assim, está pronto o ídolo
para o seu breve mas vitorioso trajeto para o fundo do
rio.

Tôdas as imagens são preparadas de acôrdo com as
instruções estabelecidas em textos puritanos, salientan-
do sempre a derrota do demônio frente a Durga. A deu-
sa tem dez braços, cinco de cada lado do corpo. Tem
três olhos e uma lua em crescente na testa. Aparece
em pé, com o pé direito sôbre o dorso de um leão e o
esquerdo sôbre o ombro de Mahishasura, um demônio
que habita o corpo sem cabeça de um búfalo. Através
do coração do demônio vê-se o tridente empunhado pela
deusa, representando assim a derrota final da força do
mal.

E é assim, depois de imenso trabalho dos "khumba-
kars", que os ídolos fazem a sua fugaz caminhada às
festas dos fiéis para terem encerrada a sua aparição
anual no fundo do rio.

de Gandhi, obra maravilhosa pela exatidão dos traços
e modo fixada na memória do povo indú, que os ar-
tistas. O curioso no aludido trabalho é que os óculos são
dos fabricantes de ídolos de Calcutá. A direita: um ar-
tista de Ganesha, — o elefante divino, que é o Deus do
obra de arte popular de grande expressão estética.





Em cima: aqui vemos, neste detalhe de uma festa religiosa, a completa utilização das obras de arte produzidas na rua dos fabricantes de ídolos de Calcutá. Trata-se do ídolo Kumartooli, que chega ao fim de sua jornada ritual no rio Hoogly, onde tem de ser submergido. Mas não faz mal, porque os entalhadores especializados em sua fabricação, farão um novo para o ano seguinte. Em baixo, à esquerda: uma imagem, depois de modelada, é posta para secar ao sol; à direita, — um conjunto de ídolos, entre os quais Durga, a deusa dos dez braços; Saraswati, a deusa da Sabedoria, e Lakshmi, a deusa da Fortuna.



A VIDA DE SANTO INÁCIO DE LOIOLA

(1491-1556)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA)

"No ano de 1553, a 4 de agosto, véspera da festa de Nossa Senhora das Neves, quando Santo Inácio se achava no jardim», escreve o padre González, «comecei a prestar-lhe contas da minha alma... Uma ou duas horas depois fomos jantar, e enquanto Mestre Polancus e eu comíamos com ele, Santo Inácio disse que Mestre Natalis e outros membros da Sociedade lhe tinham pedido frequentemente que fizesse um relato de sua vida, mas que até aquele dia nunca se resolvera a tal.»

Gradualmente, entretanto, «Deus inspirou» o fundador da Sociedade de Jesus.

Este por fim se mostrou inclinado a ditar sua autobiografia. «No setembro seguinte ele me chamou, e principiou a contar clara e distintamente a sua vida, com todas as circunstâncias concomitantes... O padre Natalis exultou de ver iniciada a obra, e me pediu que instasse com Santo Inácio pelo seu prosseguimento, dizendo-me muitas vezes: — De nenhum outro modo poderíeis fazer mais bem à Sociedade... Subsequentemente ele tornou a chamar-me três ou quatro vezes no mesmo mês, e contou-me a história de sua vida até a estada em Manresa»...

Inácio levou dois anos narrando a sua vida a González. Houve numerosas interrupções. Muitas e muitas vezes, «depois de dizer missa, eu ia perguntar-lhe se o momento era oportuno». O Papa adoeceu, e a narrativa foi postergada até a eleição de novo pontífice, «que morreu depois da eleição». No verão, observa pesadamente González, «a biografia não fazia muitos progressos por causa do calor». No inverno, «era preciso fundar colégios para a Sociedade, e receber embaixadores».

Mas quando o discípulo conseguia de seu mestre alguns preciosos minutos de lazer, dava-se por bem pago, e ficava mesmo maravilhado. «O método seguido por Santo Inácio é tão claro, que ele nos põe vividamente diante dos olhos os acontecimentos pretéritos... Não era preciso perguntar-lhe nada, pois que nada de importante era omitido... Enquanto eu tomava estas notas, procurava observar-lhe a expressão do rosto, aproximando-me sempre mais dele»...

II

Estamos no reinado de Fernando e Isabel. A aristocracia espanhola é uma espada rutilante na bainha da cavalaria internacional. Não nos deixemos enganar por êsses fidalgos, com seus rostos brancos e delgados como a mortalha. Estua-lhes o sangue nas veias. Seus corações são cadinhos fumegantes, onde a carne de tudo o que tocam se transmuda no espírito de tudo o que veneram. Estão violentamente enamorados do amor, e são indiferentes à morte. Passam, sem hesitação, dos prazeres de um romance sob a luz das estrélas, a um duelo de vingança no fundo do pátio. Por um momento de êxtase diante da madona do crucifixo estão prontos a levar a espada aos confins da terra, e morrer a seu serviço em qualquer parte, de qualquer maneira.

Não nos espante, pois, a história de um soldado que se converteu em santo. O pêndulo do temperamento espanhol oscila facilmente do ardor combativo à espiritualidade.

Inácio de Loiola voltou ferido da guerra. Uma bala francesa se lhe alojara na coxa. Nem um estremeamento, nem um sussurro de seus lábios, enquanto lhe reajustam a perna partida. A tradição militar, imperante na família, exclui toda dor. Loiola observa imperturbável e sonha com dias melhores, em que voltará à corte do rei, levando um soneto de amor na ponta da espada, e um beijo a alguma face formosa atrás de um leque. Seus antepassados pelejaram contra os mouros, e seus próprios irmãos caíram no campo da luta por menos do que isto.

Inácio tinha seguido a tradição cortesã dêsses guerreiros. Em menino, fôra separado dos pais e educado sob a tutela do secretário do Tesouro Real. Recebera o batismo de fogo do cavaleiro. E agora tinha ferido uma perna no serviço habitual do paladino. Membro a membro, sacrificar-se-ia em combate à Deusa do Amor. E quando se cansasse de suas carícias iria com uma prece descansar num túmulo de soldado.

Tratam-lhe da perna ferida. Enquanto convalesce no seu castelo, pede um livro para ler — o «Amadis de Gaula», a história fascinante de um cavaleiro. Mas o livro não se encontra à mão. Trazem-lhe outro, de conteúdo muito diferente — «A Flor dos Santos». Inácio abre as páginas do livro. Santos? Um sorriso escarninho lhe contrai os lábios. Para que perder o tempo com êsses homens que mortificam a carne em orações, ao invés de arriscá-la em combate?

Mas lê o livro de ponta a ponta. Aos poucos se vai identificando com êsses estranhos guerreiros de Cristo nas lutas da religião. Depois de virar a última página, recosta-se na cama e põe-se a meditar. Aquêles santos eram paladinos como ele! Também tinham pugnado contra exércitos inteiros — não de franceses, mas dos espíritos agressivos da tentação e do mal. Também eles se tinham inflamado ante os espetáculos e sons que fazem ferver o sangue do soldado! O lampear das manifestações celestiais, o atoar da voz de Deus na consciência. Os duelos de artilharia da alma despertada.

Fechou os olhos e sonhou. Viu-se num deserto árido e batido pelo vento, onde — milagre divino! — crescia um crucifixo de rosas. E agora compreendia que o seu amor era por uma única mulher. Pois, em seu sonho, o crucifixo de rosas era cultivado pela Virgem Maria.

Ergueu-se da cama, são e forte. Perseguiu o objeto da sua paixão com o ardor de um espanhol enamorado.

III

Quando abandonou o leito, sua família percebeu que se operara estranha mudança em Inácio. Inquietaram-se ao ouvir-lhe que não voltaria à corte do rei. «Não vás fazer nada que seja indigno dos teus antepassados», pediram-lhe. Ele fez um sinal de assentimento.

Não, não faria nada que fosse indigno dos seus antepassados do Evangelho — os homens cuja história começava muito antes dos anais dos Loiolas. Primeiro que tudo, como já o fizera São Francisco, deu as suas esplêndidas roupas a um mendigo. Então iniciou as suas aventuras de cavaleiro andante da religião.

Foi para Manresa, cidadezinha situada no caminho de Barcelona. Lá entrou num hospital, a fim de cuidar os doentes e agonizantes. Retirava-se a uma fuma para rezar e olhar dentro de si mesmo. Jejuava e flagelava-se, forcejando por

consumir o próprio corpo até o ponto em que deixasse ver a sua alma. Era pequeno de estatura: apenas cinco pés e duas polegadas. Sua cintura adelgacava-se, e a compleição tornava-se-lhe ainda mais franzina, até que os bons padres do hospital lhe pediram que renunciasse às práticas ascéticas e poupasse um pouco de si mesmo para o serviço do mundo. Loiola recomeçou a comer e beber, e recuperou a saúde.

Entrara numa lapa das encostas de Manresa como um eremita à procura de Deus na solidão. Emergiu «cheio da presença de Deus» e persuadido de que devia ensinar os seus semelhantes. Adestrara-se na santidade com a energia do guerreiro. E agora que se transformara em santo, descobriu que não cedera nem uma parcela da impetuosidade do guerreiro. Era um corpo devidamente disciplinado que combatia e morria sob o comando da vontade.

Escreveu então seus primeiros ensinamentos — a exposição dos passos por meio dos quais todos os noviços, todos os pecadores, cozinheiros ou vagabundos poderiam encontrar o caminho de Deus. Denominou o livro «Manual de Exercícios». «Assim como andar, marchar e correr são exercícios corporais, também os diferentes métodos de preparar e dispor a alma... com o fim de assegurar a salvação dela, são exercícios espirituais». Prescrevia, não apenas as atitudes do espírito, mas as posições do corpo na oração. Enumerava os temas de especulação que enfrentar, os vícios que transpor, as virtudes que perseguir antes de se conquistar o prêmio final da coroa de louros para o espírito. Inácio não era nenhum frade corpulento e inerte, com as «estrélas gélidas» nos olhos; a Igreja estava abarrotada dessas consciências obesas. Ele era um cavaleiro andante, enxuto de carnes e ativo, que voava como o vento, levando na cimeira do elmo o lema esforçado: **Exercita-te para a santidade!**

IV

Mas não saiu a combater contra moinhos de vento. Era um cavaleiro andante realista. Resolveu estudar, instruir-se no grego e no latim, quiçá tornar-se um doutor. Depois pregaria. Porém, começou por fazer a devota peregrinação a Jerusalém. Então regressou à Espanha e entrou num colégio para iniciar a sua educação.

Mas não podia ficar em silêncio numa cela de estudo! Seu sangue escaldava-se debaixo dos céus de Barcelona. A cruz devia falar. Inácio transpôs os limites da sala de aulas e saiu a pedir, de cada pessoa que encontrava no mercado, alguns minutos de seu precioso tempo. Penetrava em casas onde os cidadãos não procediam com estrita correção, e azucrinava-os como um moscardo para que modificassem o gênero de vida. Expunha a sua opinião acerca de Jesus, metia-se em toda parte, «remendando coisas como uma velha», atraindo grupos de ouvintes exaltados, introduzindo-se nas aglomerações, fazendo perguntas, trazendo consólo.

Os professores enfadaram-se. Um aluno inexperiente, enxovalhando a dignidade e a aristocracia da Universidade. Ainda não era sacerdote. Com que direito saía a pregar e reformar as pessoas? Com que autorização? Um radical perigoso.

Bem, para casos como êsse a Igreja dispunha de uma «comissão de inquérito» que a protegesse: a Inquisição. Um instrumento que penetrava fundo e descobria qualquer veneno oculto no corpo religioso.

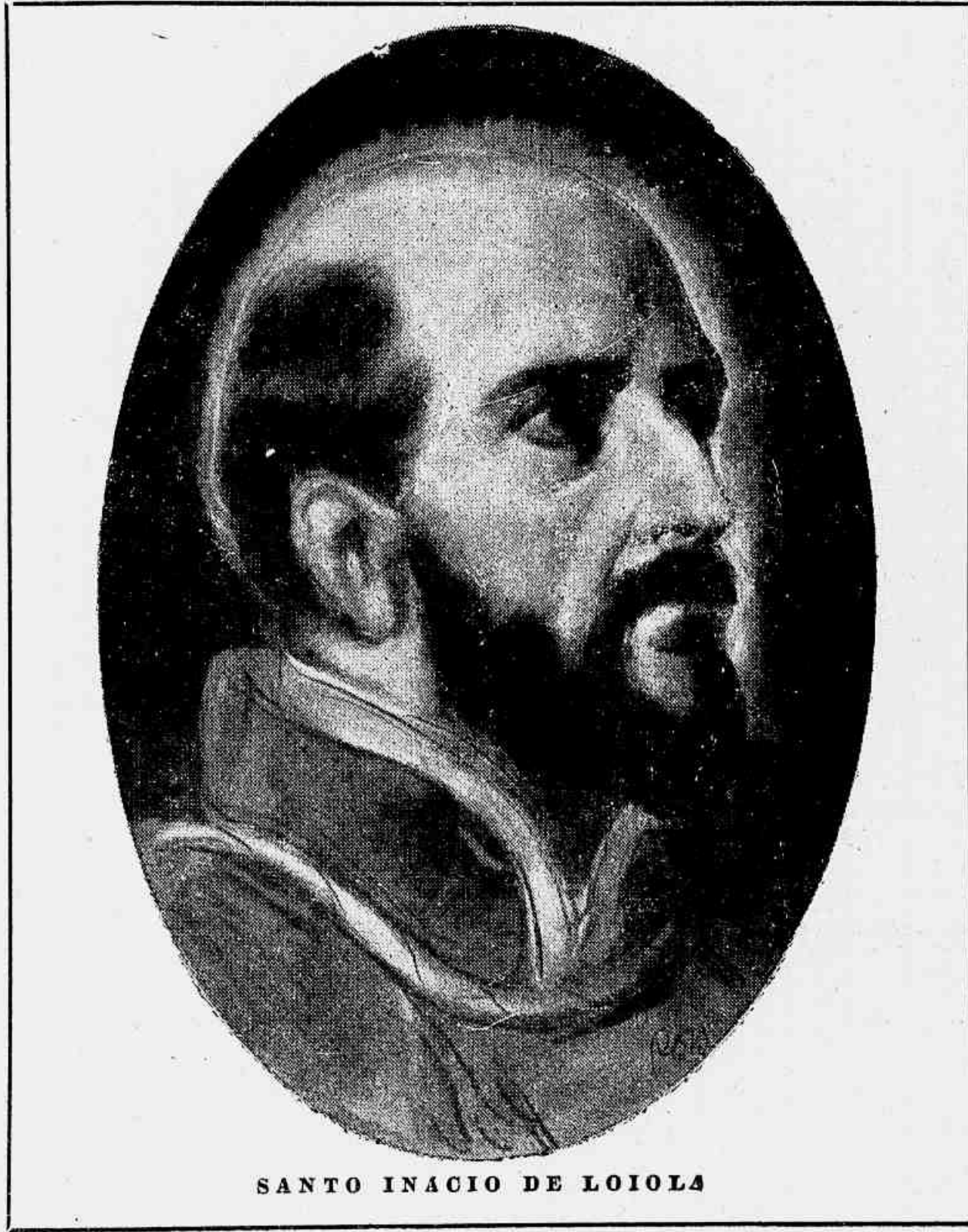
Intimaram Inácio e encarceraram-no. Um professor da Universidade foi visitar o jovem estudante que tão arrojadamente «discorrera sobre assuntos espirituais». E voltou singularmente impressionado. Chegando-se a um amigo, segredou-lhe — tão baixo que nenhuma autoridade pudesse escutá-lo: «Viste Inácio de Loiola?» E continuou: «Eu acabo de ver... Paulo, acorrentado».

Por fim puseram em liberdade o pequeno «perturbador não maior que uma criança» e mandaram-lhe seguir o seu caminho. E êsse caminho o conduziu a Paris e à famosa Universidade, onde confiava trabalhar em paz. Reuniu alguns de seus livros, com o cuidado de um mascate cujas mercadorias poderiam render-lhe com que pagar o derradeiro jantar. Atirou às costas com sua ciência inteira, e se pôs em marcha, descalço e curvado. Era um longo percurso, que o levava bem ao «coração do país inimigo»; pois a Espanha estava empenhada em outra das suas intermináveis guerras contra a França. Mas o lépido mercador da misericórdia divina já não se preocupava com as violentas paixões guerreiras dos homens. Comia e bebia nos bairros mais pobres e conversava sobre coisas modestas e humildes. Finalmente,

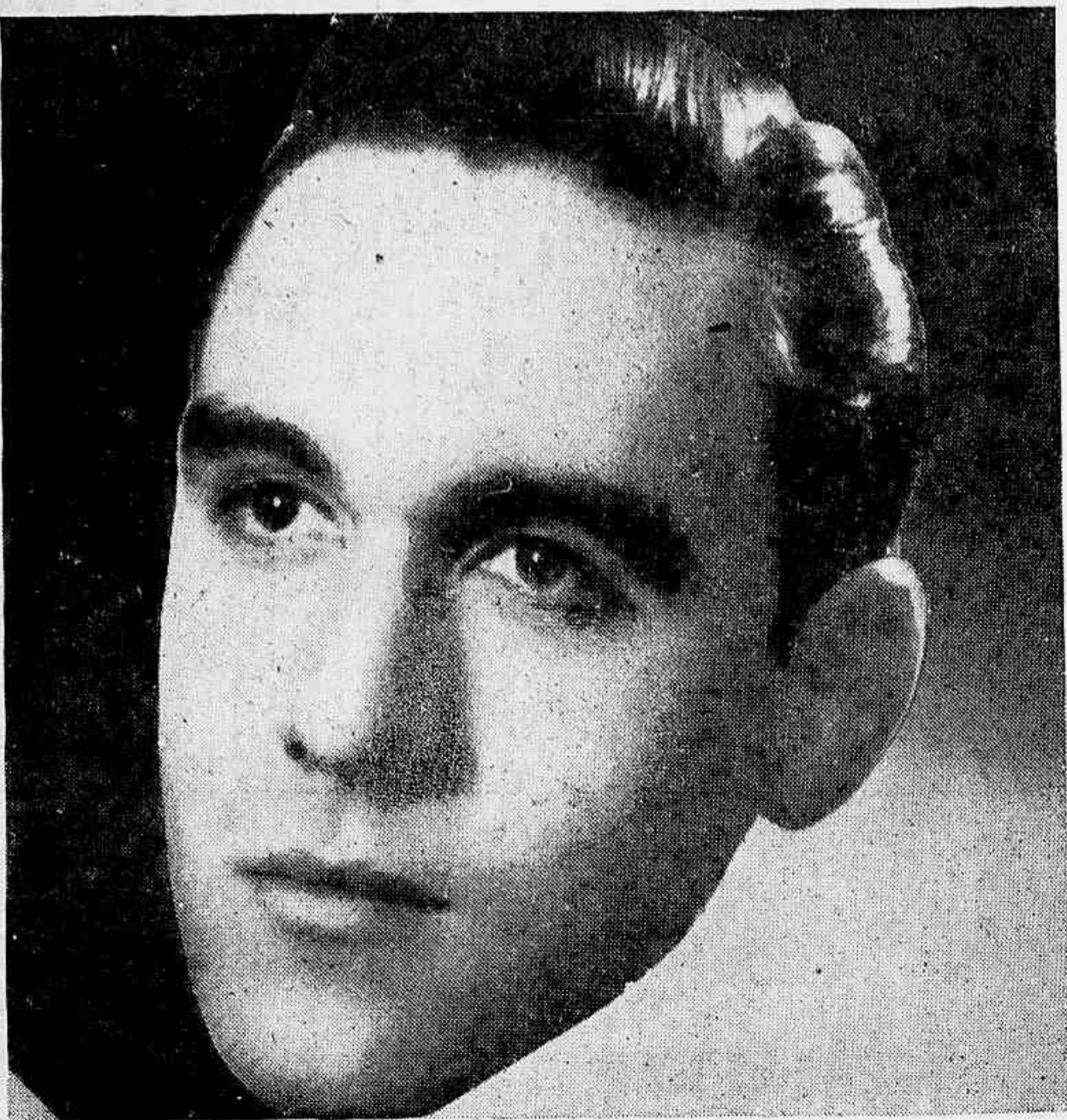
depois de muito se demorar e sonhar e conviver com gente humilde e obscura, e desfiar mil vezes as contas do rosário, chegou ao seu destino.

Mas assim que se dispõe a escutar os sábios professores parisienses, sente o impulso de agr. E' evidente que ele nunca há de ser «o maior dos letrados». Sua mente se perde no meio das teorias abstratas. Tem demasiada influência sobre as pessoas para ater-se à companhia dos livros. Mais uma vez se rebela o sangue do soldado. Inácio ofendeu a dignidade da Universidade. Abandona as salas de estudos e se converte numa espécie de frade mendicante, um esmoleiro inscrito na mais eficiente das instituições educacionais — o mundo de Deus. Ele pede, realmente — outra sentença na prisão!

(Continua na pág. 48)



SANTO INACIO DE LOIOLA



PEDRO VEIGA, rádio-ator exclusivo da Globo nasceu em São Paulo. Estudante ainda, começou a se interessar pelas atividades radiofônicas, escrevendo e adaptando peças para o microfone. Depois, incursionou nos espetáculos de teatro cego, trabalhando como rádio-ator. A simpatia com que foi recebido, animou-o a prosseguir na carreira, a ponto de ser contratado por emissoras das mais categorizadas, como Mayrink Veiga, Tamóio, Tupi e, finalmente, a PRE-3. De sua autoria são algumas das peças que a Globo transmite no seu Grande Teatro, assim como diversas novelas, destacando-se "Sinhá Moça é um amor" e "O romance de um moço louro", esta em parceria com Sadi Cabral. Formado em engenharia, nem por isso abandonou o microfone. Continua firme a redigir programas e a tomar parte nos espetáculos rádio-teatrais, ao lado de figuras de projeção, como Urbano Loes, Tereza Costa, Norka Smith e outros. Com vinte e cinco anos de idade, pois nasceu a quatro de novembro de 1922, Pedro Veiga já experimentou uma grande emoção em sua carreira artística. Foi quando tomou parte no programa extraordinário do Dia da Vitória. Como autor, seu grande momento prende-se à transmissão da peça "Inês de Castro". Fora da atividade radiofônica, nosso biografado exerce a profissão que abraçou: engenharia. Gosta muito de escrever e não perde um bom espetáculo teatral.



IGOR Stanislau nasceu na Lituania. O desejo de conhecer outras terras trouxe-o ao Brasil, onde conseguiu se radicar. Começou exercendo a função de relojoeiro, embora o bel canto fosse seu fraco. E, tão logo lhe foi permitido estudar canto, começou a desenvolver seus dotes vocais. Apegou-se a professores de competência, entrando em contacto com os diferentes métodos e travando relações com as notas musicais. Assim, quando lhe surgiu a primeira oportunidade para enfrentar o microfone, nosso biografado aproveitou-a. Inscreveu-se no programa "Artistas Novos do Brasil", correspondendo plenamente ao aprêço dos ouvintes. Igor Stanislau, levado pelo sucesso, começou a procurar ambiente para sua arte. Não lhe foi difícil conseguir, uma vez que valor não lhe faltava. Diversas emissoras mostraram-se interessadas pelo seu curso, oferecendo-lhe a chance desejada. Porém, o artista lituano, fiel à própria arte, não desejava mercantilizá-la. Decidiu aceitar o convite da Rádio Roquete Pinto para participar de seus programas de estúdio. Intérprete das melodias folclóricas de sua terra natal, canta com bastante personalidade o gênero lírico. E' ainda exímio violonista, tendo feito seus estudos de música no Rio Grande do Sul. Igor Stanislau está sendo apresentado ao microfone da Rádio Roquete Pinto em programas de que participam outros artistas consagrados pelo público.



TALITA de Miranda, artista exclusiva da Rádio Nacional, é um dos valores positivos do rádio-teatro. Com atuação destacada em trabalhos de responsabilidade, soube conquistar a simpatia do público ouvinte e aumentar a popularidade em torno da sua carreira artística. Sua passagem pelo "cast" rádio-teatral das grandes emissoras cariocas está assinalada por indiscutível êxito, uma vez que lhe sobram qualidades para triunfar. Hoje, com lugar de relêvo no elenco da PRE-8, vem participando de inúmeras histórias em capítulos que essa emissora leva ao ar, além de tomar parte em programas diversos. Jovem e atraente, com absoluto senso artístico e fácil compreensão dos papéis que lhe são entregues, Talita de Miranda destaca-se entre os valores do "broadcasting" nacional, como artista perfeita no seu gênero. Com passagem pelo "cast" da Tupi, Tamóio, Mayrink Veiga e outras estações, teve oportunidade de viver grandes papéis, tirando bom partido das personagens que lhe eram confiadas. Hoje, a custa de larga experiência, a vitoriosa estrela do "cast" rádio-teatral da PRE-8 não recusa interpretar quaisquer papéis, uma vez que tem absoluto controle de nervos e conhece a técnica radiofônica. Estudando muito e se interessando vivamente pela arte de dizer ao microfone, Talita de Miranda nem por isso se descuida dos ouvintes, respondendo-lhes com assiduidade as cartas que escrevem.



HUMBERTO de Campos Filho começou na Rádio Nacional, quando essa emissora inaugurou as ondas curtas. Coube-lhe redigir programas para os Estados Unidos e para a Inglaterra. Depois, tornou-se locutor, vindo mais tarde a trabalhar como rádio-ator, encarnando o próprio pai, na peça "Uma noite entre as sombras". Ao desligar-se da PRE-8, ingressou na Mayrink Veiga, atuando como locutor do "Programa Casé" e narrador de programas gerais. Esteve na Rádio Globo e foi parar na Tupi, como narrador do programa "O que vai pelo mundo". Daí passou para a PRA-2, como responsável por "Galeria Pan Americana". Nesse período, tentou dirigir uma revista. A seguir, criou o cartaz "Voz dos Estados Unidos", transmitido pela Rádio Roquete Pinto e, finalmente, passou a trabalhar na embaixada americana, na seção de rádio. Na imprensa trabalhou em "A Nota", "Gazeta de Notícias", "Correio da Manhã" e "A Manhã". Filho do saudoso escritor Humberto de Campos, nasceu no Rio Grande do Sul, a vinte de agosto de 1923, contando, atualmente, vinte e cinco anos de idade. Sua grande emoção foi a de ter irradiado, ao lado de Aurélio de Andrade, a invasão do continente europeu pelas tropas aliadas. Humberto de Campos Filho possui um livro de poesias inédito, é autor de diversos programas comemorativos e já foi tudo em rádio, inclusive contratador de artistas.

GENTE DE RADIO DE QUATRO EM QUATRO Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA Por ARMANDO MIGUEIS

NOS BASTIDORES FEMININOS

NÃO sei se você chegou a ver, ou por acaso ouviu falar, numa série de filmes curtos intitulada "O crime não compensa". Ali, justificando o título, mostrava-se que todo o criminoso, por hábil e inteligente que fosse, acabava sempre expiando o seu crime. Muitas vezes, era o próprio criminoso, quem, roído pelo remorso, se apresentava à polícia para confessar a sua ação. De uma forma ou de outra, procurava-se demonstrar que "o crime não compensa" e que ninguém poderia, portanto, escapar ao castigo. O mesmo pode ser aplicado em muitos outros setores da vida humana. Existem, por exemplo, pessoas que, levemente, tomam um rumo na vida sem levar em conta as consequências que daí podem advir. Umas agem assim porque pensam que não se deve deixar escapar uma boa "chance"; outras porque julgam que só o presente é que importa; outras porque pensam que tudo é muitíssimo natural; outras para experimentar o seu poder de atração; outras pela sedução da novidade; outras por acharem que ninguém conhecerá o seu segredo; outras, enfim, o fazem por uma simples questão de temperamento ou irresponsabilidade. No entanto, muitas das vezes, trata-se de pessoas com sérios compromissos na vida e com muita coisa a respeitar... E são essas as pessoas que pensam que tudo poderá continuar na mesma, apesar dos seus constantes desvios. Não compreendem ou não querem compreender que deixando-se levar por galanteios fáceis e entregando-se a aventuras passageiras, estão arriscando tudo: a tranquilidade de espírito, a reputação, a decência, a dignidade, o respeito alheio e o seu próprio; o amor daqueles que depositaram nelas a sua confiança e a sua amizade; a consideração que poderiam merecer do mundo... Tudo isso periga quando não se segue o caminho traçado pela honestidade e o dever. E isto sem contar ainda com as humilhações e os vexames a que se sujeitam... Há uma série interminável de situações difíceis provocadas por essas atitudes; há ainda a considerar a situação moral perante a família e, principalmente, perante os filhos, quando se oprimem. Por tudo isso, por todo o prejuízo, por todo o sofrimento, por todas as vergonhas que tais atitudes acarretam, chegamos à conclusão de que "o crime não compensa". Não há nada que possa substituir a alegria sadia de um lar; não há aventura, por atraente que seja, que mereça o sacrifício de tanta coisa importante e necessária à vida, não há, enfim, nada que possa compensar a perda de tudo aquilo que podemos possuir dentro de um ritmo de vida normal, digno e decente.

KITTY

Jane Wyman, a encantadora "estrela" da RKO, protagonista de "Cidade Encantada", apresentando o seu último "set" de jóias. Brincos e anel de ouro, com grande pérola no centro e pedras brancas ao redor.





Ao alto
nters" e
cetim

A
Crônica

"Os
tas qua
do são

O m
do seu
desta cr
ra, falec

A esque
com flo
lante" e



Ao alto: De Schiaparelli um vestido de noite em cetim cinza fumaça, de saia ampla, com casaco de basques "papiers" de cetim cinza com listras de veludo vermelho rubi. Na página ao lado: Este modelo de "Schiaparelli" em cetim beringela e marron claro parece ter saído de um quadro de Renoir ou Manet, com o seu drapeado à moda da época dos Impressionistas.

A NOVA LEI DA Suntuosidade

Crônica de modas de OLGA OBRY

Modelos de BRUYÈRE e SCHIAPARELLI

"Os vestidos de noite inspiram-se dos impressionistas quando são drapeados, da época de Velasquez quando são largos."

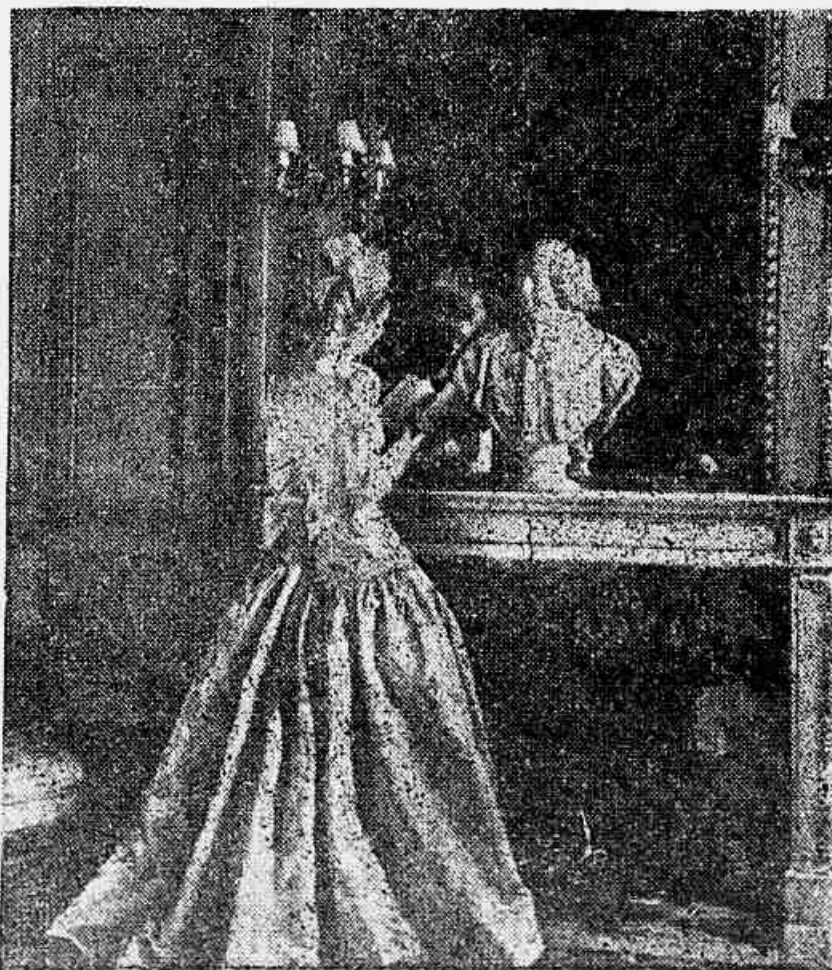
(Do programa de Jeanne Lanvin para a primeira coleção de 1948)

O nosso "moto" é de Jeanne Lanvin — ou melhor, do seu genro Jean Gaumont, o "adido de imprensa" desta casa que continua a tradição da sua grande criadora, falecida há dois anos. Os modelos que ilustram esta

crônica são de Bruyère e de Schiaparelli, mas mostram bem aquelas duas tendências suntuosas da moda atual aplicada ao vestido de noite. Outra prova de que as diretrizes da moda parisiense não são lançadas por tal ou qual casa de alta costura, e sim "estão no ar" e entram pelas janelas de todos os salões, malgrado o segredo rigorosamente guardado em que se preparam em Paris as coleções de cada nova temporada.

(Cont. na pág. 50)

A esquerda: No estilo da época de Velasquez, este vestido de noite de Bruyère, em cetim malva e rosa, brochado com fios de ouro. O bladema é de tule nas côres do vestido, adornado com bolas douradas. A direita: "Fête Galante" é o nome desta toilette de gala de Bruyère, em cetim brochado azul pálido, bordado com pérolas na mesma cor. Uma touca de "aligrettes" e fita de cetim azul e prata adornam o penteado "Luiz XV".



Caixa de RESSONÂNCIA

LA PALME NO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



Nascido para ser artista, La Palme escapou, por um triz, de tornar-se caixeiro ou quitandeiro e de acabar a vida obscuro e desconhecido.

Desde criança, lidava com pincéis e lapis; era a sua paixão. Muito jovem, apresentou-se para concurso à Academia de Belas Artes. Foi recusado, é claro. Assim, ficou na mesma situação de Leão Tolstói, um dos últimos na sua classe ginasial em composição, de Jouvet, que encontrou a porta do Conservatório de Paris fechada por incapacidade, ou de Henri Matisse, o benjamim do atelier Gustave Moreau, que chorava porque o mestre o aconselhara a abandonar a pintura. Se La Palme tivesse conhecido esses exemplos reconfortadores, com certeza não teria desanimado. Se tivesse tido tempo para refletir, teria chegado rapidamente à conclusão de que um fracasso acadêmico pode, às vezes, valer mais do que um diploma com medalha de ouro e prêmio de viagem.

Infelizmente, tinha outras preocupações prementes. De condição modesta, era obrigado a pensar em ganhar o pão de cada dia para seu sustento. Resolveu logo deixar a pintura e procurar um emprego. Mas a Providência e sábia na maneira como sabe dispor as coisas. Os seus caminhos são imprevisíveis.

A mesma natureza que tão generosamente dotou La Palme de talentos espirituais, foi exageradamente mesquinha na sua constituição física. O rapaz nunca cresceu mais do que cinco pés. Imagine-se um vendedor de 1 metro e 50 de altura; na verdade, não tem nada de atraente para uma loja que se preza. Quanto ao trabalho num bar ou num "drug store", nem pensar nisso. La Palme desaparecia atrás do balcão. O concurso para um emprego foi um fracasso ainda maior do que o da Academia. Nada mais lhe restava que voltar aos seus pincéis e tubos de tinta. A sorte estava jogada...

Então começa a penosa subida. Os desenhos apresentados aos jornais e revistas são recusados. Finalmente, publica-se um, aceito de graça. Um êxito. A porta abre-se. Aparecem outras colaborações: desenhos, caricaturas e cartazes. Vem a guerra. La Palme torna-se artista de guerra, enverga a farda. Como tal, recebe ordem para decorar as paredes da cantina do seu acampamento. Enfim, uma tarefa à medida de suas forças. O artista escolhe como tema "a história das guerras". Uma história satírica, cheia de sarcasmo mordaz, sumamente desrespeitosa para com os grandes vultos da história. Quanto à forma plástica, esta é verdadeiramente espantosa. La Palme realça a caricatura à altura de um fresco ou de uma tapeçaria. Com um sentido intuitivo do ambiente histórico, reconstrói o espírito da época através da sua típica deformação satírica, a qual, ao invés de diminuir, acentua estranhamente a verdade humana e histórica do acontecimento. Aquí aparece o sentido real da sensibilidade do artista. Para ele, a sátira representa somente uma forma individual de expressão, não o último fim. O intuito satírico fica subordinado às exigências plásticas; severo ritmo de composição, sábia orquestração cromática, e uma evidente intenção emotiva. O pequeno La Palme pertence à geração dos grandes humoristas que riam através de lágrimas — lágrimas para chorar as misérias deste mundo. Ai reside a verdadeira significação da sua obra, ainda pouco compreendida e que está, aliás, apenas no começo.

Depois das "guerras" apareceu "A Medicina", interpretada com o mesmo temperamento combativo, e inúmeros desenhos e cartazes. O nome de La Palme ultrapassou as fronteiras da sua terra. É conhecido nos Estados Unidos e na França, enquanto no Canadá é hoje um dos desenhistas mais ocupados e mais admirados.

Sob a direção do Encarregado de Negócios do Canadá, a preparação desta montra foi o último trabalho neste país do Embaixador Jean Désy, obreiro incansável da aproximação entre o Canadá e o Brasil.

MICHEL B. KAMENKA



CRIANÇAS FAMINTAS

Dentro em breve um grito de socorro ecoará pelo mundo inteiro; será lançado pela Unac, departamento das Nações Unidas, e apelará para todos os homens e mulheres de boa vontade a fim de que contribuam com um dia de salário, para que se dê alimentos às crianças famintas da Europa e Ásia. Esta secção pertence à criança, sem discriminações, eis por que me julgo na obrigação de registrar aqui o pedido comovente que se faz aos trabalhadores do universo.

Qualquer um de nós pode ler distraidamente nos jornais a notícia e com um dar de ombros desinteressar-se da questão, mas eu convido aos que lerem esta crônica, para refletirem um instante sobre o assunto: já observaram algum dia o semblante de uma criança que tem fome? Atrás da sua miséria há uma persistente e agoniada interrogação; ela pergunta por que? Por que razão acontece tudo aquilo? E as respostas que poderão lhe ser dadas, na linguagem dos adultos, versando sobre estatísticas, economia política, consequências da guerra e razões de estado, não interessarão jamais à sua mente. Estas crianças que apelam, sabem apenas que têm fome e que seus pais lhes contam que em outras latitudes há alimento em abundância — pão e frutas, carne e leite; e tudo isto chegará até elas, se os homens da nossa geração forem bastante generosos; uma história assim lhes parecerá tão fantástica quanto um conto de fadas; e se a humanidade for realmente caridosa com estes pequeninos, eles passarão a acreditar que os heróis desceram à terra novamente para proteger os fracos e infelizes.

Eu estenderia este apelo além dos trabalhadores, e, particularmente aos ociosos, que dispõem de recursos; uma percentagem mínima, dez por cento do que madame despense no jôgo, uma bijouteria de menos no orçamento deste mês e teríamos uma ação eficiente em dois sentidos: para a criança e para a dama elegante; satisfaria a fome de uma e elevaria o teor qualitativo do coração da dama elegante; e não há sensação que nos absolva mais depressa os pecados do que a caridade absoluta.

Pode ser também que alguém ache que a Europa e a China estão muito distantes, para que possam se interessar pelo drama destas crianças; aconselharia a estes que procurassem ver jornais cinematográficos; seria uma pausa entre os esgares das estrélas e atores preferidos, mas ampliaria o horizonte mental daquele que os vê; a gente procura a realidade absoluta na arte, mas fugimos de ver a realidade em si mesma. Sentem-se, pois, numa poltrona refrigerada e observem o que se passa no mundo inteiro: entre um jôgo de polo e um "maillot Bikini" surge o interlúdio de um menino europeu, esquadrinhando nos monturos de lixo um detrito perdido de alimento; não tem mais que dez anos, mas seu rostinho é de um velho, encarquilhado e tristonho; depois vem a interminável fila de chinezinhos, amarrados em suas roupas primitivas, tritando de frio e com olhares cobiçosos para a comida que os aguarda mais adiante. Guardem bem aqueles lances da verdadeira dramaticidade, que valem pelos trejeitos mais artísticos de uma Ingrid ou de um James Mason!

Estou certa de que poucos resistirão ao pungente apelo que aquelas crianças lançam através de suas faces ansiosas e sofredoras, porque, em si mesmos, eles são a mais sincera das súplicas que se poderá lançar.

E, praticando a caridade em outras plagas, pode ser que aprendamos também a exercê-la em nossa terra: lembraremos um dia de que aqui existem crianças famintas suficientes para se lançar uma campanha pelo país a fora; e uma campanha assim seria feita, se tivéssemos bastante iniciativa e coragem para fazê-la.

ZOLA DE LAET





MODELOS PARISIENSES

AQUI estão as últimas novidades de Paris. A silhueta feminina readquiriu toda a sua graça. Paris dita: cintura justa, ombros arredondados, saias longas e amplas. Na página ao lado: Criação de Madeleine Vramant em dois tons. Ao alto: Modelo de Helene Hubert. Saia em panos. Em lá, modelo de Michele Lambert. Em baixo: Maravilhosa criação de Christian Dior em mousseline.



Muro das LAMENTAÇÕES

Resposta a Maria Adriana

Não pode haver dúvida: o péssimo estado de sua saúde provém do conflito sentimental que a dilacera. Mais do que nunca, os médicos, hoje, sabem o quanto as perturbações afetivas repercutem no físico. Seu caso é típico de "refúgio na doença", como o chamam os psicanalistas. Em suma: a sua personalidade, não encontrando solução para os problemas que a cercam, procurou inconscientemente resolvê-los abandonando a luta, assumindo a posição de enferma, de vítima, na esperança secreta de alcançar assim a proteção que lhe faltava. No seu caso, acresce ainda o fator da "outra" — ter uma enferma, e desejar você, em parte, estar na posição dela.

Antes que seus males tomem proporções graves, você precisará reconhecer imediatamente que tudo não passa de vontade de fugir à encruzilhada em que se encontra, e reconhecer também que o único meio de resolvê-la é enfrentar o problema. A nosso ver, a questão não é tão complicada quanto lhe parece, sendo resultado, principalmente, da opinião de terceiras pessoas (amigos e parentes) influindo sobre o seu íntimo. São essas pessoas que lhe estão criando complexos de fracasso e de angústia quanto ao futuro. Senão vejamos.

Após quinze anos de felicidade com uma criatura que, infelizmente, não pode unir-se a você devido à circunstâncias muito respeitáveis, como a da enfermidade crônica da "outra", você começa subitamente a achar que perdeu seu tempo e que deve fazer um "mariage de raison", afim de constituir família e evitar a solidão no futuro.

Em nosso modo de entender, a não ser que você sinta pelo rapaz que agora lhe propõe casamento igual ou maior amor do que o que dedica ao seu companheiro de quinze anos, achamos que você errará abandonando uma verdade, comprovada pela experiência, em troca de uma miragem futura, fundamentada unicamente em dados fornecidos pela inteligência raciocinante. A maior verdade humana não está na inteligência, e sim no instinto, e esse já deu seu veredicto há quinze anos atrás, quando aproximou e ligou a sua vida à dele. Se durante quinze anos, conforme afirma você, esse afeto continuou intacto e recíproco, não compreendemos, verdadeiramente, o que mais poderá você desejar e pedir à vida. Esta já lhe foi nababescamente generosa, dando-lhe o Amor — atrás do qual andam todos, ricos e pobres, solteiros e casados, sem quase nunca poder encontrá-lo. O que você tem a fazer é conservar cuidadosamente esse prodigioso sentimento que há quinze anos vem perfumando a sua vida, erguer agradecida os braços aos céus e aceitar os pequenos percalços da situação como inevitáveis, consolando-se com aquela afirmação do velho tango: "las penas no son penas, cuando son penas de amor"...

Deixe os parentes e os amigos que falem, de nada vale o conceito exterior de felicidade que os outros criam para nós. O que vale é o que você sente, quando está sózinha, quando sabe que ama e que é amada. Quantas rainhas não dariam seu trono por isso? Quantas milionárias não queriam trocar sua fortuna pela posição privilegiada em que você se encontra?

Além do mais, é uma ilusão pensar que ficaremos menos sózinhas casando e formando família. Quando no casamento não existe amor, a pior solidão de todas aparece: a solidão a dois, a três, a cinco, a vinte... Ao passo que quem ama nunca está só — não é verdade? Se, ainda, você precisasse de um apoio financeiro, se você fosse uma mulher desprotegida e sem capacidade de ganhar sua vida, o medo e a covardia justificariam, talvez, um casamento de razão. Mas, sendo você inteligente e culta, e sabendo ganhar com independência a sua vida, só lhe podemos aconselhar o seguinte: um pouco mais de paciência; espere. espere que mais tarde ser-lhe-á possível realizar também no terreno social a felicidade que você já possui no terreno afetivo — o melhor, o único que realmente deve importar às criaturas humanas como você.

CONFIDENTE

★

Conte-nos o seu caso. Escreva-nos para "Muro das Lamentações", aos cuidados da REVISTA DA SEMANA, rua Visconde de Maranguape, 15, Rio.

O ESPIRITO Feminino ATRAVÉS DOS TEMPOS

ALGUMA COISA ACONTECEU

Ema Lazarus foi uma famosa poetisa americana, de origem judaica, autora do famoso poema "New Colossus" que está gravado aos pés da Estátua da Liberdade em New York. No livro "Uma Estrada de Damasco", Katherine Burton nos conta como confessou ela que veio a sentir o problema de sua gente, — os judeus.

— "Anos atrás, eu não queria me convencer de que o desastre sofrido pelo meu povo, na Rússia e em outros países, chegasse a ter qualquer relação comigo. Nós estávamos em segurança e bem abrigados aqui. Parecia-me suficiente. Cheguei mesmo a escrever um artigo intitulado "Foi o conde de Beaconsfield (Disraeli), um legítimo representante judeu?". Esse artigo foi publicado no "Century". No mesmo número vinha um outro artigo, que me prendeu a atenção. Era de uma russa, Madame Ragozin, e defendia as atrocidades cometidas pelos russos contra o meu povo. Contra minha própria gente! Foi então que compreendi que também fazia parte do meu povo. Esqueci Emerson. Esqueci tudo. Só me lembrava de que os judeus tinham necessidade de auxílio.

NASCIMENTO DO SIONISMO

Diz ainda Ema Lazarus:

— Fui a Ellis Island e senti repulsa ao ver aquela gente amontoada, imunda, passiva. Mas, senti que também eu era culpada por estarem eles assim. Era preciso fazer alguma coisa! Li em George Elliot uma observação que me deu uma idéia. Poderia ter um grande resultado; uma nacionalidade restaurada, independente, talvez a repatriação para a Palestina. Intentei explicar ao meu povo a minha idéia. Encontrei grande indiferença. Temo que cada um deva sofrer por si para poder compreender o que é o sofrimento.

GUERRA

Louise May Alcott, — a famosa romancista, autora de "Mulherzinhas", — empolgada pela causa da guerra civil dos Estados Unidos, ofereceu-se como voluntária num dos hospitais de Washington. Depois de varios meses de trabalho como enfermeira, escreveu a Nathaniel Hawthorne: "Sei agora o que é a guerra. Não adianta falar sobre ela".

MELANCOLIA

Elizabeth, que viria a ser mais tarde a grande Elizabeth da Inglaterra, tinha quatorze anos, quando foi encontrada pela sua governante mergulhada na mais profunda tristeza.

— Que tem? Está sentindo alguma coisa?
A princezinha respondeu tristemente:

— Não estou sentindo nada. Começo a criar juízo...

FELIZ COMO UMA RAINHA

A rainha Vitória jamais escondeu sua felicidade conjugal. Acarava Alberto e fazia empenho em que todos soubessem disso. Certa ocasião, Lady Lyttelton, esquecendo-se de que estava em presença da rainha Vitória, falava de alguém e usou a expressão: "Feliz como uma rainha!". Caindo em si, ficou muito confusa.

Vitória, a Grande, tirou-a dessa aflição, dizendo:

— Não é preciso se desculpar, Lady Lyttelton. Uma rainha é, de fato, uma mulher muito feliz!".

CRITICA

Eleanora Duse, aos quarenta anos, estava atacada do mais violento tédio, angústia essa que se foi avolumando, a ponto de se tornar uma obsessão ate o fim de sua vida. Menosprezava as peças que representava, como nos mostra este trecho de uma carta dirigida a Madame Gemma Ferrugia, no livro de Marx Reinhardt: "Vida de Eleanora Duse":

"Felizmente a "Dama das Camélias" possui ainda um fio de ouro que prende as pérolas falsas do drama à paixão. Mas o resto! O resto! Sinto-me, eu mesma, humilhada nas vestes das personagens que sou forçada a representar. Então, só tenho uma vontade: mandar que se apaguem as luzes da ribalta e ceitar ao fogo todos os manuscritos desses papéis, toda a minha bagagem de atriz!".

MENSAGEM

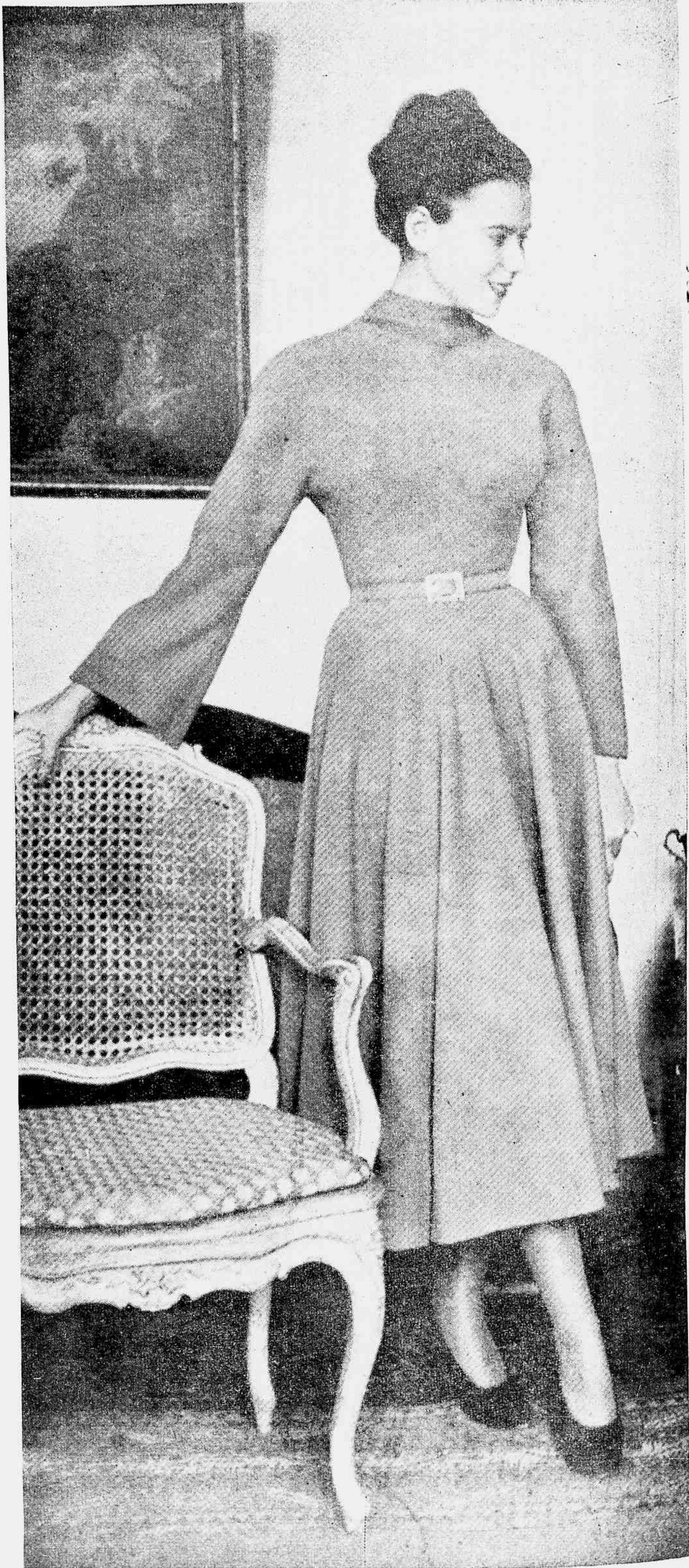
Isadora Duncan, famosa dançarina americana, estava já em avançado estado de gestação, quando deu um recital na America. No intervalo entre a primeira e segunda parte do programa, uma senhora procurou-a muito nervosa:

— Querida Miss Duncan, a coisa já está por demais visível!

E a dançarina respondeu:

— E' justamente isso que a minha dança significa. O amor, a mulher, a formação, a primavera! O quadro que a senhora deve conhecer, de Botticelli, as três graças grávidas, grávida também a Madona. Tudo fremindo, tudo prometendo vida!"

(Seleção de L. B., especial para
REVISTA DA SEMANA)

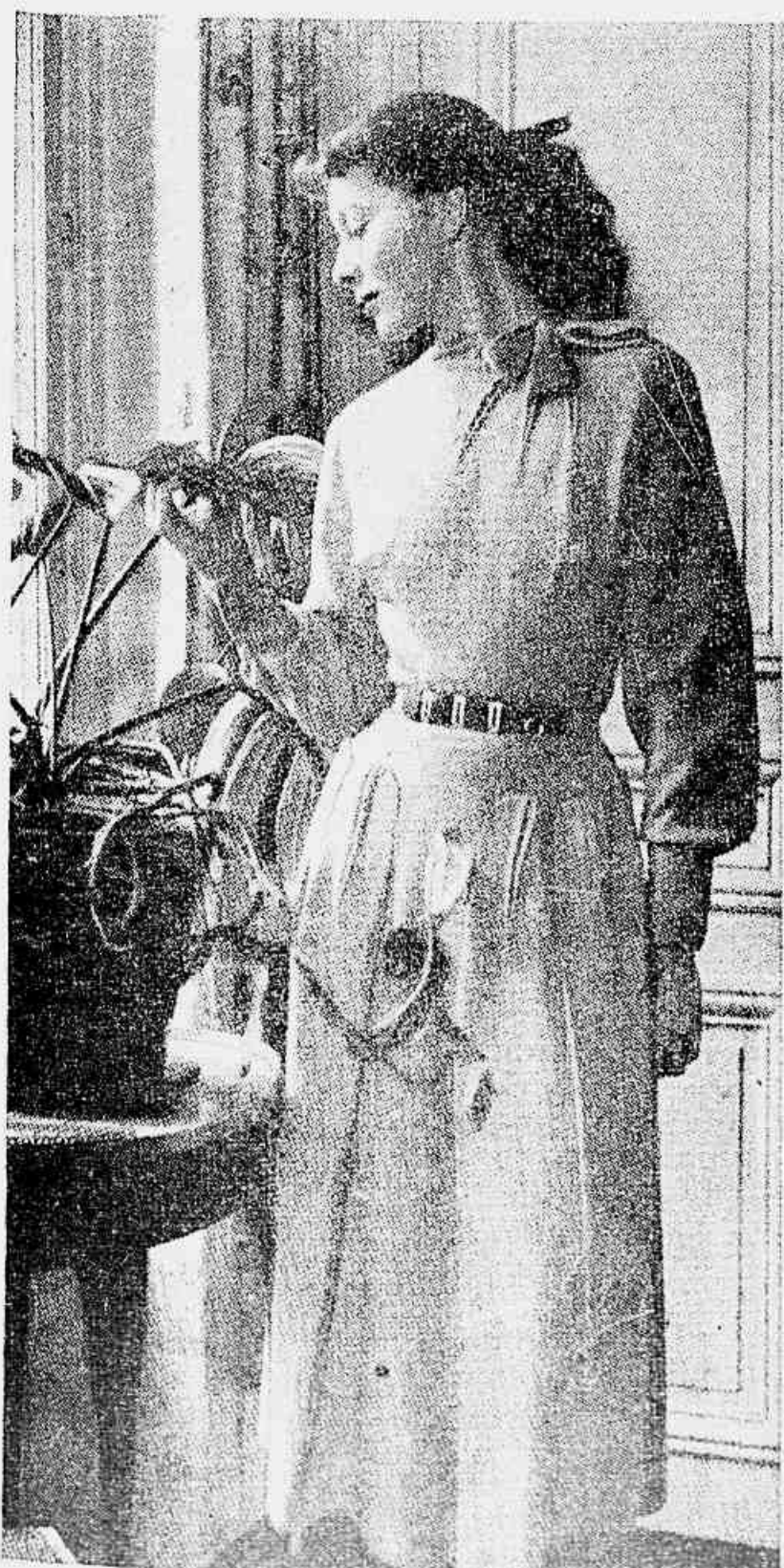


M
A
barr
celle



MODELOS PARA "JEUNE-FILLES"

A PRESENTAMOS nestas páginas cinco interessantes modelos franceses para "Jeune-filles". Na página ao lado, de Jeanne Efaurie em seda ou jersey de lã; abotoado nas costas; ao alto: em seda rosa, saía de panos estreitos, Jacques Griffe; saía escocesa com barra em tom unido; Madeleine de Rauch; modelo elegantíssimo em pesada seda bege, Marcelle Doimoy; em seda azul, modelo de Carven.



A PERSONALIDADE da Semana

ALMA FLORA

Referindo-me à influência crescente do teatro sobre a vida carioca, perguntei a Alma Flora — atualmente no Serrador, em "A Pequena Catarina", ao lado de Bibi Ferreira, — se não achava o momento oportuno, para fazer do teatro um verdadeiro elemento de educação.



— Durante alguns anos, o público e as companhias deixaram de acompanhar a evolução do teatro nos outros países. De repente, o teatro renasceu e o público deu seu apoio não somente ao teatro interessante, como também a tudo que se relaciona com ele. Você vê que o "ballet" que, antigamente, tinha pouca repercussão está sendo muito apreciado atualmente. Basta citar realizações de jovens como o Ballet da Juventude e o Conjunto Coreográfico Brasileiro. Sim, é indispensável aproveitar-se deste gosto do público pelo teatro.

— Como?

— Antes de mais nada, estudando muito, procurando estar ao par da evolução, concepções e realizações nos outros países. Em seguida, dando aos jovens oportunidade de estudar com bons professores, tanto estrangeiros como nacionais. Nós teremos que ceder o lugar à nova geração. Esta deve ser preparada, desde já, para que o nosso teatro possa continuar na linha ascendente.

— Como poder-se-á estabelecer um contacto concreto com o estrangeiro, pois não basta ler artigos e livros para isso?

— O plano Masseau propunha que o Governo desse bolsas de viagem aos jovens mais dotados e que, ao mesmo tempo, alguns professores estrangeiros viessem juntar-se aos nossos para que diversas experiências pudessem ser confrontadas. Seria necessário pensar novamente nisso. Veja Sérgio Cardoso, por exemplo. É um ator nato, um talento real. Para que chegue a se realizar inteiramente deverá observar tentativas diversas, comparar a evolução teatral em alguns países. Paschoal Carlos Magno fez um trabalho esplêndido com o Teatro do Estudante, dando oportunidades aos jovens que gostam do teatro. Para que sua maior descoberta continue evoluindo, é preciso que faça novas experiências. A Dulcina, que considero uma grande atriz, realizou-se mais plenamente após sua estadia na Argentina, segundo me contaram. Infelizmente não pude assistir a nenhum espetáculo da sua temporada. Os atores do Rio raramente têm a oportunidade de julgar pessoalmente os colegas, a não ser quando desempregados! E você sabe que quem não está trabalhando não tem ânimo para nada!

— E' pena que o descanso semanal de todas as companhias caia na mesma noite.

— Seria tão simples resolver isto por um acordo mútuo com o qual todos lucrariam.

— Que outras sugestões tem para que o teatro continue no bom caminho?

— Devem ser construídos mais teatros, principalmente nos bairros afastados do centro. Não somente em Copacabana, onde o sucesso está garantido de antemão, como também na Praça Saenz Pena, na Penha, em Piedade, etc. Todo mundo já aprecia o teatro e não se pode mais dizer que o cinema seja um concorrente. E' outra coisa e o público já comprovou que seu senso crítico se aguçou pela sua reação ante as fitas americanas de segunda ordem que nos chegam, às quais preferem os bons filmes ingleses, italianos e franceses. E' preciso encarar as coisas francamente. Quem trabalhou o dia todo e teve que enfrentar uma fila para chegar em casa na hora do jantar não tem a coragem de esperar condução novamente para voltar à cidade de noite.

— Você tem trabalhado em cinema ultimamente?

— Acabei dois filmes há pouco: "Mãe" e "Asas do Brasil".

— Está pensando em viajar?

— Se uma oportunidade surgisse, não a recusaria, naturalmente!... Infelizmente não conheço os outros países. Mas viajei muito no Brasil inteiro. Fui até Santa Vitória do Palmar, no extremo sul e até Manaus no norte. Contrariamente à opinião de muitos, não acredito que o artista volte dispendioso após uma viagem ao interior, onde o público é muito mais exigente do que se pensa. Em Manaus, por exemplo, muitos iam à Europa, antes da guerra, com maior facilidade do que ao próprio Rio! E todos estão ao par, atualmente, do que se faz tanto no Rio como nos outros países pois todos têm assinaturas das revistas mais variadas. Tive experiências que muito me comoveram.

E Alma Flora referiu-se, com uma alegria e emoção visíveis, a cartas chegadas dos pontos mais diversos do país, que exprimiam contactos estabelecidos por intermédio da arte.

YVONNE JEAN

WEEK-END na Cozinha

COM o problema das empregadas cada vez mais difícil, você deverá ir desenvolvendo aos poucos a sua habilidade culinária, afim de, no caso de ficar sem elas, não se ver forçada a oferecer à família um simples sanduiche de queijo... Mesmo que a "excelentíssima" não goste, procure, de vez em quando, penetrar no seu reducto e desvendar os seus mistérios... Com o seu ar mais ingênuo, vá fazendo perguntas que possam orientá-la, e aproveite a primeira folga para pôr em experiência tudo o que você aprendeu. Em pouco tempo você estará preparada para qualquer situação difícil que possa aparecer. E, você que tem tanto horror à cozinha, acabará por gostar de preparar pratinhos gostosos para o esposo e para os filhos. Sabendo cozinhar, você sentir-se-á muito mais segura de si e não terá necessidade de atuar todos os desafios da "excelentíssima". Quando iniciar a experiência, aproveite estas sugestões:

★

OVOS COM LEITE

Ingredientes: 5 ovos; 2 colheres das de sopa, de manteiga; 5 colheres, das de sopa, de queijo ralado; 5 colheres, das de sopa, de leite; sal.

Preparação: Põe-se a manteiga numa frigideira e leva-se ao fogo. Quando estiver quente, quebram-se os ovos dentro, devendo-se ter o cuidado de deixá-los inteiros. Polvilham-se com sal e põem-se em cima de cada um, uma colher de leite. Tapa-se a frigideira, diminui-se o fogo e quando a clara estiver esbranquiçada, polvilham-se com queijo. Retira-se imediatamente a caçarola do fogo, passam-se então os ovos para um prato e servem-se.

★

PUDIM DE FIGADO DE VITELA

Ingredientes: 700 grs. de fígado de vitela; 250 grs. de toucinho fresco; 100 grs. de manteiga; 100 grs. de farinha de rosca; 1/2 pão dormido descascado; 1/2 xícara, das de chá, de leite; 2 gemas, sal, pimenta.

Preparação: Trata-se o fígado, corta-se em pedaços pequenos que se passam na máquina de carne, juntamente com o toucinho. Temperam-se com sal e pimenta e adicionam-se-lhes as gemas e o pão embebido no leite. Mistura-se tudo muito bem e põe-se numa forma bastante untada de manteiga e polvilhada com farinha de rosca. Leva-se em forno quente por espaço de uma hora.

★

DELÍCIAS

Ingredientes: 6 gemas, 3 claras, 500 grs. de açúcar, 60 grs. de farinha de trigo, 250 grs. de manteiga, 1 côco grande.

Preparação: Põe-se o açúcar numa caçarola, junta-se-lhe um pouquinho d'água e leva-se ao fogo para fazer uma calda em ponto de fio brando. Depois de fria, adiciona-se as gemas batidas ligeiramente com as claras, o leite de côco extraído sem água, e a manteiga. Mistura-se tudo, acrescenta-se a farinha e passa-se por uma peneira. Põe-se em forminhas untadas com manteiga e assam-se em forno regularmente quente.

★

SUSPIROS

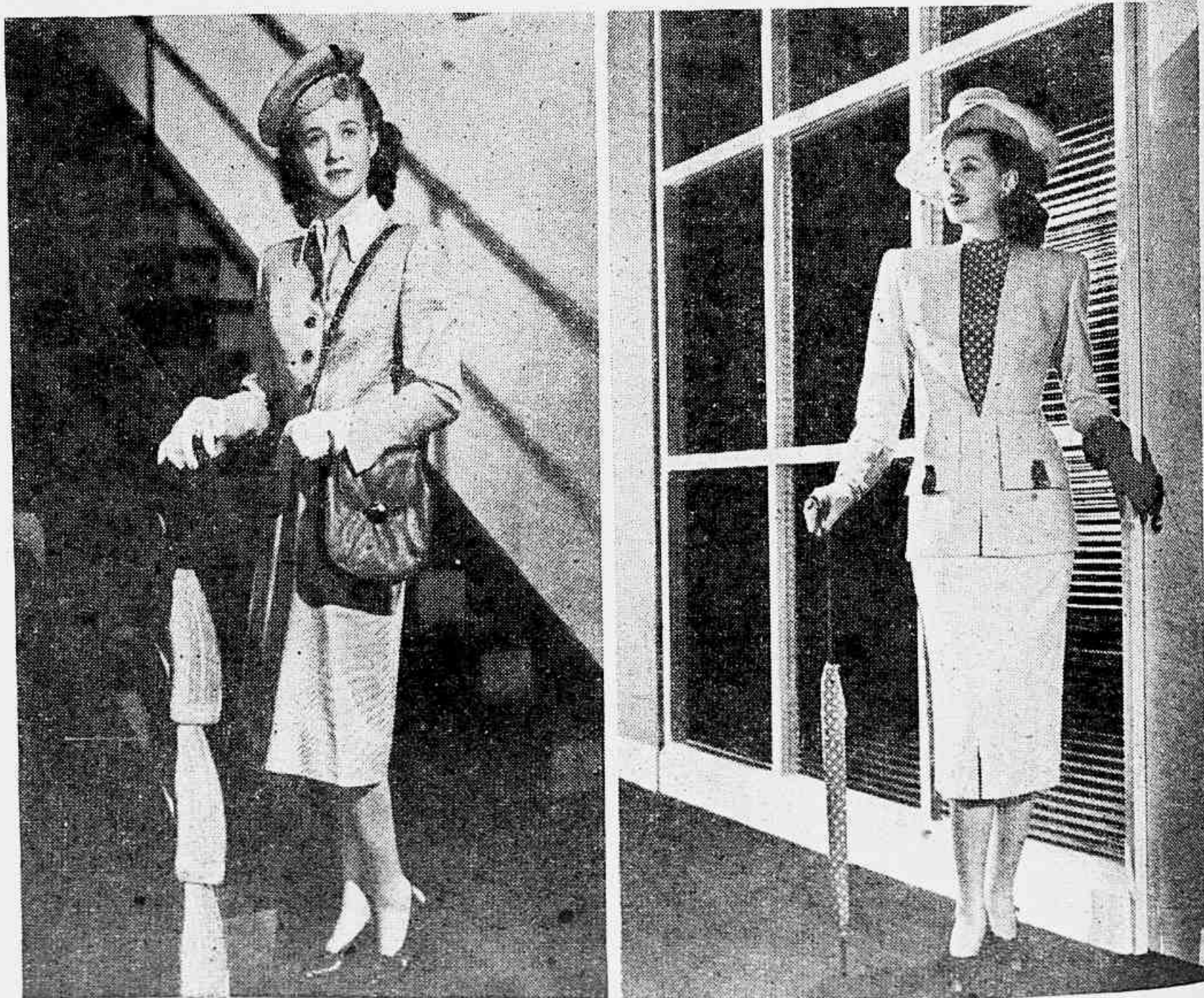
Ingredientes: 6 claras, 400 grs. de açúcar, casca de um limão verde.

Preparação: Batem-se as claras em neve e depois juntam-se-lhes o açúcar e a casca do limão, batendo-se muito até ficar consistente. Em seguida retira-se a casca e pinga-se a massa em tabuleiros ligeiramente untados com manteiga e polvilhados com farinha de trigo. Assam-se em forno brando.



OS PRIMEIROS "TAILLEURS"

Já podemos ir pensando nos nossos primeiros "tailleurs". Abril e Maio já são dois meses bastante agradáveis e, você, principalmente, que sai pela manhã para o trabalho e só volta depois das seis, sentirá, certamente a necessidade de um agasalho leve. Aqui estão as nossas primeiras sugestões. Em baixo: Jane Powell usa um "tailleur" marron, bege e branco. Sália "godet". O mesmo tecido é usado para o elegante "beret". "Tailleur" de jersey bege, de corte original, deixando aparecer a blusa em seda marron com pastilhas brancas. Na página ao lado: Criado por Jean Louis, especialmente para Evelyn Keyes, da Columbia, este "tailleur" é de muita elegância e feminilidade. Ao alto: Em lã azul marinho com gola e transpasse branco na cintura, este modelo de Evelyn Keyes, criado por Jean Louis, é de grande elegância.



ce,
la-
ur"
ge,
por
le.
por





Conto de **CARLINDO CERQUEIRA**



Ilustração de **A. MOURA**

A porta abriu-se bruscamente e Lavoisier penetrou no meu apartamento, e com ele uma rajada de vários odores misturados que sempre o acompanhavam e dos quais pude identificar o de ácido sulfídrico sobrepujando os demais.

— Venha comigo, Castor! — Foi logo dizendo — Não posso mais! Minha vida é um inferno... Somos duas substâncias que não se combinam...

— Mas... — Obtemperai! — De que se trata? Explique-se, meu amigo...

— Eu e Clarisse não chegamos a um acôrdo. Vou procurar o Gil... Mas quero que você venha também.

Só então me lembrei de que Lavoisier casara-se há cerca de um ano e esta devia ser a razão pela qual não vos víamos há muito.

— Bem. Vamos — disse eu, aborreci-

damente, tomando o chapéu — porém, conte-me tudo em caminho.



Lavoisier Brasileiro sempre fôra amante da química. O homemzinho vivia às voltas com grals, cadinhos, pipetas, balões de ensaios, etc. Deve ser realmente verdade que o nome exerce grande influência na formação de complexos no indivíduo. Dizem que há Napoleões que vivem a forjar táticas de combate e estratégias militares; Franklins que gastam a vida a imaginar novos tipos de para-raios; lembra-me mesmo que os jornais noticiaram, há pouco, o caso de um Martinho Lutero de "tal" que intentou nova reforma religiosa. O tal Lutero, dos tempos coevos, organizou uma teologia epicurista, pretendendo fundar

uma Igreja "sui generis", que, segundo disse no manifesto dirigido aos seus prosélitos, seria a redenção da espécie humana. Os sectários cedo descobriram que o chefe era um gozador, tendo, além disso, o fêlo hábito de apossar-se das coisas alheias. Foi denunciado como ladrão e está cumprindo, presentemente, a pena que logrou. Voltemos, porém, ao nosso Lavoisier. Fosse ou não influência do nome do grande químico francês, o fato é que, desde criança, o rapaz dera mostras de grande entusiasmo pela bela ciência. Aos doze anos já enunciava, perfeitamente, a lei da conservação da massa, a das proporções múltiplas, as leis volumétricas e citava, por ordem alfabética, os noventa e dois elementos conhecidos. Daí para cá foi sempre assim: química e mais química. Entretanto, depressa ficou evidenciado

que, longe de ser um gênio como parecia, era antes um decorador. Um desses estudantes capazes de guardar tudo o que lêem, mas, por si só, inaptos para um julgamento ou raciocínio. Tornou-se, por isso mesmo, o prototipo do rotineiro. Seu cérebro, repleto de teorias e idéias dos outros, nem sugeria, nem duvidava. Era o que se poderia chamar "um arquivo humano de ciência química". Possuindo um laboratório completo em sua casa, jamais experimentara uma reação que não estivesse compreendida nos livros. Descobrimos ao fim de certo tempo que era um perfeito asno! Ou, pelo menos, mais asno do que gente. Desprezava as letras e artes. Nunca lhe interessou saber as origens das coisas. Era química e mais química.

Desde o curso primário, eu e Gil o to-



mamos sob nossa proteção. Talvez que se isto não acontecesse, Lavoisier fosse obrigado a abandonar os estudos, pois os colegas sempre embirraram com ele. Pregavam-lhe peças incríveis. Chasqueavam do seu nariz arroxeadado e da voz efeminada. Contudo, assim que passou à condição de nosso tutelado, a situação melhorou bastante, e pôde viver mais folgado em meio aos demais. Tornou-se nosso companheiro inseparável. Não perdia ocasião de obsequiar-nos com favores subservientes. Nas suas amabilidades notava-se hipocrisia. "Protejo-o como protegeria um chagal se o visse atacado por leões", confessou-me Gil, certo dia. Esta era também a minha opinião. Depois de adulto, já professor do "Colégio S. Marcos", não prescindia da nossa proteção. Fôra um encargo bem difícil que arranjáramos. Ficamos, pois, bastante satisfeitos quando soubemos que se casaria com a professora de seu torrão natal. Estávamos, práticamente livres, daquêle "abacaxi".

★

Agora, a caminho dos aposentos de Gil, procurava eu descobrir qualquer sinal de

mudança nos hábitos do químico. Nenhuma! Usava os mesmos costumes enxebados, com manchas e furos ocasionados por substâncias químicas. Como havia engordado um pouco, parecia mais baixo ainda. Quase era preciso correr para acompanhar-me. Como nos receberia Gil que havia suspirado de alívio ao sabê-lo casado?

— Não os tenho procurado — começou Lavoisier num tom de profunda humildade e abatimento — porque a vida de casado cria encargos duríssimos. Amo Clarisse, quase tanto como os meus aparelhos de química...

— Não é possível. — Atalhei ironicamente.

— E' o que lhe digo. Também ela parecia gostar muito de mim, entretanto, agora é que vejo algo errado no nosso amor. Não nos compreendemos. Posto que eu me curve a tôdas as vontades de minha esposa, não consigo despertar nela a menor centelha de afeição. Levo-a ao laboratório para ver as reações. A preparação do hidróxido de sódio interessou-lhe bastante. Ficou admirada quando expliquei-lhe como se passava a eletrólise da solução de cloreto de sódio.

Nada adiantam meus esforços. Há, entre nós, uma força que nos separa, semelhantes a que se observa nas moléculas gasosas.

"Infeliz, pensei. Sempre com as suas idéias e citações químicas. Cuida que reações, átomos, moléculas, sais, ácidos, podem interessar a um cérebro feminino".

— Mas afinal que deseja você, de nós? — Indaguei.

— Quero que a conheçam. Passem algumas horas lá em casa para observá-la. Descobrirem o que me falta... O que devo fazer... Principalmente ao Gil é que desejo expor meu caso, por menorizadamente, pois sei que ele tem obtido resultados apreciáveis com a sua

psicologia aplicada. Mas como tenho receio de que...

Calou-se embaraçado.

— Diga logo, homem! — Disse eu, encorajando-o.

— Bem. É que não quero o Gil sozinho em minha casa... Você sabe a admiração que desperta nas mulheres.

Tive ímpetos de esbofetê-lo, ali mesmo na rua. O verme nojento. Duvidando da esposa e do velho protetor.

— Não me leve a mal — emendou ao notar minha indignação — amo-a muito e de resto o provérbio nos ensina que "a ocasião faz o ladrão".

Sopitei meus desejos, justificando-me,

(Continua na pág. 48)

O CATALISADOR



SUGESTÕES DE LORETTA YOUNG

LORETTA Young, a detentora do "Oscar" de 1947, oferece à vocês alguns dos modelos que usa em "Um anjo caiu do céu"... Será ela o anjo? Ao alto: Blusa de corte original, com saia dupla e cavas largas; vize branco sobre as mangas. Saia reta, subindo um pouco na frente. Em baixo: Modelo em seda pesada cinzenta, com gola imitando capeline. Mangas largas presas por punhos. A esquerda: Para o jantar de cerimônia, Loretta usa este modelo de corpo longo, de jersey preto e saia em "tulle" bordada com "pailletés" e forrada de tafetá cor de chumbo.



O SÍTIO DA CASA BRANCA

A casa ficava lá no alto. De longe eu podia ver perfeitamente a ilheta branca dominando a paisagem verde, cheirando a mato fresco. Era noitinha quando estacamos à frente de um largo portão, por onde o carro tinha de passar, para dar ao lado da quieta casa do sítio. Portão que lá e vinha ao sabor do vento forte e se entregava a ele como um incapaz. O moço de olhos inquietos, olhou-me. Já sei. Eu devia abrir o portão. Saii como um pássaro que sai do ninho quente para uma rajada fria de vento louco. Meus cabelos ficaram em perfeita harmonia com a furiosa dança do vento. Puxei o lado do portão que tinha em voltar e esperei. Passou. Mais

adiante parou de novo. Compreendi. Era preciso levantar a rede de "Basketball", atravessada de um lado a outro, a fim de que meu camarada de viagem pudesse levar o carro mais à frente. O automóvel parou, por fim, ao lado da varanda que dava frente para uma trepedeira qualquer. O lusco-fusco mal deixava distinguir um vulto masculino que viera correndo, vestido de roupa de ginástica e se postara ao lado do jovem capitão que me trouxera ao sítio, depois de uma tarde quentíssima e cheia de promessas de autênticos fantasmas que perambulavam naquele famoso e pitoresco lugar. Não sei porque, nada me fez antever a presença desses inquietos seres de mundos mortos. Sômente

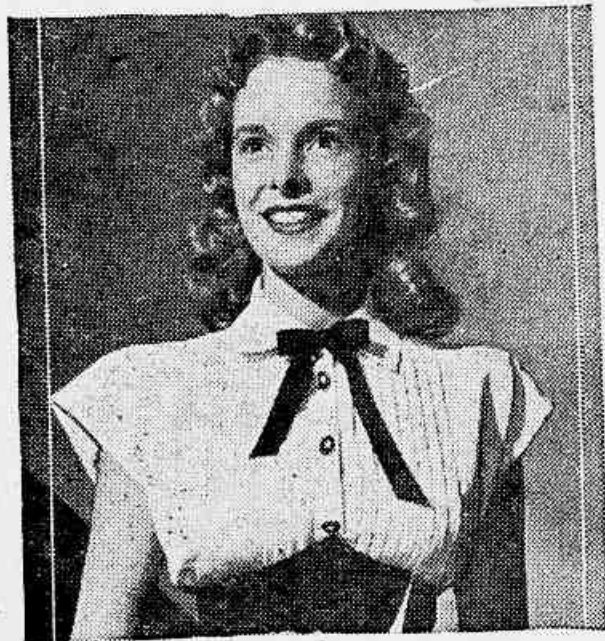
quando estávamos subindo, o capitão olhou os cedros empilhados, lá em cima, ao lado da casa branca. Um ligeiro arrepiou me passou como um risco na pele. Mais nada. Passada aquela primeira impressão, fortificou-se mais a minha coragem, coisa que não queria perder a oportunidade de mostrar ao moço. Tiramos as malas do carro e começamos a ver a casa. Era bonita. Um gosto rústico, misturado a algumas teias de aranha que os zeladores, um casal excêntrico de jovens, deixara, talvez, para melhor impressionar os curiosos ávidos por histórias de fantasmas amaranhados em teias de aranha. A lareira tinha um ar de romance fresco, romance feito no último inverno, aquecido numa chama

Conto de LAUSIMAR LAUS GOMES



Ilustração de A. ZAGORSKA





BLUSAS

Ao alto: Jane Wyman, com encantadora blusa "chemisier" em seda branca, gravata preta, "slack" três-quartos em veludo, também preto. Ao lado Janet Leigh, em tecido esponja branca, pregas verticais, saia tafetá preto, laço gorgurão, botões tipo camafeu. Em baixo, Audrey Totter, blusa em "tricot" pérola, saia preta em lã fina.



rubra. Já sei. O dono do sítio talvez tivesse tido o seu último amor, no último inverno. Mas não queria, absolutamente, cogitar de romances. Tolices. Viera ali, apenas, para colher impressões do sítio, conhecer de perto os fantasmas do capitão, essa criatura singular, que me contara todas as manhas dos seus fantasmas exóticos. E de fato, os seres do outro mundo estavam representados em todos os compartimentos da casa. Na sala de jantar apareciam maçãs frescas nas manhãs frias. Maçãs orvalhadas e colhidas de novo. Assim a me explicando a voz pausada do capitão, à medida que passávamos pelas dependências várias.

— Aqui é o quarto de hóspedes.

— Esse é interessante. Falei.

— Muito. Acudiu o meu companheiro. A senhora deverá ocupar esse quarto. É o mais apreciado pelos fantasmas. A cama é estreita, porém, mais macia do que a outra do quarto em frente. E como a senhora veio com o único fito de escrever alguma coisa sobre os fantasmas, terá oportunidade de privar mais estreitamente com eles. Em primeiro lugar, virá um ruído logo que a noite comece a ficar silenciosa. Um ruído assim como quem bate à porta. Procura-se, mas não se percebe de onde vem. Logo depois, as camas parecem crescer, asas esvoaçam pelo teto e começa o terror. Para lhe falar a verdade, não dormiria nem uma noite nesse quarto. Talvez os meus olhos estivessem bem abertos, quando o capitão acabou a narrativa. Continuamos a ver a casa. Lindo banheiro em lilaz, espaçoso e muito bem limpo. No outro quarto, o quarto preferido pelo dono da casa, havia uma cama muito larga, de cedro, pesada peça, em estilo igual aos outros móveis que fazia o conteúdo da pitoresca vivenda. Duas mesinhas de cabeceira, uma mesa maior a um canto do quarto e armários embutidos. Uma rede completava o dormitório elegante e mal cuidado do indecifrável criador de fantasmas.

— Aqui eles não vêm quase. Da última vez que aqui estiveram... está vendo aquela vidraça partida, ali do lado direito?

— Sim. Respondi. Que foi afinal?

— Que foi? Tiros.

— Tiros? Mas os seus fantasmas também usam armas de fogo?

— Não. Não é bem isso. Eu dei os tiros e desde esse dia, nunca mais vieram me incomodar. É bom que a senhora não brinque, chamando os fantasmas de meus...

Sorri. O olhar do capitão se perdera, por uns instantes, no quadro encantador da paisagem que se podia contemplar através da janela do quarto.

— A senhora não faz idéia de como adoro isto aqui.

— Na verdade, é um lindo lugar... mas os fantasmas?

— Não me incomodam. Só não toleram os estranhos que aqui chegam.

— Até os zeladores?

— Também. Às vezes, a criança, que tem apenas três meses, é achada de crises de choro. Embora ela chore noites inteiras, gosto imensamente daqui. E para descansar do trabalho exaustivo do quartel, venho sempre passar aqui o meu fim de semana.

— E sua senhora, não vem nunca?

— Só veio uma vez, conhecer o sítio. Não goste que venha ninguém, pois assim não poderei descansar à vontade.

Ela fica em casa cuidando dos meninos e aos domingos lê romances...

— Muito bem. Respondi. É claro que ler romances é sempre mais ingênuo do que fazer romances...

O capitão bem que compreendeu a minha mordacidade e tratou de afastar de mim, os seus olhares surpresos. E como desentendido, continuou: — Ela quer que eu venda o sítio. Ultimamente tem sido uma briga infernal...

Falava e olhava a relva lá fora, a relva viva onde a cabritinha branca se deliciava.

— É uma pena, mas tive de anunciá-lo...

— Alguém já veio ver?

— Sim. Muita gente, mas os fantasmas lá deixam alguém parar? Todos que vêm aqui, gostam muito, chegam e ficam resolvidos imediatamente a comprar o sítio, mas ao passar a noite, fogem espavoridos... É longe e ninguém poderia voltar no mesmo dia... De modo que a minha Norma não teve ainda o seu desejo satisfeito de ver o sítio pelas minhas costas. Já fiz tudo. Mandei até benzer o sítio. Nada. E abanava a cabeça em desânimo...

Saimos, e apesar de estar quase escuro, o meu amigo me levou para ver como era lindo olhar a serra chela de casas branquinhas, lá no alto, junto da roseira que dava rosas vermelhas. Elogiei a paisagem e o bom gosto do capitão, em arranjar uma vivenda no alto, de onde se podia contemplar aquele cenário maravilhoso. Depois, noite fechada, era convidativo o silêncio na grande sala, junto à lareira, ouvindo a sinfonia dos grilos, em volta da casa, olhando as figuras egípcias que faziam parte das dobradiças da porta grande e sonhar com Paul Verlaine em "C'est l'estase langoureuse..."

Depois de termos sentido aquela tranquilidade esquisita que vem dos ambientes mornos dos lugares quietos, o capitão me levou à porta do aposento da esquerda, onde eu deveria me encontrar com alguns cavalheiros de mundos etéreos, os fantasmas que punham o sítio em polvorosa todas as noites. É verdade que jamais havia acreditado nessas loucas aparições, mas o olhar do capitão e toda aquela sua verbosidade sobre os espíritos da noite, me deixaram respirando esquisitices...

A porta abriu-se. A cama estreita de solteiro, a pequena mesa de cabeceira e as próprias paredes me falavam de coisas imprevistas. O silêncio tomou conta de tudo, depois do meu boanoite ao capitão.

Estiquei-me... Deus me perdoe rezar delatada... Padre, Filho, Espírito Santo...

Meia noite bateu no relógio da sala grande. Fiquei mais esticada e mal a cabeça tinha se postado no travessão, com toda aquela costurinha carícia de ninar, comeci a ouvir as célebres pancadas de que tanto me havia falado o capitão. Pancadas renitentes ^{essas} vindas não sei de onde, mas prestando mais atenção, poderia adivinhar que

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

elas partiam de dentro da lareira. Mas, ouvindo melhor, eu quase poderia afirmar que era da porta de entrada. Não era também. Voltei, cravei o ouvido numa das janelas do leste. Era exatamente dali. Abri devagarinho e espiei. Um passarinho de bico comprido e afiado que passava no momento em voo forte sobre a minha cabeça, era o autor do célebre pan-pan-pan. Um autêntico pica-pau. Entrou para a sala e saiu de novo pela madrugada a dentro. Em cima, na janela, estava a marca das visitas madrugadoras do passarinho, um pedaço enorme, todo furado como paliteiro. Respirei. Deitei-me novamente. Bem, o mistério das pancadinhas, que, segundo o capitão, era o primeiro grito dos fantasmas, já estava explicado. Respirei profundamente. Mal tinha feito o propósito de dormir, quando um bando de asas inquietas e lugubrememente escuras, sobrevoavam a minha cama. Notei a porta um pouco aberta. Estranho, eu a tinha fechado... No meio à escuridão, um vulto passou correndo e foi em direção ao banheiro. Não alcancei, no meu nervosismo, o interruptor. Corri em meio à loucura e abri a janela. O luar lá fora, era a luz mais doce que se podia desejar numa noite do alto da serra. Vi que eram morcegos que fugiam agora, pela janela. Gritei pelo capitão. Não respondeu nada. Fui devagarinho e olhei pela fechadura da porta do quarto que ele ocupava. O quarto estava vazio. Achei estranho. De volta, vi o banheiro trancado. Lembrei-me do vulto que fugira correndo em direção ao banheiro, logo que os morcegos assaltaram o meu pitoresco quarto de hóspede. Raciocinei um pouco. Esperei alguns segundos. Fui espiar mais uma vez o quarto do marido de Norma. Luz acesa, espirais de fumo subindo e ele de olhos pregados no teto, esperava, talvez, os meus gritos lancinantes, como de costume ouvia dos outros hóspedes. Dormi profundamente até o amanhecer. Abri a janela e senti a manhã fresca e luminosa. Chuveiro, e depois até a sala de jantar esperar o café. Lá estava o homem debruçado à janela, pensando e olhando de novo a cabritinha branca de olhar doce.

— Bom dia, capitão...

— Dia, dona Nice.

Olhei bem para ele. Ele se evadiu do meu olhar. Alguma coisa descobria em mim, que o intimidava. Voltou-se e foi ligar o rádio. Perguntou-me depois, como tinha me sentido durante a noite. Quis falar dos fantasmas. A mesa já estava posta para o café. Convidou-me. Sentamo-nos e em segundos chegava a moça. A mulher do zelador. Ela me dava uma idéia repentina de uma dessas criaturas que a gente vê nos "cabarets" de Nova York, nua, nua, como uma estátua esquelética. Até na mesa? Perguntei a mim mesma. Sentara-se à minha frente. Encheu a xícara de café e mergulhava nela, um pedaço de pão, enquanto advertia o marido por ter posto o açúcar na compoteira. As unhas grandes e feitas com esmalte forte. O marido mudava fraldas no bebê, enquanto o café esfriava na xícara feia. No dia anterior, já tinha me intrigado com aquele jeito de vestir pouco, da moça tão magra. Os olhos do capitão, se metiam, às vezes, pelo seio da moça magra de cabelos estragados pela água oxigenada. Aquêlo colo ossudo e despidido, parecia estar ali numa exposição bárbara. Eu, sinceramente, não com-

preendia. Será que o marido não... No momento em que me separava do ambiente, mas minhas profundas divagações, o capitão me despertou, perguntando sobre os fantasmas.

— Não ouviu nada durante a noite?

— Não. Acho que vou comprar o sítio. Acho-o acariciadoramente tranquilo. O meu amigo teve um sobressalto. Lá se ia por terra, toda a imensa obra de sua imaginação, arranjando fantasmas para afugentar compradores para o sítio. Moveu os lábios num sorriso contrafeito, mas aplaudiu, num esforço para disfarçar o ódio que eu lhe inspirara.

— Muito bem...

Saimos da mesa, e fomos ver o vasto terreno. O capitão, sob um pretexto qualquer, evadiu-se da gentileza de me acompanhar e chamou o zelador para substituí-lo.

Sai com o homenzinho, subindo e descendo ladeiras. Terras vivas, terras cheirando a vitalidade, implorando sementes, deixadas, abandonadas ao mato bravo com alguns pés de cana atirados a esmo. Numa das tocas de bananeira havia uma enorme colmeia silvestre, que o zelador me prometeu explorar. Poucas árvores frutíferas. Parei em baixo de um sapotizeiro de sombra mãe, com ramadas docemente maternais. Olhei para cima e o zelador não pôde ocultar uma recordação qualquer, que lhe assaltara a mente e falou:

— Alto, não é?

— Bastante...

— Pois é, mas a moça morena que vem aos sábados com o capitão, trepa até lá no último galhinho... levada, levada... parece uma menina nos pés de sapoti.

Num segundo compreendi melhor a presença dos fantasmas no aposento dos interessados na compra do sítio.

Chegamos então, à piscina. Bonita, mas sem água. Mais além, uma entrada tipo esconderijo, meio furna, meio subterrâneo. Quis ver o que era. Pedi ao zelador que me trouxesse uma lanterna. Entrei e qual não foi o meu espanto, quando vi os meus conhecidos morcegos que me haviam visitado durante a madrugada. Era uma família bastante grande. Uns vinte, mais ou menos.

Indaguei do zelador. Respondeu com a mão tapando a boca, com medo de ser ouvido.

— O capitão tratadêles... manda apanhar sapotis e jogar lá dentro. Esquisito, o capitão gostar desses bichos da noite...

★

Fas duas semanas que comprei o sítio. A jovem esposa do capitão foi à Urucânia pagar uma promessa, segundo uma notícia do jornal da província.

A noite está maravilhosa. Ocupo agora, o quarto grande com a cama do casal. Deixei a janela aberta para ver o Cruzeiro e aspirar o perfume das rosas vermelhas, enquanto posso ouvir o chiado dos grilos. Que tranquilidade me invade toda, se não fosse a consciência de ter destruído o romance do capitão, tão submerso no amor da moça morena que trepava nos sapotizeiros.



CHAPÉUS

Ao alto: Alex Smith, palha preta brilhante, fita de tafetá branca, lanteoulas pretas. Ao lado: Virginia Houston, feltro bege claro, fita gorgurão azul-marinho, pespontos da mesma cor. Em baixo, novamente Alex Smith, desta vez com um lindo modelo em palha azul-marinho, fita gorgurão de seda azul e branco.



Senhoras!
Se o
Natureza Falha
MENAGOL
REGULA!

(Cont. da pág. 41)

MÚSICA

SHAKESPEARE FALA SOBRE A OSB

PRÓS E CONTRAS — UMA COMISSÃO DE INQUÉRITO — ACUSAÇÃO E DEFESA — AS ALEGAÇÕES DO MAESTRO SIQUEIRA

De ROBERTO LYRA FILHO

(Para REVISTA DA SEMANA)

O MEMORIAL

VALHA-NOS, a respeito do caso da Orquestra Sinfônica Brasileira, a opinião de William Shakespeare. Não se espantem os leitores. Vamos reler juntos um trecho da cena I, do 5.º ato, do Mercador de Veneza. Verão como as palavras do poeta de Stratford upon Avon se aplicam à rumorosa disputa entre o presidente da OSB e um grupo de músicos em greve. Aquêle, o sr. José Siqueira, é maestro. Estes pela sua atividade profissional revelam uma inclinação do temperamento e da sensibilidade para a música. E acham-se, aquêle e estes, em luta... No entanto, disse Shakespeare:

"O homem que não traz a música no seu íntimo, que não se comove com a harmonia dos sons suaves, é capaz de traições, ardis e pilhagens". E eis que, em acusações de indisfarçáveis gravidade, os professores da OSB e o maestro Siqueira desmentem Shakespeare... A música fracassou como agente da concórdia e homens, portadores da "música no seu íntimo", sensíveis à "harmonia dos sons suaves" denunciaram-se, mutuamente, por "traições, ardis e pilhagens"...

Uma comissão de inquérito acha-se, presentemente, empenhada em tarefa da mais alta responsabilidade. A apuração da procedência ou improcedência do que alegam as partes empenhadas no conflito. Não nos antecipemos, com um "verdictum" apressado. Aguardemos o pronunciamento dessa comissão.

Entretanto, tão grande repercussão está tendo o caso, que, por imposição do caráter informativo desta seção, já nos é impossível fazer caso omisso das ocorrências que constituem o comentário predileto dos círculos musicais. Todos opinam com veemência e sinceridade. Seria uma levandade de nossa parte, porém, endossar o ataque ou a defesa, tomando partido com paixão, sem os elementos indispensáveis para a formação de um juízo imparcial. Preferimos, por isso, dar a palavra aos queixosos e ao acusado, deixando que cada um afirme ou conteste. Garantiremos, assim, a objetividade da nossa exposição, apoiando-a, o mais possível, nas próprias palavras dos interessados.

OS PROFESSORES ENTRAM EM GREVE

Focalizamos, em uma série de reportagens, publicadas, o ano passado, nesta REVISTA, a situação da Orquestra Sinfônica Brasileira. Tratando-se de organização que, com todos os seus defeitos, representa uma vitória da música sinfônica entre nós, demos a nossa solidariedade à campanha que foi realizada no sentido de obter verbas especiais para fazer face à crise que se manifestara na OSB, a qual representava um "deficit" assustador

Agora, porém, surge uma questão interna, naquela sociedade artística. Professores, membros fundadores dela, voltam-se contra seu presidente, maestro José Siqueira e fundamentam seu movimento grevista em um memorial dirigido ao sr. Arnaldo Guinle, presidente do Conselho Diretor da OSB. O sr. Guinle, diante da questão, e atendendo à gravidade das alegações, determina que seja aberto inquérito. O maestro José Siqueira, por sua vez, apresenta a sua defesa, discutindo o libelo dos professores. Resumamos esses documentos.

Os professores, membros da orquestra, de início historiam a questão aludindo a "um deficit de mais de dois milhões e trezentos mil cruzeiros correspondente ao exercício de 1947". Dêsse deficit, declaram os professores, novecentos e noventa mil cruzeiros constituem os honorários em atraso dos músicos. Nessas condições, com sete meses de atraso no pagamento do que lhes era devido, dizem os professores, aceitaram novas condições de trabalho para 1948, sem, contudo, abrir mão do débito relativo ao ano anterior. Ainda de acordo com os professores, surgiu, então, uma proposta do maestro Siqueira que apresentou um contrato de trabalho e um outro de liquidação dos salários em atraso. Os termos do acordo proposto encontraram firme resistência por parte dos músicos, assinala o memorial dos professores. Não se conformando, assim, com a atitude do presidente da OSB, abriu-se a luta, agravada pela demissão de três professores. Diante do impasse criado pela posição irredutível das partes, os professores dirigiram-se, através do memorial cujo conteúdo resumimos, concretizando em três pontos capitais as suas reivindicações:

"Em face do que ficou acima exposto, não poderiam os abaixo assinados, que constituem a maioria dos professores da Orquestra, por maior dose de boa fé de que fossem possuídos e maior apêgo à OSB, que viram nascer e a cujas finalidades artísticas estão intimamente ligados, reiniciar as atividades na presente temporada: a) por não se sentirem com as suficientes garantias; b) por não merecerem fé as promessas do sr. prof. José Siqueira; c) por não poderem assinar um contrato e um documento contendo cláusulas inaceitáveis; d) pela incapacidade administrativa pelo mesmo revelada, conforme ficou demonstrado com o elevado deficit que acusou o exercício de 1947, por motivos que certamente conheceis."

Solidário com os professores, o maestro Eugen Szenkar pediu demissão do seu posto de Diretor Artístico.

O MAESTRO SIQUEIRA RESPONDE

Trazemos, agora, com a mesma objetividade com que descrevemos a posição dos professores, a resposta apresentada em extensa carta aberta pelo maestro José Siqueira.

Alega o presidente da OSB, atualmente afastado de seu cargo, que nenhum professor da OSB tem nove meses de atraso, pois lhes foram oferecidos os meses de janeiro e fevereiro como prêmio pelos serviços prestados nos anos anteriores. Acrescenta o sr. Siqueira que nem todos os professores são credores de sete meses, conforme diz o respectivo memorial. Segundo o sr. José Siqueira, alguns já receberam parte do que a Orquestra lhes deve e, mesmo, em relação a outros, a Orquestra está perfeitamente em dia nos pagamentos. Queixa-se o sr. Siqueira da falta de apoio e cooperação que encontrou em comissão eleita, entre os professores, por sugestão sua para, articulada com a presidência da OSB, enviar esforços no sentido de apressar a concessão de verba já prometida pela municipalidade. Diz, mais o sr. José Siqueira, que já há, no orçamento da República, três milhões de cruzeiros destinados à Sociedade Civil Orquestra Sinfônica Brasileira.



José Siqueira

O sr. José Siqueira afirma, ainda, que não é a totalidade da orquestra que participa desse movimento e sim mais ou menos cinquenta de seus membros. Declara que a OSB concedeu o contrato de trabalho exigido pelos músicos, assim como garantia de pagamento dos salários atrasados mediante carta firmada pelo sr. Arnaldo Guinle. Acrescenta, entretanto, que, em entrevista com o sr. Guinle, os grevistas, representados por seu advogado, sr. Nélio Reis, recusaram-se a aceitar o referido contrato, assim como a garantia oferecida, exigindo a destituição do presidente da sociedade, que é o próprio sr. Siqueira. Este, contudo, afirma que nem todos os signatários do memorial endossam esta última exigência, pois, entre eles, o maestro conta com grande número de amigos pessoais. O sr. José Siqueira adianta, ainda, que cotejando o "deficit" do exercício com o provável lucro de atividades programadas, que não puderam efetivar-se, vê-se que, em condições normais, haveria "superavit", evitando-se, dessa forma, a questão. O sr. José Siqueira atribui as inimizades que foram criadas na OSB contra sua pessoa à reforma dos Estatutos, pela qual não se responsabiliza, e aos contratos de músicos estrangeiros, invocando a necessidade, segundo ele, imperiosa desse recurso e acrescentando que seu ponto de vista coincide, nesse caso, com o do ministro da Educação. Referindo-se, diretamente, ao maestro Szenkar, o sr. José Siqueira diz ainda que os honorários deste foram aumentados, a despeito das medidas econômicas. Concluindo sua defesa, o sr. José Siqueira, recorrendo aos Estatutos, reclama a responsabilidade do Conselho Diretor e da Comissão Fiscal pela orientação traçada na administração, invocando, novamente, os Estatutos, para declarar que sua posição de presidente é a de simples "executor dos atos do Conselho Diretor".

A COMISSÃO DE INQUÉRITO

O sr. José Siqueira, assim como os professores, exprimiu sua confiança na Comissão de Inquérito, composta dos srs. Luís Simões Lopes, Antonio Coelho dos Reis e Tasso Coimbra. A ela cabe informar sobre a questão, expondo a situação da OSB com as provas irrefutáveis dos livros examinados e do minucioso exame dos atos da administração. Chamada a julgar, a Comissão de Inquérito dará seu "verdictum", desapassionado e sereno, indiferente à advertência do advogado francês que declarou: "Na Justiça, ou corre perigo a lei, ou correm perigo os juizes..."

intimamente, que num biltre daquele seriam perdidos alguns sopapos.

Chegamos à residência de Gil. Apesar da convencional amabilidade de meu amigo pude perceber o aborrecimento que lhe causava a volta desse tutelado servil. Posto ao corrente de tudo, prontificou-se a comparecer às reuniões em casa de Lavoisier, desde que eu pudesse acompanhá-lo. O hipócrita do químico asseverou que não havia inconveniente algum nesse pormenor. Tive, novamente, que me conter para não desmascará-lo. Mas qual... Não valia a pena.

Gil era um estudioso de caracteres e fatos concernentes à alma. Seus trabalhos estavam sendo publicados nas boas revistas do Rio e muitos casos insolúveis para os psiquiatras ele os tinha resolvido com esclarecimentos prestados aos enfermos psíquicos ou aos próprios médicos. Era um psicólogo sutil capaz de apontar, num grupo de cem homens, após cuidadosas observações, os que alimentavam máis pensamentos e desejos inconfessáveis.

Partimos para a casa do "nosso amigo". A mulher recebeu-nos amavelmente. Notava-se nos seus menores gestos a satisfação que lhe proporcionávamos. Pudera! Todo esse tempo presa ao lar. Sem ir à cinema, teatros, ou mesmo conviver com qualquer pessoa senão o estúpido Lavoisier.

Não era bonita. Tinha os olhos muito grandes e o queixinho afilado. Nariz fino e fronte larga e franca. Era magra. Muito magra, mesmo! Contudo, as pernas eram roliças e os braços, bem torneados. As faces e os lábios eram brancos como cera. Usava o cabelo muito longo, sem nenhum artifício, contribuindo para acentuar-lhe a pureza do perfil. Sorria suavemente, conservando-se, sempre, numa postura digna e correta. Além do mais possuía um jeito todo especial de cruzar as mãoszinhas, brancas como neve, sobre os pequeninos seios, que me encantava. Junto à ela desaparecia o insuportável cheiro de ácido sulfúrico que impregnava a casa. Trajava um vestido escuro, muito simples, que mais lhe acentuava a brancura da pele. Diferente das outras mulheres! Nisto residia seu encanto. Estava passando como aquela besta do Lavoisier a conseguira. Naturalmente não podiam combinar...

Gil não parecia comungar da mesma opinião, que eu já manifestava sem buço. Conversava raramente, procurando força-la a conceitos sobre moral e religião, observando-lhe os gestos cuidadosamente. Foi uma admirável noite para mim.

— Que mulher! — Disse-lhe assim que saímos.

— Igual às demais — replicou Gil — igualzinha... Com desvantagens sensíveis: é fria e afetada.

Embora achasse que era uma grande injustiça, calei-me, pois não queria argumentar com aquilo que poderia ser uma impressão passageira, como já acontecera de outras vezes. E invejei esse amigo que não se deixava impressionar facilmente. Jamais tivera um caso amoroso em sua vida, apesar de ser o tipo que as mulheres mais gostam. A influência que exercia sobre todos que com ele conviviam era notória. Seus largos ombros, as feições enérgicas e másculas hapunham-lhe personalidade.

No outro dia lá fomos de novo e quase seguidamente, desde então, comparecemos às reuniões. Para mim era um prazer e eu, que também não desagradavam ao nosso psicólogo, as visitas ao casal. Lavoisier vinha, diariamente, aos aposentos de Gil, para saber o que havia descoberto. Perguntava-lhe como d'ela proceder com a esposa. Precisava de fazer um grande esforço para contê-lo e não gritar-lhe ser impossível tão gentil e meiga creatura vir a amá-lo. Porém, como eu era simples figura decorativa, deixava-me resignado. Gil aconselhava-o a levá-la ao cinema; frequentar a sociedade, vestir-se com mais apuro, dizendo-lhe mesmo certo dia:

— Sobretudo, veja se consegue livrar-se desse cheiro de ácido sulfúrico...

— Sulfídrico — emendou Lavoisier — ácido sulfídrico, meu amigo, pois o sulfúrico é inodoro...

— Seja lá o que for, desinfete-se, homem! Será possível que não percebe o mal que isso faz aos outros?

— Confesso que não percebo... E não posso... A química habita em mim... Além do mais sei que não é isso que nos separa!

— Faça o que quiser, então, mas não conte mais comigo...

— Não! — Suplicou o outro — Não me abandonem. Vocês foram sempre meus conselheiros. Perseverem até descobrir os motivos.

Convencei Gil de que devíamos ajudá-lo. Não podia mais prescindir das reuniões junto à Clarisse. Vivia como num sonho. Antegozando os momentos felizes que passaria junto dela, ouvindo seu riso cristalino, admirando-lhe o busto ou a curva graciosa da perna. Punha toda minha astúcia em evitar que descobrissem os meus sentimentos. Sim, porque, positivamente, eu amava Clarisse. Comecei a ruminar meios de falar-lhe a sós. E se lá fosse enquanto Lavoisier estivesse para o Colégio? Nada haveria que reparar após esses noventa dias de íntimo convívio. Conforme me recebesse, voltaria ou não.

Foi com o coração aos pulos que bati à porta. Daí a instantes esta abriu-se pela mão de Gil. Quedamo-nos surpresos, sem saber o que dizer!

— Pensei que fosse Lavoisier... — Disse Gil, rompendo o embaraçoso silêncio.

— Que surpresa! — Consegui articular na falta de coisa melhor.

— Passando por aqui entrei para uma ligeira visita — explicou-me — Clarisse está... Entre, Castor, entre!

Penetrei na sala, observando-o desconfiado. Clarisse veio logo, ruborizada e contente.

— Ora viva! — Exclamou — Que houve hoje que os tenho a ambos por cá a estas horas?!

— Como sabe, vou ao banco; por isso não me posso demorar. Quanto ao meu amigo, cuida que veio especialmente à sua casa — Disse Gil, tomando o chapéu.

— Não vá ainda! — Fez ela amuada — Acaba de chegar e já quer sair?

— Entretanto, se vai ao banco, deve apressar-se — ajuntei, já sem desconfiança, feliz por ter o campo livre.

— Pelo menos, fica-me você... Se é que não está também de passagem.

— Não! Não estou. — Apressei-me a esclarecer.

Que amor de mulher, pensei quando me encontrei a sós com ela. Achava-a mais encantadora do que nunca. Bonita, mesmo! Ou melhor, linda! Sentou-se ao meu lado no sofá. Nunca a tivera tão perto de mim. Sentia o perfume que se evolava do seu corpo. Estávamos tão perto um do outro que seus braços me roçavam quando fazia qualquer movimento! Com a ponta do sapatinho de camurça, desenhava pequenas figuras no assoalho encerado, obrigando-me a fixar os olhos em seu delicioso pezinho e na perna nua. Ria por qualquer motivo. Os olhos brilhavam de contentamento. Na certa, amava-me! Já não era preciso preocupar-me. Bastava agora cuidar do desquite ou divórcio no Uruguai. Precisava, também, pôr Gil ao par de tudo. Mas, não havia apressar. Eram tão deliciosas aquelas reuniões, principalmente sabendo que nos amávamos...

Despedi-me e ao fazê-lo, conservei por momentos, dentre as minhas, suas mãos trêmulas, que ela se apressou em retirar, e parti feliz.

Passé o dia arquitetando planos para o futuro. Não almocei nem jantei! O tempo corria sem que eu notasse. Que delicioso é o amor! Nesse dia o mundo parecia-me enorme rosa e eu inquieto beija-flor a sugar-lhe o néctar maravilhoso. Todas as máximas filosóficas, idéias tristes, desapareciam de minha mente para dar lugar a um simples pensamento lido não sei onde: "L'amour, toujours l'amour!" Aguardava ansioso o momento em que Gil, como de costume, chamasse-me à porta.

Estava no melhor dos meus sonhos

quando a porta abriu-se e, pela segunda vez em três meses, Lavoisier entrou, intempestivamente, no meu quarto e com ele a rajada de odores de substâncias químicas que o acompanhavam e dos quais sobressaía, agora, o de gás sulfuroso (o homem tinha mania do enxofre).

Recuei receioso, julgando que ele houvesse descoberto meu amor de imaginação.

— Veja! — Choramingou na sua voz de falsete, exibindo uma folha de papel — Em que deu minha confiança. Enganado! Os malvados... Só me resta a ciência.

(Continua no próximo número)

UM TRONO ABANDONADO HÁ VINTE ANOS

(Continuação da pág. 8)

— Acho que não tenho nenhum.

— São Cosme e São Damião — lembra sua mãe. — Eu pedi aos dois para fazer você passar no exame final do Conservatório de Música.

— Ah! Isso foi promessa da senhora. Eu não pedi nada.

Depois Arlete lembrou-se:

— Já sei! Uma vez pedi uma coisa a Santo Antônio...

— Que coisa?

— Bem, isso agora é segredo. A conversa sobre o santo casamenteiro trouxe o assunto de amor e casamento à baila. Nessa questão de amor e namorado, a rainha da Cidade é uma esfinge. Nem um pio. Insistimos. Seu pai é quem declara:

— Ela está torcendo para se casar este ano.

E a irmã avança outra indiscreção: — Casar como, se ele não está formado? Bem, pensamos nós, o mistério vai se clareando. Até que uma voz se alteia para dizer:

— Vocês bem sabem que ele é apenas aspirante da Marinha.

Depois dessa série de indiscreções, a rainha Arlete está positivamente alarmada e faz, pela primeira vez, uma carinha de zanga. Uma carinha tão bonita que não assusta ninguém. Ela ameaça com sua voz em bemo e sustentidos: — Se você contar coisas sobre o meu pequeno eu fico de mal!

— Se você contar coisas sobre o meu pequeno eu fico de mal!

A VIAGEM AOS ESTADOS UNIDOS, O VESTIDO E OUTROS PRESENTES

Que ganhou a rainha da Cidade? E' o que todo mundo pergunta. Até agora muito pouca coisa, embora as promessas sejam muitas. Quanto à viagem a Miami, Arlete confessou-nos que nada sabe, por enquanto, oficialmente. O vereador Alencastro Guimarães telefonou-lhe para que fosse buscar um presente prometido. Que será? Uma casa comercial ofereceu-lhe um corte de seda. O único presente de fato principesco que Arlete recebeu até agora foi-lhe ofertado pela companhia de pastas dentífricas e sabonetes da qual é funcionária. Esse presente foi o seu vestido de baile. Só a fazenda custou cinco mil cruzeiros. E' um tecido de renda branca bordada a fios de prata. A costureira não cobrará menos de três mil cruzeiros pelo feito. A roda do vestido tem quase nove metros de circunferência. Também os sapatos e o complemento da riquíssima «toilette» foram oferecidos pelos seus patrões. A coroa assim como a faixa simbólica foram ambas executadas sob medida para a atual rainha. Quando estivemos no seu apartamento, na ante-véspera do baile da coroação, a atividade era febril. Mas valeu a pena. Porque no baile da coroação, no sábado de Aleluia, no High-Life, não havia moça mais linda, mais elegante, mais encantadora, que a Rainha da Cidade, a Soberana da «Mi-Carême», Sua Magestade Arlete Braga Sales.

Na noite de 27 passado a cidade apresentava um aspecto festivo, lembrando um carnaval em ponto pequeno, se bem que na rua faltassem os fantasiados. Em compensação, metade da população do Rio se comprimiu ao longo da avenida Rio Branco, esperando o desfile dos prêmios das sociedades carnavalescas. Em séquito especial, no intervalo da passagem dos carros dos Democráticos, Fenianos, Cordão do Sossêgo e outros clubes, desfilou, finalmente, já depois das onze horas, S. M. a Rainha da Cidade. Não houve uma só voz discordante na aprovação da beleza da representante carioca. O cortejo chegou ao High-Life pouco depois, encontrando o clube repleto. Já esperava pela Rainha o prefeito Ângelo Mendes de Moraes, que comparecera à festa da «Mi-Carême» especialmente com a incumbência de coroar a eleita. Quase à meia noite a cabecinha de Arlete Braga Sales sentiu o peso da linda coroa, símbolo de um dos reinados mais fáceis e felizes da terra. Os «flashes» estouraram às dezenas e os refletores dos cinematografistas puseram em relevo a figura da Rainha. A coroação e o baile, como final do concurso tão largamente divulgado pela imprensa, estiveram à altura da publicidade feita. A «Mi-Carême» foi revivida este ano pela Prefeitura com um esplendor e sucesso há muito esquecidos. Desde 1923 que a municipalidade se desinteressara do patrocínio desses festejos. Agora, vinte anos depois, eles retomaram o seu lugar no calendário das festas populares da cidade. E o trono, que por tanto tempo esteve abandonado, voltou novamente a ser ocupado, e por uma Rainha como nunca houve igual. Não sabemos se no próximo ano Arlete Braga Sales poderá se candidatar à reeleição. De nossa parte poderíamos continuar como súditos fiéis pelo resto da nossa existência.

EXCEPCIONAL OFERECIMENTO DA CASA MASETTI

PELO REEMBOLSO POSTAL

V. S. pode adquirir, agora, um relógio POLDIT, de alta classe, importação Suíça, com 15 rubis, antimagnético, Espiral Breguét produto da afamada fábrica SOLVIL.

★
PREÇOS
CONVIDATIVOS

Ref. 49/267
Cromado, fundo de
aço, 15 rubis
Cr\$ 500,00

Ref. 49/268
Folhado, fundo de aço,
Cr\$ 650,00

Ref. 49/257
Cromado, 15 rubis,
Cr\$ 400,00

Ref. 49/260
Folhado, Cr\$550,00

Ref. 49/265
Automático
À prova d'água 17rubis
Cr\$ 800,00

Ref. 49/262 Cromado,
Cr\$ 400,00

Ref. 49/261 Folhado
Cr\$ 600,00

Todos os relógios são
acompanhados do res-
pectivo certificado de
garantia e de um rico
estôjo de baquelite.

A Casa Masetti é especiali-
zada há mais de 50 anos na
venda de bons relógios.

Adquira-o com inteira confiança.

Casa Masetti

Rua Seminário, 131-135
Caixa Postal, 291 - São Paulo

Dr. José de Albuquerque

Membro efetivo da Sociedade de Sexologia de Paris
DOENÇAS SEXUAIS DO HOMEM
R. Rosario, 98 — Rio de Janeiro

Não permita que a prisão de ventre prejudique o seu organismo

Conserve os seus intestinos sempre limpos. Todos sabem que um grande número de moléstias tem como responsável a prisão de ventre ou constipação intestinal. As indigestões, flatulência, hemorroidas, dispepsia, vertigens, neurastenia, lassidão, insônia, perda de apetite, dor de cabeça, pontadas nas costas, palpitações, má hálito, espinhas no rosto, úlceras na boca, apendicite, congestão hepática, etc. são manifestações do mau funcionamento do estômago, fígado e principalmente dos intestinos. As Pilulas Aloicas auxiliam os movimentos peristálticos dos intestinos, regularizando-o. Desinfetam o tubo gastro-intestinal. Expulsam os gases e descongestionam o fígado. As evacuações produzidas pelas Pilulas Aloicas não são acompanhadas de dores, ardor ou mal estar. Sua ação é branda e completa. Não se aventure ao risco de agravar uma doença já por si tão grave, usando purgantes violentos e irritantes, que ao invés de regularizar os intestinos resseque-os cada vez mais. Recorra sempre às Pilulas Aloicas. Elas nunca falham, por antiga ou rebelde que seja a sua moléstia.



Fume! Mantenha porém, seus dentes livres das anti-estéticas Manchas de Nicotina!

O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas da nicotina acumulada nos interstícios dos dentes e causadas pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho deslumbrante e às gengivas uma coloração natural e sadia. Não ataca o esmalte. Não contém pedra pomes nem substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor de cerejas.

NICOTAN

CREME DENTAL ESPECIAL PARA FUMANTES

DA VIDA NADA SE LEVA.

A todos os homens e mulheres, desiludidos de alcançarem a suprema felicidade humana, recomendamos as famosas Pilulas Maratú, aprovadas e licenciadas pelo D. N. Saúde Pública como tônico nervino no tratamento da estenia neuro-muscular e suas manifestações e isentas de qualquer ação nociva. As Pilulas Maratú são fabricadas com extratos de Catuaba e Marapuama (Acanthes Virilis), duas plantas de virtudes extraordinárias a que existem abundantemente em alguns Estados do norte do Brasil. Aliás, elas já eram conhecidas desde longa data pelos genios brasileiros que as usavam como poderoso tônico e levantador do sistema nervoso. Quando alguém sentir uma ligeira depressão no ritmo normal da sua vida, mesmo que seja devido à idade avançada, deve recorrer a estas pilulas, que darão, não só o entusiasmo perdido, como ainda, uma sensação de bem-estar e alegria de viver. Deixem de pessimismo... Tomar as Pilulas Maratú é saber gozar a vida, mesmo porque, da vida nada se leva.

A vida de Santo Inácio de Loyola

(Continuação da pág. 29)

Sua voz fascina os homens. Ainda quando não vá ajazada pela gramática mais exigente. Os homens sentem-se dominados por um olhar imperioso que revela o espírito do guerreiro. As mulheres rendem-se ao contacto de suas idéias. Nem um milheiro de livros escritos por seus cultos colegas, que dele se haviam desresponsabilizado, poderia fazer o número de prosélitos que Inácio consegue com um único sermão. A sua é uma arte verdadeiramente criadora.

Moços ricos, fidalgos e idealistas aproximam-se do pregador. Como ele, são ativos, irrequietos, e estão prontos para uma cruzada. Sentem-se descontentes, sem poder precisar a origem do seu mal-estar. Há no ar um odor de putrefação mortal. O cheiro de corações em desintegração.

Instintivamente se reúnem em torno de Inácio para formar uma pequena sociedade. Escutam a voz que vem das primeiras ordens de cavalaria — dos tempos em que os membros do mesmo sangue formavam um clã unido contra o inimigo comum. Percebem uma grande cisão na alma das coisas. Sabem que são uma ilha verdejante de fé no meio de um mar morto. Pronunciam juntos o voto de lealdade em Notre Dame de Montmartre, pelos meados de agosto de 1534. Depois descem à rua. Que vão fazer, com o seu número formidável — sete, ao todo? Não podem mudar a face do mundo. No entanto, eles se sentem beatificados. Reuniram todos os seus haveres num fundo comum, para a aventureira empresa. Mas aonde vão?

Um dia, Inácio orava ajoelhado numa capelinha quando Jesus se manifestou a ele. A voz do Salvador dizia: «Em Roma eu te favorecerei». De modo que Inácio convocou a reduzida sociedade, e todos se puseram em marcha para a Cidade Eterna. O caminho que tinham diante de si era claro.

V

A vida de Inácio veio encontrar-se com a história em poderoso impacto, na encruzilhada da Cidade Eterna. O papel do seu destino, na urdidura universal, foi-lhe revelado num lampejo pelo Espírito do Tecelão. Loyola sempre desejara ser um batalhador da religião. E nesse momento se travava uma batalha tremenda. A sacra instituição do Papado fôra abalada até os alicerces pela revolta de Martinho Lutero. Para sobreviver, o Santo Padre necessitava de socorro — não de seus filhos imbeles, mas dos militantes. A época era de acampamentos e exércitos móveis. As ordens antigas — franciscanos, agostinhos, cartuxos, — eram os não-combatentes que sustentavam o moral da frente interna. Mas Inácio concebeu o plano de uma nova ordem de monges que serviria sob o comando do Papa na primeira linha. Seriam as tropas avançadas, na vasta zona de guerra do espírito.

Requeru ao Papa Paulo III que lhe reconhecesse o grupo de voluntários de Montmartre sob o nome de «Sociedade de Jesus». A nova companhia não pretendia levar a vida sedentária de um convento, onde se devotasse à meditação e à prece; estaria sempre «alerta, pronta para a ação». Correria o mundo inteiro sob as ordens de Paulo III, prestando contas unicamente a ele; seria a sua guarda especial, que devia plantar o estandarte católico nos países pagãos e restaurar a fé onde ela tivesse recuado ou esmorecido.

Gradualmente tomou corpo no espírito de Loyola a idéia de uma nova Roma, erigida sobre as ruínas da Roma antiga. Suas tropas empreenderiam uma nova cruzada. Os batedores do mundo em chamas! «Na guerra, os batedores não cumprem tarefa menos importante que os soldados de linha, assim como os engenheiros que cavam minas subterrâneas não fazem menos, para solapar a força do inimigo, do que os homens que assaltam a fortaleza depois de derribadas as muralhas... Estou a ver os nossos homens, uma cavalaria ligeira apercebida para resistir ao inimigo, atacá-lo e retirar-se, travar escaramuças ora aqui, ora acolá, — as mais poderosas armas do arsenal — o ensino, a predica, a catequese... A primeira companhia móvel a

serviço de Cristo. Onde quer que haja pagãos, para lá mandará Loyola a sua legião de padres. Uma legião despida de todos os empecilhos de pátria e lugar; presa unicamente pelos votos de pobreza e castidade, e pelo compromisso com a «desamparada, solitária, inominada» aventura. Uma legião internacional de fé, pugnaz e sofredora.

O Papa e seus conselheiros escutaram com urbanidade. Mas se mostravam francamente cétricos e desinteressados relativamente a qualquer nova irmandade monástica. Várias das antigas ordens haviam degenerado da antiga pureza de ideais, «dando lugar a novas formas de relaxação». Os escândalos, provocados por muitos desses frades, tinham servido de explosivo para a propaganda de Lutero. Sim, o plano de toda ordem nova sempre apresentava as medidas ideais. Mas o material de construção, a estrutura do edifício acabado? Quanta madeira podre, quantas arestas mal lavradas, quantos alicerces defeituosos? As autoridades não sabiam praticamente nada sobre as habilitações do arquiteto. Onde fizera a aprendizagem da profissão? Porventura tinha edificado grandes catedrais, ou sequer uma palhoça campesina capaz de resistir ao primeiro assalto das intempéries?

O Papa vacilava; mas Inácio não tardou a dissipar-lhe as perplexidades. E cautelosamente o Sumo Pontífice concedeu permissão ao «estouvado do Loyola» para que aplainasse o terreno e fizesse a experiência. «Nada de imponente, fique entendido». O edifício devia ser uma construção modesta, de um único pavimento. A inscrição na Ordem devia ser restringida a sessenta membros, nem um mais. A 27 de setembro de 1540, Paulo III pegou da pena e assinou o deferimento da petição. Nascera a Sociedade de Jesus.

VI

Durante dezesseis anos, um segundo César dirigiu de Roma as suas legiões. Era um novo tipo de César — um homem que «consolidou um império sem território». Não recebeu vinte e três punhaladas. Nem sequer solicitou uma coroa. Quando o seu exército de padres o proclamou general, ele aceitou a honra com humildade muito pouco romana. Realizava tarefas de ajudante de cozinha.

Entretanto, o Estado romano jamais apoiaria tão firmemente um César como o fazia a Sociedade de Jesus. Os jesuitas — como os apelidaram seus inimigos — marchavam sob o lema «E' necessário obedecer, mas não viver». Loyola inculcava em cada uma de suas coortes o ideal militar da obediência, como uma «ciência e arte em que primar».

Preparara inicialmente os seus prosélitos para uma peregrinação a Jerusalém. Mais tarde, porém, compreendeu que havia uma cruzada muito mais importante por empreender. «O céu fechou as portas da Palestina a fim de abrir as do Universo».

O Papa cancelara todas as restrições relativas ao tamanho da Sociedade, e o número de seus membros multiplicava-se espantosamente. Começou a espalhar-se a grande vaga da «contra-revolução oposta aos Luteranos». Loyola enviava seus soldados à Suíça, à Polónia, à Irlanda, à Alemanha, — e por toda parte as duas hostes se enfileiravam sob os signos da Bíblia e do ícone, prontas para o combate. O Papa e os príncipes dispunham de vastos exércitos para solucionar a questão — se preciso — com a espada. Mas em muitos casos a palavra era mais eficaz. Os jesuitas entravam nas fortalezas do inimigo, pregando, e com sua propaganda abriam o caminho para o ataque final. Uma palavra podia abalar um exército e decidir a batalha. A guerra psicológica pode conquistar um continente.

Loyola tornou-se mestre nessa guerra psicológica. Era o voto de obediência, pronunciado, um por um pelos padres, que servia de raiz e cerne ao plano de conquista de Loyola. Esse plano era uno e indivisível, e não o produto de vários cérebros. O «cérebro único» era Roma. «Eu não me pertenco» jurava cada jesuita. «Pertenco Aquele que me criou, e aquele que ocupa na terra o seu lugar, para que me dirija e governe como se molda a cera. Em primeiro lugar, devo ser como um corpo morto, sem vontade e sem inteligência. Em segundo lugar, como um crucifixo, que pode ser virado

Uma mulher pode conservar-se sempre jovem e bela

Para uma mulher se conservar sempre jovem e bela deve ter os seus órgãos femininos em perfeita saúde. E a mulher sabe que os seus órgãos femininos estão em perfeita saúde pelo bom funcionamento de suas regras. Se as regras são anormais, isto é: diminutas ou abundantes, dolorosas, repetidas ou atrasadas indicam enfermidade grave que deve ser combatida com um dos dois Reguladores Xavier. É-lhe fácil saber o número que lhe convém. O N.º 1 só serve para os casos de regras abundantes, repetidas, prolongadas, hemorragias e suas consequências: dores, vertigens, insônia, nervosismo, fadiga, etc. Já o N.º 2 tem aplicação inteiramente diversa e só serve para os casos de falta de regras, regras atrasadas, suspensas, diminuídas e suas consequências: anemia, cólicas uterinas, flores brancas, insuficiência ovariana, etc.

Tal como exige a ciência e o bom senso, o Regulador Xavier é fabricado em duas fórmulas diferentes atendendo às duas naturezas diferentes dos males femininos.

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface «Brilhante» ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantada à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O creme de Alface «Brilhante» permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas, as impurezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface «Brilhante». Experimente-o.

E' um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas.



CABELLOS BRANCOS

CASPA
Queda
dos
Cabellos

JUVENTUDE
ALEXANDRE



A INDÚSTRIA DO DISCO

A indústria do disco, é, sem dúvida alguma, uma das mais promissoras no momento. Poucos ramos apresentam tão grande futuro no Brasil, principalmente numa época como a que atravessamos, em que os aparelhos moderníssimos que estamos importando oferecem mesmo vantagem em se adquirir bons discos. As fábricas, todavia, lutam com a dificuldade de matéria prima e não dão conta das encomendas que recebem cotidianamente do comércio. Toda espécie de música que seja exposta à venda em gravação, é, imediatamente, adquirida. Até mesmo as péssimas gravações nacionais, feitas de má vontade com flauta, cavaquinho e violão, são vendidas do dia para a noite. As gravadoras, todavia, tiram edições de duzentos ou trezentos discos brasileiros, somente para dar uma satisfação aos autores. Quando são esgotados, por que se esgotam rapidamente, deixam as fábricas de lançar novas edições. Alegam sempre a falta de matéria prima. Mas o diabo é que essa falta de matéria é somente para as gravações nacionais. Porque há sempre matéria para reproduzir entre nós as matrizes que são importadas do estrangeiro e regravadas aqui... Por tudo isso, a indústria do disco não é ainda uma realidade entre nós. Um aconchego nestas irregularidades, todavia, seria oportuníssimo e são para o meio musical...

NESTOR DE HOLANDA

SAID I TO MY HEART, SAID I

Letra de E. Y. Harburg. — Música de Earl Robinson.

Look away, look away
Said to my heart, said I
Never trust yourself with a summer sky,
a rambling arm, a roving eye.
Ev'ry summer kiss brings a autumn
[sigh,

Said I to my heart, said I.

Look away there's trouble,
A stranger has come to town.
Look away big trouble
His (her) eyes are too soft and brown,
[brown, brown.
Oh, does he (she) think to win you with
[song and sigh,
With rambling arm, and roving eye?
Does he (she) think he'll (she'll) smile
[and away you'll fly?
Said I to my heart, said I
Goodbye, said my heart, goodbye.

HONEYMOON

Letra de Hough e Adams. — Música de Joseph E. Howard.

When you see the Honeymoon, dear,
When it throws its light on you,
All the world is just as bright as moon,
[dear,
All your fairy dreams come true:
Then no one is poor at all, dear,
You'll be dressed in cloth of gold,
Only have a care, you had best beware,
When the golden Honeymoon grows old.

Honeymoon, Honeymoon
Wonder why you set so soon,
Hearts are broken when you die, Honey-
[moon:

Sadder maids, wiser men,
Watch you fade away, and then,
Know you'll ne'er return again, Honey-
[moon...

When the Honeymoon is gone, dear,
Don't you ever mind or care,
Soon will come the silver threads of dawn,
[dear,
Where the moon beams kissed your hair,
Keep what memories you may, dear,
For the dawn of life is cold,
When the dreamlife ends, memories are
[friends,
When the golden Honeymoon grows old.

"BEM-TE-VI" ATREVIDO

Letra e música de Lina Pescé.

Quem não conhece esse pássaro indiscreto,
ferrabrás e irrequieto,
Que seu ninho faz aqui,
Repare bem como os casais de namorados
ficam todos assustados
quando ouvem "bem-te-vi..."
E veja só como esse pássaro de sorte,
que tem voz vibrante e forte,
e não fez curso de canto,

solta seu grito — "bem-te-vi..."
que estardalhaço
faz sua voz, que, enchendo o espaço,
desafia qualquer cantor.

E' um passarinho atrevido e pretensioso,
malcriado e presunçoso
Que não para de gritar.
E, enquanto faço os exercícios no teclado,
vem, até, com seu "trinado"
meu estudo atrapalhar.

Ó! Bem-te-vi, Ó! Bem-te-vi,
para te ouvir
eu não sei o tempo que perdi.
Ó! Bem-te-vi, Ó! Bem-te-vi,
sé mais discreto
Pois bichinho assim eu nunca vi.

Si vocês querem conhecer a minha terra
As belezas que ela encerra
Não lhes vou dizer aqui;
mas eu aviso a quem ouvir este chorinho:
No Brasil ha um passarinho
que se chama "BEM-TE-VI".

TORMENTO

Samba de Haroldo Lobo e Wilson Batista.

Ai meu Deus,
Todo o mal que eu fiz
Foi gostar da mulher
Mais cruel deste mundo.
Meu sentimento é profundo, é
Já não vivo em paz.
Eu vou fumar, vou beber,
Procurar esquecer
Mas amar... nunca mais.

II

Logo meu primeiro amor
Teve a vida de uma flôr
Eu vou fumar, vou beber,
Procurar esquecer,
Mas amar... nunca mais.

AVE MARIA NO MORRO

(Samba-canção)

Letra e música de Herivelto Martins.

Barracão de zinco
sem telhado,
sem pintura,
lá no morro
barracão é "bungalow!"
Lá não existe felicidade de arranha-céu,
pois quem mora lá no morro,
já vive pertinho do céu!

Tem alvorada,
tem passarada,
alvorecer,
sinfonia de pardais
anunciando o anoitecer

e o morro inteiro)
no fim do dia)
reza uma prece — AVE MARIA!) bis
AVE MARIA! AVE MARIA!)

E quando o morro escurece
eleva a Deus uma prece...
AVE MARIA!...

de um lado para outro. Em terceiro lugar, devo ser como um bordão nas mãos de um velho, de modo que ele possa colocar-me onde quiser, e onde lhe for mais útil.

No entanto, o governo dos jesuitas não era um despotismo. A obediência dos seus membros não era a obediência passiva prestada aos antigos césares. Ao contrário, era uma obediência ativa, agressiva e voluntária, aceita livre e orgulhosamente, a um santo moderno. Não a fidelidade subserviente do escravo ao amo, mas a fidelidade de todos a todos, em serviço da causa comum.

Inácio fez para a sociedade uma constituição que limitava o próprio poder dele e em certos assuntos concedia a mais ampla ensanchar ao poder dos seus subordinados. Em geral, havia duas espécies de membros — os clérigos e os regulares. E, entre os clérigos, só alguns dos chamados Professos pronunciavam um voto especial ao Papa e se dedicavam à tarefa arriscada de converter. Os outros membros se devotavam ao trabalho, menos perigoso, de ensinar. Mas todos estavam preparados para seguir o mesmo propósito. «Nesta escola somos ensinados a adotar uma pobreza rica, uma escravidão livre, uma humildade gloriosa». Entre as fileiras havia um senso de estrita democracia. Nenhum era menos grande que os outros.

Pronunciavam os votos de pobreza e castidade, e não desfrutavam benefícios eclesiásticos. Não esperavam recompensas por seus serviços e recusavam-se a aceitar o que quer que fosse do mundo. A diferença das outras ordens, não usavam uniforme especial, com que se distinguem. Pois, permanecendo exteriormente anônimos, podiam executar melhor suas missões secretas. Nenhum emblema físico exterior, mas uma divisa moral interior. Ad Majorem Dei Gloriam — Para a Maior Glória de Deus.

E naquele tempo se fazia mister que os jesuitas restabelessem a glória de Deus. Para muitos de seus correligionários a piedade perdera a significação primitiva. A virtude viera a ser identificada com a virtuosidade, a prece com a pretensão, a felicidade com a riqueza. «Como? o Paraíso está fechado aos que não têm dinheiro?», perguntavam Martinho Lutero e seus adeptos, que se tinham separado da Igreja.

E os jesuitas responderam — não somente com palavras, mas com atos — levando a toda parte a misericórdia divina, superando dificuldades, morrendo debaixo de céus desconhecidos, restaurando fés perdidas, ressuscitando esperanças mortas — «um espetáculo para anjos e homens».

E o comandante da campanha, juntamente com o estado-maior, elaborava os planos no seu jardim. Cercavam-no as côres da natureza italiana, cuja magnificência Rafael fixava para a eternidade naquele mesmo momento.

Loiola sentia que o seu olho era o do leigo. Não era um artista, mas um simples artesão da fé. Poderia também, como aquele pintor do divino em forma humana, produzir uma obra-prima que perdurasse através das idades? Seria capaz de prever o que, três séculos depois, diria da sua ordem o historiador protestante Macaulay? «A despeito de oceanos e desertos... de delatores e leis penais, de masmorras e rochedos... os jesuitas são encontrados sob todos os disfarces, em todos os países; letrados, médicos, comerciantes, fâmulos, na corte hostil da Suécia, nas velhas mansões do Cheshire, entre as choças de Connaught. Discutindo, instruindo, consolando, estimulando a coragem dos tímidos, erguendo o crucifixo diante dos olhos dos moribundos».

Mas Inácio não se preocupava com os louvores que pudesse receber. Interessava-se apenas pelos serviços que poderia prestar.

VII

Aos quatro cantos da terra eram enviadas missões, do jardimzinho italiano onde Inácio traçava os planos da sua batalha de misericórdia. As cidades da China e às ilhas do Japão. As províncias espanholas da América do Norte, às colônias negras de Cartagena, aos estabelecimentos indígenas do Paraguai, México e Brasil. As florestas da África, às planícies do Indostão, e através das cordi-

AS MULHERES LINDAS AFIRMAM:



RUGOL

facilita o tratamento da pele porque equivale a 2 CREMES NUM SÓ!

O Creme Rugol simplifica extraordinariamente o seu tratamento de beleza, por ser ao mesmo tempo um creme embelezador e de limpeza! Suaviza, clareia e nutre a pele. E serve também como excelente creme-base. Rugol é muito indicado nos casos de pele imperfeita, com espinhas, cravos, rugas ou manchas. Comece a usar hoje mesmo o Creme Rugol, que dá à cutis maravilhosa brancura-diáfano esplendor de primavera...



Quase todas as imperfeições da cutis nascem nas chamadas camadas subcutâneas, onde é necessário estimular e nutrir a pele.



Aplicar Rugol todas as noites, com massagens de 3 a 5 minutos.

CREME
RUGOL

Mantém em segredo sua idade, porque LIMPA, CLAREIA E EMBELEZA A PELE

Números atrasados desta

Revista no Pará

Pedir a

Albano H. Martins & C. ^{ia}

Travessa Campos Sales, 58

BELEM

**GRIPE
RESFRIADOS
NEURALGIAS**



**DÓRES
de CABEÇA**

TRANSPIROL

A NOVA LEI DA Suntuosidade

(Cont. da pág. 33)

Muitas vezes na história movimentada da moda feminina os modelistas e as elegantes viram-se às voltas com

reis freando sua imaginação e seu gosto pelo luxo dos tecidos e pelos feitos caprichosos: as chamadas "leis suntuárias". Parece que pouco adiantavam, pois, durante a vida de Velasquez, em 1623, foi publicado em Madrid um sumário de toda a legislação suntuária reformada, e, no entanto, todos os modelos deste grande pintor da Corte castelhana usavam — como se vê nos seus retratos — cetins, veludos, rendas, tecidos brochados e entremeiados de fios de ouro e prata; aqueles mesmos que a moda de hoje se compraz em imitar! Dir-se-ia até que uma nova "lei da suntuosidade" — uma lei ao avesso, entende-se, — rege a moda atual dos vestidos de noite, tal a riqueza das fazendas e o uso lesenfreado que delas fazem os modelistas — tanto nos modelos drapados, inspirados no estilo da época dos impressionistas, quanto naqueles de saia ampla e franzida que parecem "retratos" dos retratos de Velasquez.

Se as leis suntuárias de outrora sempre foram uma reação das autoridades contra um luxo vestimentário exagerado, é excusado dizer que a lei do luxo de hoje também é uma reação, no sentido contrário, uma reação contra as restrições impostas pelas circunstâncias de guerra, na Europa e nos Estados Unidos. Entretanto, estas restrições ainda vigoram oficialmente na Inglaterra, onde cada mulher e cada homem têm direito a tantos "pontos" por ano para se vestirem da cabeça aos pés, do chapéu até o calçado, do lençinho de bolso até as luvas; para qualquer artigo de fazenda ou de couro é preciso apresentar os tais "pontos", e cada um deve fazer um estrito programa do seu guarda-roupa durante o ano inteiro, sem o que poderia ficar descalço, embora usando um casaco de pele custoso. Também as elegantes londrinas andam queixando-se das saias longas e amplas cuja moda foi lançada do outro lado do Canal da Mancha, sem piedade para elas. E a clássica tradição britânica do vestido de noite obrigatório, até para um simples jantar entre amigos íntimos, vai aos poucos perdendo seus adeptos, já que não há jeito de "reformar" segundo a moda nova um vestido de ontem, por mais belo que seja. Mesmo no Covent Garden Opera House, o mais elegante teatro de Londres, para um gala de "ballet" quase todas as espectadoras aparecem de vestido curto. Mas Paris insiste... Quem vencerá — a sede de luxo, a sedução da fruta proibida, ou a lógica implacável dos cálculos econômicos?

Estação d'águas

(Cont. da pág. 21)

sa atrapalhada que melhorava milagrosamente com aquela dose d'água. Margarida me olhava, contentíssima: — Está vendo os exemplos, Fernando? Eu bem que le dizia que você devia vir às águas também!

Não, eu não diria mais nada, aguentaria agora tudo o que Margarida quisesse. De que servia lhe dizer que eu não tinha nada no fígado, precisava apenas repousar? Ela fôra ao médico por mim, contara uma história horrível, o homem me despachara para as águas. Agora eu devia sofrer; se reclamasse, a própria reclamação serviria de argumento contra o meu pobre e inocente fígado.

— Ih, Fernando, depressa! Já estão passando cinco minutos da outra dose!

Corri à fonte, apanhei a água e comeci a beber com sofreguidão. Mas Margarida me puxou o palitô e falou baixinho:

lheiras do Himalaia, às alturas geladas do Tibet.

E a toda a extensão da Europa. «Vimos ferir a batalha da fé contra a incredulidade». Confiando na arma do espírito, semearam a Europa de «acampamentos romanos de estudos» — universidades de educação católica. Iniciaram milhares e milhares de fiéis em «todos os segredos da ciência», desde a gramática mais elementar à teologia mais transcendental. As escolas jesuítas foram o campo de adiestramento de cardeais, imperadores, papas. E de alguns dos maiores autores teatrais, filósofos, cientistas e soldados do mundo — Molière, Descartes, Bossuet, Montesquieu, Galileu, Buffon, Wallenstein, para só citarmos uns poucos.

E todos esses frutos da instrução foram plantados por um homem cujos erros de gramática eram tais «que só um santo pode ter a esperança de ver perdoados, quer neste mundo, quer no outro».

O inculto «pai da cultura» viera em socorro da Igreja na hora em que esta declinava. Insuflara novo alento numa instituição ameaçada exteriormente pelo excesso de casuística, e interiormente pelo excesso de confiança». Pois Lóiola incutira em seus subordinados uma idéia salvadora: «A ambição, a esperança de promoções, é a mãe de todos os males». E o seus acólitos tiveram o arrôjo, não só de crer, mas de viver essa idéia.

(Do livro «Vidas de grandes capitães da Fé».)

A vida de S. Francisco de Assis

(Continuação do número anterior)

A cortesia era, quicá, o traço predominante do caráter de São Francisco.

Tratava a mais ínfima das criaturas com tanta consideração como à maior. Era-lhe mais fácil pedir desculpas a um mendigo do que inclinar-se diante de um imperador. Alguma vez deve ter baixado a voz em presença das próprias árvores e flores, para não lhes perturbar o sono. Sua humildade não era a do servilismo, mas a do completo desinteresse de si mesmo. Ele não tinha tempo nem desejo de se preocupar com a sua pessoa, tamanho era o seu prazer em preocupar-se pelos outros. O mundo todo era para São Francisco um mundo de reis, e ele o seu vassalo pressuroso.

V I

Unicamente uma vez São Francisco falou em tom irado aos seus semelhantes. Acabava de regressar de sua Cruzada de Paz ao Oriente. Os discípulos o rodearam com um coro de aclamações. Comunicaram-lhe que, na sua ausência, haviam instalado para a missão uma sede magnífica em Bolonha. Mas ele ergueu a mão e deteve as manifestações de júbilo. «Dizei-me, meus condiscípulos na escola da Dama Pobreza, desde quando achastes necessário insultá-la com o fausto de um palácio?»

V I I

E assim vagueava pelo mundo esse «irmãozinho dos pobres», consumido pela paixão de praticar o bem. Por fim a sua vitalidade fraquejou, e São Francisco voltou à terra natal. Era agora um ancião — quarenta e quatro anos, pela medida usual do tempo; séculos de existência, de acordo com o estalão mais exato da atividade indefessa e do nobre sofrimento. Apesar da vista cada vez

mais débil, seguira avante, qual feliz menestrel do Senhor, «cantando ao andar», até o fim do caminho. E o fim, como o princípio, era a sua cidade de Assis. «Se fores a alguma parte ou fizeres alguma peregrinação», dizia, «volta sempre à tua terra. Pois essa é a sagrada casa de Deus».

Na «sagrada casa de Deus» ele se deitou para morrer. Serviu-lhe de leito o chão nu — a sua «amada Mãe-Terra»; e os companheiros presentes à última vigília foram um punhado de franciscanos e uma multidão de suas irmãs, as aves. Logo antes do fim, Francisco abriu os olhos e abençoou a todos. «Benditos sejam teus filhos, Senhor... Felizes os que vivem em paz... Abençoado sejas tu, Senhor, por nossa irmã, a vida, e por nossa irmã, a morte... Felizes os que, à hora da morte, são encontrados na obediência ao teu santo mandamento — **Amai-vos uns aos outros.**

E, com essa bênção nos lábios, adormeceu.

Entretanto, não foi uma felicidade irrestrita, a que desfrutou nos últimos instantes. «É uma triste ironia», escreve Gilbert K. Chesterton, «ter São Francisco, que sempre desejou ver todos os homens em concórdia, morrido em meio a crescente discórdia». Fizera o voto de

— Devagar, Fernando, senão não presta. O médico diz que a água deve ser sorvida aos golinhos.

E sorvi a água aos golinhos, como o médico recomendou. Depois me sentei um pouco, que era para a água ser absorvida. Margarida ia me explicando isso e sorria de contente ao ver-me obedecer. Afinal, dizia, eu estava tomando julzo e fazendo a cura dentro dos requisitos recomendados ao bom aquático.

Assim foi durante trinta dias. Os livros que levei para ler continuaram fechados, os planos de trabalhos a executar jamais tiveram oportunidade de ser postos em prática. Margarida não me deixava um momento de folga, desde as cinco da manhã às nove da noite. Por que eu tinha que dormir às nove da noite, depois de andar meia hora após o jantar, para facilitar a digestão...

A custo de tantas recomendações, de tantas cautelas de Margarida, habituei-me a não reclamar mais nada. Ela dispunha de mim para tudo, decidia passelos a pé, ao sol, interrompia o meu sono depois do almoço, enchercava-me de água, bebida aos goles por causa da radiação. E forçava-me a ouvir a história de todos os aquáticos, na fonte ou no hotel, a tomar parte em discussões sobre política, a jogar vispora. Vispora! Sim, confesso humildemente que joguei vispora, em horas intermináveis, que ri das graças de cavalheiros de idade indefinida, que eu também (eu também!) chamei as pedras pelos seus apelidos — «o pai do saco» (risos), «os patinhos da lagoa» (risos, risos... e a mocinha ingénua que não sabe o que é...) «a idade de Cristo» (e o senhor calvo que emenda logo: «trinta e três!»). Confesso, humildemente, que tudo isso eu fiz, eu, corretor de imóveis e da bolsa, homem que prima, na sua vida pública, pela seriedade, pela sobriedade das palavras, pela gravidade das ações.

Dei graças a Deus no dia em que Margarida me mandou arrumar as malas para a volta. A noite, depois de fazer todos os embrulhos, Margarida ainda suspirou, triste:

— E' uma pena, Fernando, que a gente vá agora. Você estava se dando tão bem, o seu fígado melhorou tanto... Não acha melhor a gente demorar mais uns dias, para solidificar a sua cura? Afinal, uma semana a mais...

— Nunca, Margarida, nunca! Agora está tudo arrumado; teremos que partir pelo trem de amanhã!

Pela primeira vez, em trinta dias, venci Margarida. Ela reconheceu que, afinal, já estava em tempo de regressar. Ainda lastimou, em voz baixa, aquela volta tão cedo, aquela cura incompleta. Mas, estirando-se na cama, concordou, afinal:

— Está bem, Fernando, voltemos amanhã. Mas não se esqueça de acordar mais cedo para ir à fonte encher as garrafas para a gente levar.

E num último sussurro:

— E' mais um dia de estação que se faz no trem... Dêsse jeito o seu fígado recebe mais esse benefício...

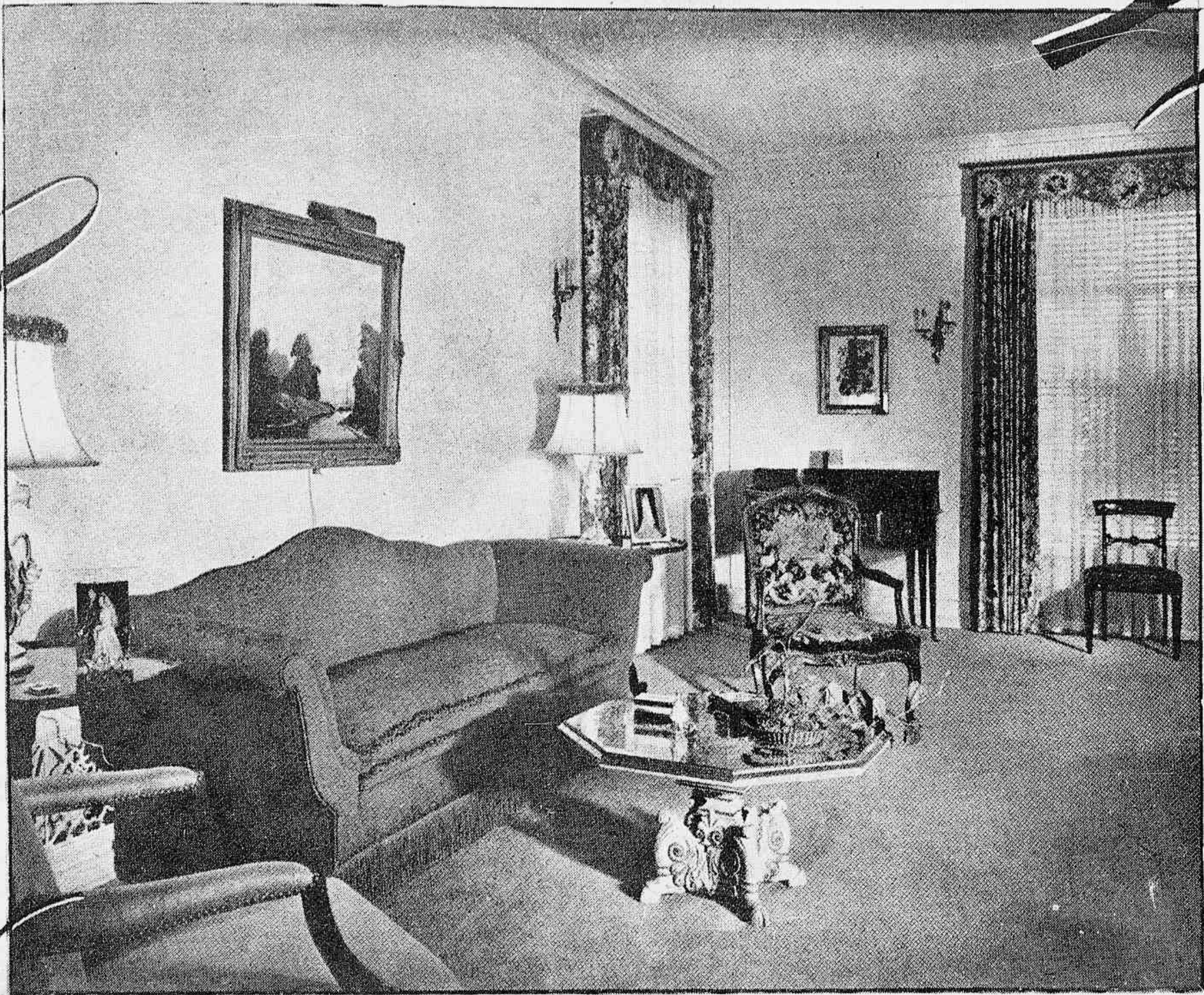


extrema pobreza. Inspirado no comunismo dos cristãos primitivos, prenunciava os seus frades franciscanos contra o perigo de possuir bens. Pois, como lhes dizia, «se tivéssemos posses, precisamos de armas... para as defender». Um trovador de Deus, insistia, não deve possuir senão a sua harpa. Contudo, viveu o bastante para ver levantarem-se ricos monastérios em seu nome, e os franciscanos esquecerem os votos de pobreza entre as acaloradas disputas em torno dos bens eclesiásticos.

Boa parte dos franciscanos, porém, até hoje se conserva fiel ao espírito de São Francisco. Porque nesse povoado de Dio da Umbria, «o único democrata inteiramente sincero do mundo», reconheceram o sorriso de Deus feito carne.

(Do livro «Vidas de grandes capitães da Fé».)

TEM FALTA DE APETITE?
DYNAMOGENOL VIDA DO CÉREBRO
VIDA DOS MÚSCULOS
VIDA DO CORPO



TRADICIONAL QUINZENA DOS TAPETES

Tapetes e passadeiras de forração

NACIONAIS, FRANCESES, INGLESSES, AMERICANOS, PORTUGUESES, INDIANOS, PERSAS (LEGÍTIMOS), ETC.

A preços que convêm



fundada em 1912

65, RUA DA CARIOCA, 67 - Rio

Orçamentos e sugestões por técnicos especializados em decorações

Prusa



CIA DE CIGARROS
Souza Cruz